A Monsieur Ferdinand Denis

souvenir de son très dévoué

[signature]

Porto Janv. 80.

ADVERTENCIA

A biographia de Francisco de Hollanda, promettida a p. IX, *nota*, fica reservada para depois da publicação dos outros manuscriptos.

A Monsieur Ferdinand Denis

souvenir de son tout dévoué

Porto Janv. 80.

ARCHEOLOGIA ARTISTICA

N.º 6

TIRAGEM, 100 EXEMPLARES (1)

N.º 10

N.º 1 — LUIZA TODI.
N.º 2 — A IMPRENSA PORTUGUEZA NO SECULO XVI. *(Ordenações do Reino.)*
N.º 3 — ENSAIO CRITICO SOBRE O CATALOGO DE EL-REY D. JOÃO IV.
N.º 4 — ALBRECHT DÜRER E A SUA INFLUENCIA NA PENINSULA.
N.º 5 — CITANIA.
N.º 6 — FRANCISCO DE HOLLANDA:
a) Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa.
b) Da sciencia do Desenho.
N.º 7 — GOËSIANA *a)* O retrato de Albrecht Dürer, com duas photographias (50 ex.).
N.º 8 — » *b)* A Bibliographia (50 ex.).

(A sahir)

N.º 9 — » *c)* As cartas latinas; edição critica, contendo quasi o duplo da ed. de 1544.
N.º 10 — » *d)* As Variantes *(Operum omnium).*
N.º 11 — » *e)* Damião de Goes e o seculo XVI. Monographia.

(1) A tiragem do fasc. n.º 4, foi de 100 e não de 200 ex., como se lê na respectiva edição. O fasc. n.º 5 foi, *por excepção,* de 150 ex. O fasc. n.º 6, é de 100 ex., tiragem que foi fixada desde o n.º 4.

RENASCENÇA PORTUGUEZA

ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ARTISTICAS E LITTERARIAS DE PORTUGAL
NOS SECULOS XV E XVI

IV

FRANCISCO DE HOLLANDA

DA FABRICA QUE FALLECE Á CIDADE DE LISBOA
— DA SCIENCIA DO DESENHO

EDIÇÃO CRITICA
(Segundo o autographo inedito de 1571)

POR

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA

MDCCCLXXIX

Salve, vrbs occidui orbis imperatrix,
Regina Oceani procul sonantis,
Verę vrbs regia, regibusq̃ grata!
Salue, huius columen caputq̃ regni
Magnarum decus vrbiumq̃, salue!

In laudem clariss. ciuit. Olysippon.
Iacobo Menœtio Vasconcello auctore.
MDLXXV. Opera Resend., ed. Romae, 1597, p. 366.

FONTES

PARA A

HISTORIA ANTIGA DE LISBOA

A presente lista não tem a pretenção de ser completa. É um primeiro subsidio, e como tal imperfeito; comtudo, por elle provaremos que esta edição não se tratou de leve, porque quasi tudo o que citamos foi examinado.

Consideramos *historia antiga* de Lisboa tudo o que é anterior ao terremoto (1), que alterou profundamente a antiga physiognomia da capital. O exame de todas as fontes citadas seria inutil sem um estudo serio dos planos da antiga cidade, por isso os collocamos á frente. O de Tinoco (1650) merece o primeiro logar, por isso que é topographico; os outros, posto que anteriores, são apenas *á vista de passaro.*

A. 1650. Planta da cidade de Lisboa em que se mostrão os muros de vermelho com todas as Ruas & praças da cidade dos muros a dentro cō as declarações postas em seu logar. Delineada por Ioão nunes tinoco Architecto de S. Mg.de Anno 1650. Inf. max. obl. Fac-simile lith. da Imprensa Nacional em 1853. (Em nosso poder.)

(1) As obras posteriores ao terremoto vão citadas no fim, resumidamente.

B. s. d. Fim do seculo XVI. Gravura anonyma. *Olissipo,* quæ nunc Lisboa, ciuitas amplissima Lusitaniæ, ad tagum, to (tius) Orientis, et multarum insularum Aphricæque et Americæ emporium nobilissimum.

Este plano pertenceu a uma obra franceza in-fol. (pois tem texto francez no verso), talvez á traducção de Braun & Hogenberg. Uma planta de Braga, tirada evidentemente da mesma obra, tem a data 1594. Grav. em cobre (1). Este plano é precioso porque tem a indicação certa de 140 edificios publicos e particulares. (Em nosso poder.)

C. s. d. *Lisbona.* Principio do seculo XVII. Grav. anonyma. Esplendido plano (tirado á vista de passaro, como o antecedente); magnifica gravura em cobre em 4 chapas, com um comprimento total de 2 metros 0,9 e 41 centim. d'altura. Parece-nos trabalho flamengo executado no principio do seculo XVII, posto que nos Paços da Ribeira falte o torreão construido por Felipe II em 1584 (como falta na vista antecedente); o gravador podia reproduzir uma vista anterior á sua época, talvez algum quadro ou panno d'armar. Os trajes dos individuos que figuram dentro dos barcos são evidentemente da moda hollandeza do principio do seculo XVII. (Em nosso poder.)

Este plano, notavel como obra d'arte, e ainda pela sua extrema raridade (não sabemos d'outro exemplar), é muito menos exacto do que o antecedente, como verificámos depois de um minucioso confronto com a planta topographica de Tinoco.

No *Archivo Pittoresco,* vol. IV, p. 241, acha-se uma vista antiga de Lisboa, que parece ser reducção d'este plano ou antes de alguma cópia d'elle. Se o auctor da noticia tivesse conhecido o plano anteriormente citado B., não teria errado a designação dos edificios; n'ella se diz tambem que a estampa que serviu á reducção tinha a data 1645; não tendo o nosso plano grande data alguma (nem nome d'auctor), é provavel que essa estampa de 1645 seja já uma reducção da grande, que é citada aqui pela primeira vez.

Na sala de espera da Bibliotheca Nacional existe uma vista de

(1) Acham-se ambas reproduzidas na obra de Colmenar *Les délices de l'Espagne & du Portugal.* Leide, 1707, vol. IV, p. 709 e 748, obra pouco conhecida e ainda menos lida, que contém 160 vistas, planos, etc., de cidades e fortalezas da peninsula.

Lisboa (lythographia) que parece ter sido feita sobre o mesmo plano grande. Para a confrontação com o estado actual vide os grandes mappas da Commissão geodesica.

I — HISTORIA GERAL

a) anterior ao terremoto (1755)

Titulos resumidos das fontes nacionaes. Abstrahimos aqui das fontes estrangeiras, que abundam de 1755 em diante, porque isso levar-nos-hia muito longe. Teriamos de citar a maior parte da litteratura de viagens á peninsula desde o seculo XV (1456–1457, Georg von Ehingen). Faremos excepção para um volume especial sobre Lisboa, muito raro, e anterior ao terremoto: *Description* de la ville de Lisbonne. A Amsterdam, chez Pierre Humbert, 1730. 8.º de XXVI, inn. 268 p. É talvez a primeira relação estrangeira especial, em data.

A desgraça de Lisboa provocou, desde o grosso volume de especulação dos jesuitas *(Reflexions sur le désastre de Lisbonne.* En Europe (sic) 1756. 8.º de XI, 542 p.) até Voltaire, Kant e Goethe uma serie de expansões mais ou menos interessantes. Os factos historicos estão porém nas fontes portuguezas.

Entre as revistas portuguezas, onde ha quasi sempre um ou outro artigo aproveitavel, devemos especialisar o *Panorama.* Lisboa, 1837–1858, 15 vol., e 1866–1868 mais 3 vol.; e *Archivo Pittoresco.* Lisboa, 1857–1868, 11 vol.

Tambem convem consultar as publicações officiaes da camara, que começam nas *Synopses* dos actos administrativos (1834–1853) e seguem depois para os *Annaes do Municipio* (1856), e ultimamente para o *Archivo Municipal,* de 1860 em diante. V. ainda as *Collecções de providencias municipaes,* desde 1833.

Oliveira (Christ. Rodrigues de)

Svmmario ẽ qve breuemente se contem alguas covsas assi ecclesiasticas como secvlares qve ha na cidade de Lisboa. Lisboa, por G. Galharde, 1551. 4.º Na Bibl. Nac., A-3-16. Reserv. Segunda repartição. Nova edição, 1755. 4.º

Anonymo. *Estatistica de Lisboa,* no anno de 1552. *Ms.* da Bibl. Nac. Tivemos conhecimento d'este precioso *ms.* em 1874, pelo nosso (fallecido) amigo dr. Ribeiro Guimarães, que deu d'elle extensos extractos. *Summario de varia historia.* Lisboa, 1875, vol. V, p. 1–37.

Goes (Damião de)

Urbis olisiponensis descriptio, etc. Eborae, apud Andream Burgensem, 1554. 4.° Na ex-Bibliotheca das Necessidades, hoje Ajuda. Reimpressões posteriores, 1602, 1603 e 1791, citadas extensamente em *Goësiana,* bibliographia, p. 7.

Vasconcellos (Luiz Mendes de)

Do sitio de Lisboa. Dialogo. Lisboa, por Luiz Estupiñan, 1608. 8.° Bibl. Nac. Novas ed., 1786 e 1803.

Oliveira (Nicolau de)

Livro das grandezas de Lisboa. Lisboa, por Jorge Rodrigues, 1620. 4.° Bibl. Nac.; Bibl. d'Ajuda, etc. Nova ed., 1804.

Anonymo.

Relaçam, em que se trata, e faz | hũa breve descrição dos arredores mais chegados à Cidade de | Lisboa, & seus arrebaldes, das partes notaveis, Igrejas, | Hermidas, & Conuentos que tem, começando logo | da barra, vindo correndo por toda a praya atè | Enxobregas, & dahi pella parte de | cima, até São Bento o nouo. | Com Priuilegio Real, & taxado, em 8 reis em papel. No fim: Com licença. Em Lisboa. Por Antonio Alvarez. Anno 1626. 4.°, de 16 pag. inn. Notaremos que as cifras 26 estão escriptas á mão. Pelo exame a que procedemos, parece-nos um resumo da obra anterior e talvez do mesmo auctor. I. da Silva, *Dicc. Bibliogr.,* VII, p. 68, diz que não viu tal livro e traz o titulo inexacto. Descobrimol-o na Bibl. Nac., n'um volume de Miscellaneas; Reserv. A-2-43. Figanière. *Bibliogr. hist.,* tambem o não cita.

Azevedo (Luiz Marinho de)

Primeira (e segunda) parte da fundação, antiguidades e grandeza... de Lisboa. Lisboa, na officina Craesbeeckiana, 1652, fol. Nova ed., 1753.

Rezende (Manoel Marques)

Espelho da côrte, em um breve mappa de Lisboa, etc., (em dialogo). Lisboa Occidental, na Officina da Musica, 1730. 4.°, 23 p.

Conceição (Manoel da)

Este auctor, que, segundo alguns, é um pseudonymo de D. José Barbosa, juntou á segunda ed. do *Summario* de Christovão Rodrigues de Oliveira, um supplemento sobre o estado de Lisboa em 1755, que é valioso, porque n'elle retrata a physiognomia da capital poucos mezes antes do terremoto.

Castro (João Baptista de)

O *Mappa de Portugal,* d'este auctor, começado em 1745 e concluido em 1758, trata na quinta parte (1758) da 1.ª ed. e no vol. III da 2.ª, do

estado da cidade, anterior e posterior ao terremoto. Incluimos este auctor na lista, porque elle viu ainda a capital no seu antigo esplendor, e consultou fontes hoje perdidas. V. 2.ª ed., vol. III, p. 84: *Multidão de seus habitadores,* e p. 90: *Novo plano regular da cidade.* É subsidio indispensavel.

b) posterior ao terremoto

Memorias das principaes providencias que se deram no terremoto... de 1755, por Amador Patricio (Francisco José Freire) 1758, fol., de xxx inn. 355 p. Relatorio official. Fr. Francisco de Santo Alberto, *Estragos do terremoto.* Lisboa, 1757. 4.º J. J. Moreira de Mendonça. *Historia universal dos terremotos.* Lisboa, 1758. 4.º (XII–272 p.) *Lisboa restaurada,* por Vicente Carlos de Oliveira. Ibid., 1784. 4.º *Descripção topographica*... de Lisboa. Ibid., 1835. 4.º *Descripção geral de Lisboa,* por Paulo Perestrello da Camara. Ibid., 1839. 12.º A *Guide to Lisbon,* by Joaquim Antonio de Macedo. Ibid., 1874, muito bom guia moderno. *Lisboa,* artigo do *Portugal antigo e moderno,* de Pinho Leal. Ibid., vol. IV, p. 102–430; compilação curiosa, mas feita sem critica, que não dispensa, de modo algum, do estudo do vol. III do *Mappa* de Castro (p. 52–503), modelo a que o autor se encostou, sem o igualar.

II — HISTORIA ESPECIAL ARTISTICA

(Topographia dos monumentos antes e depois de 1755)

Esta lista é fragmento de uma *Bibliographia geral artistica portugueza* nossa, que guardamos em *ms.,* (cerca de 300 numeros). O que Raczynski offerece *(Dict.,* 178–183 e 220–224; *Les Arts,* passim) é muito pouco. As obras são citadas á vista dos exemplares da nossa collecção e contém muitos numeros que faltam nos melhores trabalhos de B. Machado, I. da Silva e Figanière. Ha muito joio no meio do trigo, mas nada se deve desprezar para reconstruir uma cidade, que soffreu mais do que nenhuma da Europa os estragos dos elementos. Fazemos só menção das publicações avulsas, em geral raras e por isso desconhecidas. O *Panorama* e *Archivo Pittoresco* são bons repositorios de noticias, mas não representam, de modo algum, a exploração systematica dos subsidios que hoje offerecemos.

Será escusado dizer que as *Chronicas* das religiões de Portugal tratam da fundação das respectivas casas da capital; tambem convém con-

sultar como subsidio para a historia da arte as numerosas descripções de imagens, relações de reliquias, festas e exequias. Souza, *Hist. geneal.* e *Provas;* Cardoso, *Agiologio;* Castro, *Mappa.* Figanière. *Bibliogr. hist.*, etc.

a) edificios religiosos

Santa Maria de Belem (Jeronymos):

Castro (abbade de C. — A. D. de Castro e Souza). *Descripção* do Real Mosteiro de Belem. Lisboa, 1837; nova ed. augm., 1840, com 2 gr.

Anonymo (Francisco Ad. de Varnhagen). *Noticia historica e descriptiva* do mosteiro de Belem. Lisboa, 1842, com 1 gr. (1)

Mendonça (José Lourenço Domingues de) *Noticia historica* ácerca do sumptuoso mosteiro de Bethelem. Lisboa, 1845, 8.º de 146 p. Em appendice á retraducção (do francez) da *Historia de Portugal,* de Schäffer, no vol. VIII.

Silva (J. P. Narciso da). *Mémoire descriptif* du projet d'une restauration pour l'église de Belem. Lisbonne, 1867, 8.º, com 1 photogr. Vide ainda *Panorama* e *Archivo Pittoresco,* passim.

Madre de Deus:

Cardoso (Jorge). *Relação* da fundação do convento da Madre de Deus, etc., Lisboa, 1629, 4.º

Firmo (Joaquim Ferreira dos Santos). *Noticia* sobre a fundação do mosteiro e igreja da... Lisboa, 1867, 8.º

Santos o Velho:

Anonymo. *Memoria* da origem e fundação do mosteiro de... pelo editor do Museu historico e recreativo. Lisboa, 1861, 8.º

(1) É n'este opusculo que apparece, pela primeira vez, a designação: *estylo manuelino,* p. 9. Os nossos *criticos* d'arte parecem ter esquecido esta procedencia! Só muito depois (1857) é que Edgar Quinet publicou (*Mes Vacances en Espagne,* Paris, p. 236-237) as suas phantasias sobre Belem, brilhantes ideias de poeta, mas sem valor algum para a critica especial. Melhor, sem duvida, é a critica de Varnhagen, d'aquillo que elle pretende dar como caracteres peculiares do estylo; infelizmente, quasi todos os dez pontos indicados são accidentes da ornamentação e não constituem innovações originaes na *structura organica,* que não se encontrem ainda em outras partes da Europa. Nada ha a dizer contra a designação: *estylo manuelino,* applicada aos edificios mandados construir no tempo de D. Manoel; porém, até hoje ninguem provou, pela critica comparada dos monumentos da Europa meridional, que os caracteres d'esse estylo sejam propriedade exclusiva dos nossos edificios da época manuelina. Vide o que dissemos sobre o parallelismo do *gothico-manuelino* com o *gothico-plateresco* de Hespanha. *Reforma do ensino do desenho,* p. 156, *nota.*

Nossa Senhora dos Remedios:

Varnhagen (F. Ad. de). *Convento* de... Lisboa, 1872, 8.º, ed. de Guilherme de la Poér Dagge (reprod. do *Panorama*).

S. Nicolau:

Mello (Francisco do Rosario e). *A discripção* da antiga igreja de... Lisboa, 1843, 8.º

Hospital de Todos os Santos:

Anonymo. *Descripção* do antigo hospital d'El-Rei ou... Lisboa, 1835, 4.º (copiado de Nic. d'Oliveira, cap. 5).

Nossa Senhora da Divina Providencia:

Castro (abbade de). *Memoria historica* sobre a fundação do hospicio da invocação de... actualmente Conservatorio de Lisboa. Lisboa, 1846.

Noviciado de Jesus:

Imagem da virtude em o... na côrte de Lisboa, com a noticia da fundação da casa, pelo padre Antonio Franco. Coimbra, 1717, fol.

S. Roque:

Castro (abbade de). *A capella de S. João Baptista* que está collocada na igreja de... Lisboa, 1839. Parte IV da *Carta* dirigida a Salustio, do mesmo autor.

Anonymo. *Memoria* do descobrimento das sagradas reliquias... com a noticia historica da fundação da mesma egreja, etc., 1843, 8.º

Nossa Senhora dos Martyres:

Conceição (Fr. Appolinario da). *Demonstração historica* da primeira e real parochia de Lisboa de que é patrona... Lisboa, 1750, 4.º, vol. I (e unico).

Salvador:

Livro da fundação do mosteiro do... por Soror Maria Baptista. Lisboa, 1618, 8.º

Santo Christo (ou Crucifixo):

Historia da fundação do real convento do... por D. José Barbosa. Lisboa, 1748, 4.º

Carmo:

As ruinas do... por Sá Villela. Lisboa, 1876, 8.º (1)

(1) É ainda subsidio para o estudo d'esta egreja: *Memoria* sobre a phase christã do grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, pelo padre José Antonio da Conceição Vieira. Lisboa, 1871, 8.º V. ainda os artigos sobre algumas egrejas de Lisboa na *Zeitschrift für bildende Kunst*, 1866 e 1867, artigos de Th. Fournier.

S. Vicente:

Chronica da fundação do moesteyro de... Coimbra, 1538. Nova ed. d'este importantissimo documento. Porto, 1873.

Travassos (J. M. D. O.). *Breve noticia* do real templo e mosteiro de... Lisboa, 1863, 12.º

Sacramento:

Amado (padre José de Souza). *Vida de Santa Stephania* seguida de uma memoria do mosteiro do... em Alcantara. Lisboa, 1858, 8.º

Nossa Senhora do Monte e S. Gens:

Mendes Leal (Joaquim José da Silva). *Descripção historica* da ermida de... Lisboa, 1860, 8.º

b) edificios profanos

Azevedo (Luiz Antonio de). *Dissertação critico-philolog. hist.*, (do theatro romano na rua de S. Mamede, perto do Castello). Lisboa, 1815, 4.º grande, com 10 gr. em cobre.

Visconde de Villarinho de S. Romão. *Reflexões criticas e artisticas* sobre a edificação do novo theatro portuguez (D. Maria II). Lisboa, 1842. Fol., 3 partes.

Marques (Joaquim José). *Chronologia da Opera em Portugal.* Uma serie de artigos (mais de trinta) publicados na *Arte musical.* Lisboa, 1874–1875, fol. Abrange todos os theatros da capital (mais de doze), desde o principio do seculo XVIII. Estudo feito sobre o material de 700–800 libretos da collecção do autor e da nossa. Tudo o que ha nas bibliothecas do paiz (Lisboa, Ajuda, Porto, etc.), não representa ainda metade da collecção que serviu de base a esse estudo.

Andrade (José Sergio Velloso de). *Memoria sobre chafarizes, bicas, fontes e poços publicos* de Lisboa, Belem, etc. Lisboa, 1851, 4.º grande, 398 p., com uma estampa; obra importante.

Para as outras fontes das épocas anteriores á monarchia, v. Hübner, *Inscriptiones Hispaniæ latinæ* (Corpus II). Berolini, MDCCCLXIX, fol.; grande abundancia de fontes á frente do volume. Idem: *Inscript. Hisp. christianæ.* Berolini, MDCCCLXXI, 4.º gr. As *Memorias* da Academia. Herculano, *Hist. de Portugal,* vol. I, 3.ª ed., p. 528–530; Portug. Mon. *Scriptores,* I; *Die eroberung von Lissabon im jahre, 1147.* Eine episode aus der geschichte des zweiten kreuzzuges. Inaug. Dissert. von U. Cosack. Halle, 1875, 8.º, 46 p. Estudo completamente desconhecido entre nós, e que contém fontes não vistas por Herculano.

LISTA

DE

ALGUMAS OBRAS MAIS CITADAS

(NÃO RELATIVAS A LISBOA)

Para não sobrecarregar esta bibliographia apontaremos só algumas obras desconhecidas entre nós, de que nos servimos. O leitor, percorrendo as Notas finaes e a Introducção achará facilmente as restantes, que não foram já citadas supra.

J. Burckhardt. *Die Cultur der Renaissance in Italien*. Leipzig, 1878, 3.ª ed., 2 vol., 8.º

Do mesmo. *Geschichte der Renaissance in Italien*. Stuttgart, 1868, 8.º

Do mesmo. *Der Cicerone*. 3.ª ed., Zahn. Leipzig, 1874, 5 vol., 8.º, com o suppl. de O. Mündler e Index. Especie de inventario critico das riquezas artisticas da Italia; trabalho modelo, guia indispensavel (está em via de publicação a 4.ª ed.).

H. Grimm. *Leben Michelangelo's*. Hannover, 1873, 4.ª ed., 2 vol.

A. Gotti. *Vita di Michelangelo Buonarotti*, etc., Firenze, 1875, 2 vol.

Visconde de Santarem. *Notice* sur quelques manuscripts remarquables par leurs caractères et par les ornements dons ils sont embellis, qui se trouvent en Portugal. (Extracto do vol. XII das *Mém. de la Soc. roy. des antiquaires de France.)* Paris, impr. E. Duverger, s. d., 8.º grande, 36 p., e o suppl.: *Notes additionelles* de M. le Vic. de S., à la lettre qu'il adressa à M. le Baron Mielle le 24 Avril, 1835. Paris, 1836, mais 21 p.

Diego de Sagredo. *Medidas del Romano*, necessarias a los oficiales que quieren seguir las formaciones de las bases, columnas, etc. Lisboa, 1542, 4.º, por Luiz Rodrigues. Rarissimo. Na Bibl. d'Evora. Reserv. Sobre outras edições d'esta obra v. *Arch. artist.*, fasc. IV, p. 77.

Manuscriptos sobre a historia da arte de A. Ribeiro dos Santos. Bibl. Nac.

Idem, de monsenhor Gordo. Bibl. da Acad. Real das Sc.

Indicações dos titulos em Raczynski, que todavia não os explorou devidamente.

Com relação aos planos de Lisboa e especialmente ao do *Archivo Pittoresco* (v. retro, p. VI), devemos dizer que o auctor da noticia (16 linhas) não indica a fonte litteraria onde o achou; não sabemos de que sirva o mysterio; a fonte é, muito provavelmente, alguma descripção de viagem ou guia flamengo, como os que em seguida mencionamos, e que foram muito procurados na segunda metade do seculo XVII. Imprimiram-se em Flandres, cujas officinas trabalharam activamente para a restauração de 1640, publicando uma serie de folhetos e volumes de propaganda, hoje mui raros.

Portvgallia sive de Regis (sic) Portvgalliæ regnis et opibus Commentarius. Lvgd. Batavor. Ex officina Elzeviriana CIↃ IↃC XLI. Em 24.º de VIII inn. 460.

Interessantes noticias sobre Lisboa, p. 65–75; 146–153; 375–376; sem illustrações.

Wegh-Wyser ofte Reysbeschryvingh door de Koninckrycken van Spanjen en Portugael Midsgaders de Aengrensende Landen. T'Amsterdam gedruckt by Nicolaes van Ravesteyn, 1650. Em 16.º de XLVIII–445–XXV p. O primeiro *guia* á peninsula que conhecemos, sem illustrações, mas excellente na parte litteraria, escripto com *humour* e com raros conhecimentos para a época. Sobre Lisboa, p. 243–256. (1)

(1) As fontes do *Wegh-Wyser* foram, além de Nicolau d'Oliveira: G. Braun, Seb. Münster, D. de Goes, Luiz Nunes e P. Merula. Sobre estes auctores v. *Goësiana*, Bibliographia, 1879. A p. VIII não contámos, sub Goes, a *Hispania* d'este auctor (Lovanii, 1542 e mais 6 edições), resposta a Münster, nem a *Hispania* de Nunes (Antuerpia, 1607 e 1608) porque tratam apenas de Lisboa, como parte da peninsula; a relação de Goes é sem duvida superior. V. *Goësiana*, p. 9 e 28. Indicaremos mais uma fonte preciosa que achámos em Dumesmil, *Peintre-graveur*, vol. V, p. 245. São 55 vistas de Hespanha e Portugal, gravadas, de 1665–1668, por Louis Meunier.

Hispaniæ et Lvsitaniæ Itinerarium. Nova et accurata descriptione, iconibusq̃ novis et elegantibus loca earundem præcipua illustrans. Amstelodami Apud Aegidium Ianssonium Valckenier. Em 16.º de XLII–364–LIV. Com 21 gravuras, entre as quaes figuram os planos de Braga, Coimbra e Lisboa. Os dois primeiros regulam por 14 cent. de largo e 11 de alto; o ultimo 27 cent. e 11 cent. Todos os tres foram cuidadosamente gravados; os de Braga e de Lisboa concordam absolutamente com os que citámos atraz, p. VI sub B. Este *Itinerarium* é a traducção latina do volume anterior. Sobre Lisboa, p. 213–223.

Todos tres em poder do auctor.

Lisboa antiga. Primeira parte. O Bairro alto de Lisboa, por Julio de Castilho. Lisboa, 1879, 8.º de IV–360 p., com uma vista de Lisboa do fim do seculo XVI.

Á ultima hora, estando já impressa a lista das *fontes,* tivemos conhecimento d'este volume «o primeiro de uma serie de descripções archeologicas da nossa capital» (p. III). Nada lhe devemos, pessoalmente, como o leitor verificará, confrontando as nossas fontes com as do sr. C. (p. 345–350). Não quer isto dizer que o livro careça de merito. É uma compilação interessante, predominando comtudo a feição anecdotica, havendo aliás abundantes documentos historicos a explorar, porque ha mais subsidios do que o auctor pretende insinuar (p. III); as nossas fontes o provam. Não se estando bem preparado, é que tudo são difficuldades, e o auctor não o estava. O sr. C., ignora quasi todos os subsidios que citámos, e que não representam senão uma parte da lista total. Para citar só fontes capitaes, diremos que o sr. C., não viu sequer o tratado de Hollanda sobre Lisboa, que hoje publicamos, e de que existe cópia ha perto de 70 annos na Academia Real das Sciencias, da qual o sr. C. é socio; não viu tambem a *descripção de Lisboa,* de Damião de Goes (Evora, 1554), de que ha cinco edições! (1) Se a conhecesse não citaria (p. 78) factos em segunda mão, apud Braun, que Goes (ed. Schott, vol. II, p. 888), traz em melhor ordem e mais completos. Não viu, e este facto é o mais grave, se quer a unica planta *topographica* de Lisboa, anterior ao terremoto, de João Nunes Tinoco, planta official de 1650, vulgarisada em 1853 pela Imprensa Nacional; sem a base topographica, todos os planos *á vista de passaro* (2) são inuteis, ou pouco menos.

(1) Analysámol-as todas de *visu* até á de 1791, que é vulgar. *Goësiana,* Bibliographia, p. 7.

(2) Como o que o sr. C. publica no seu volume, copiado do *Archivo Pittoresco,* vol. IV, p. 241; vide sub. C., p. VI.

A p. 6, *nota*, falla o auctor de mappas ineditos da Torre do Tombo, mas são posteriores ao terremoto; por tanto, de valor secundario; mais adiante (p. 66), allude á conhecida estampa de Lavaña (*Viage*, etc., Madrid, 1622, fol.), tambem só de passagem. O plano de Lisboa de (4 metros e tanto), que o sr. C., imagina (1) ter descoberto (p. 343), e que está á vista de todos, no corredor que conduz á galeria publica da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, parece-nos apenas uma tosca ampliação do nosso plano gravado (mais de 2 metros), do seculo XVII, citado sub. C., p. VI.

A deficiencia das fontes e principalmente o pouco conhecimento dos planos antigos da capital — questão de methodo — prova ainda o que acima dissemos: que o auctor não estava bem preparado para o seu trabalho (sendo as fontes a consultar nacionaes), apesar de muito ajudado por numerosos individuos mais ou menos eruditos. Fazemos um mero aviso ao auctor para prevenir novas omissões nos futuros volumes, porque o presente é util e interessante. É necessario ainda recommendar-lhe que procure melhor *cicerone* nos seus estudos sobre historia, archeologia e technologia da arte do que o *Diccionario* (2) de Assis Rodrigues, seu antigo mestre. Esse livro é uma vergonha; é o menos que podemos dizer. Se o sr. C., não sabe achar melhor guia, abstenha-se de juizos e apreciações n'um assumpto em que confessa ser *quasi hospede* (p. 188); do contrario continuará a dar-nos gato por lebre, em phrase portugueza. As suas definições, classificações, etc., são, em geral, ingenuas, e fazem sorrir bastantes vezes.

(1) Imagina mal! Ha quinze annos que o dr. Ribeiro Guimarães fez a descoberta. Ha ainda mais: o auctor do plano é o jesuita Domingos da Cunha (sec. XVII) e não Simão Gomes dos Reis (sec. XVIII), como o sr. C. *descobriu* nas *Memorias* de Cyrillo Volckmar Machado. Leia o sr. C., d'ora ávante, as fontes que consulta com mais attenção; n'este caso, o capitulo: *Um pintor jesuita*, que data de 1864, reproduzido em *Summario de varia historia*, de R. Guimarães, vol. IV, p. 244-247; assim não teria dado informações erradas ao sr. Delphim Guedes. A proposito de planos diremos ainda que o sr. C., parece ignorar completamente que na Bibliotheca Nacional, no estabelecimento em que é empregado, existe um plano de reconstrucção da *antiga* Lisboa em que o archeologo José Valentim gastou quasi a vida. D'este homem benemerito não diz o sr. C. uma palavra, apesar das amplas noticias do *Summario*, (vol. I, p. 29-32 e p. 231, *notas*), uma das fontes do sr. C.

(2) O sr. C., devia de estar advertido pela nota que démos d'esse livro ha mais de um anno (*Reforma* do Ensino de Bellas-Artes, parte II, p. 18-19, *nota*. O livro é uma vergonha; é o menos que podemos dizer, porque o seu auctor se assigna Professor da Academia Real de Bellas-Artes de Lisboa, ex-director d'ella, etc., e porque o governo (*proh pudor!*) o subsidiou. Os erros mais grosseiros contam-se aos centos; fallamos depois de um exame das 384 p., linha a linha. Uma vergonha para o governo e para a Academia, sobretudo para esta, que ensina com taes professores e taes directores.

Daremos algumas como amostra:

Confusão de *cubellos* com *bastiões* (p. 7 e p. 177), portas de Santa Catharina; troca de *timpano* por *frontão* (p. 152). A sua: «botanica convencional de capricho» (p. 61), que lhe parece tão extravagante no estylo gothico, é o producto de um organismo perfeito, é a: *arte de estylisação* no elemento vegetal; é uma das leis fundamentaes da arte em geral. Verdade é que Assis Rodrigues não diz o que isso seja, nem palavra.

Em S. Roque (Jesuitas), «mora o pensamento classico da renascença» (p. 156). A p. 189, diz-nos o sr. C. que o: «estylo classico christão (sic) ao declinar produziu o borrominismo, e d'este brotou o rocócó». Mais adiante, atira com termos sem nexo, para a direita e para a esquerda, como: «entablamentos arbitrarios» — «almofadas polygonaes immotivadas» (ibid.), etc., etc.

E o sr. C. é igualmente audacioso em architectura, em sculptura e em musica, cuja historia é tratada sob o ponto de vista comparado. Isto é um pouco sério para quem se confessa *quasi hospede* em tão *ingremes materias*.

O que sabe o sr. C. das nossas madonnas historicas (sic) e das *de lá de fóra* (p. 191), para fazer excursões no dominio da critica d'arte comparada?

De p. 297–299 e 309–314, devaneia o sr. C. sobre o caracter do pregão publico. No pregão de Lisboa acha melodia e harmonia e até «mesmo um certo contraponto» (sic). No Porto são «seccos, aridos, apressados». Em Madrid não os ha, como não os ha em Roma; em Paris são «poucos, e não muito melodiosos». — «Será isto pois mais uma peculiaridade de Lisboa?»

O sr. C. descobriu tudo isto! Que tempo esteve o auctor no Porto e em Paris, para julgar de um costume que só com os annos se observa bem? Ahi está o sr. C. a fallar, de novo, pretenciosamente, do que não sabe; creia que poderá estudar com proveito, a seguinte obra capital, onde achará pregões de Madrid e até de Roma (onde não os ha), de Londres, de Paris mais de 500 (serão poucos?), do Egypto, do Brazil, etc. G. Kastner: *Les voix de Paris.* Essai d'une histoire littéraire et musicale des cris populaires de la capitale depuis le moyen âge jusqu'à nos jours precédée de considérations sur l'origine et le caractère du cri en général, etc. Paris, 1857, in-fol., de VII–127 p., e mais 37 p. de exemplos. (1)

(1) O sr. C. poderá allegar que essa obra falta na Bibliotheca Nacional, mas não tinha lá o Du Cange, ou mesmo o Larousse? O primeiro traz dous extensos estudos (vol. VII, ed. Henschelt; Didot, p. 46-56), sobre o assumpto; o segundo (Paris, 1869, vol. V, p. 513-

A proposito de musica diremos ainda que o sr. C. parece ignorar o que se tem escripto em Portugal ha nove annos. Se o auctor tivesse visto, ao menos por alto, os trinta e tantos artigos do sr. J. J. Marques, sobre a *Chronologia da opera em Portugal* (v. retro, p. II), teria evitado mais erros e omissões (p. 259 e seg.).

Não é a primeira vez que os nossos litteratos se mettem a fallar de cousas, que elles, logo no introito, confessam não saber. A tactica então é simples; distribuem-se elogios a valer, a *tutti quanti,* para desarmar a critica. É já uma *mania;* devemos dizer isto ao leitor estrangeiro, e, por ser mania, insistimos n'esta nota. Procure o sr. C. outro *cicerone,* porque não poderá fallar bem de *Lisboa antiga,* sem solidos conhecimentos de arte e de archeologia comparada, por muita diligencia que empregue na parte propriamente belletristica, diligencia que não lhe negamos. (1)

517), copiou Du Cange, como se o volume de Kastner (uma celebridade scientifica), não existisse desde 1857!

(1) O auctor não é mais feliz nos outros casos em que se atreve fóra do dominio litterario, exclusivamente nacional. O sr. C. faz uma insigne injuria ao eminente impressor Germão Galharde (p. 285), comparando os seus productos com os do *Occidente* e da *Arte.* Comparam-se cousas congeneres; o critico prova só com isto, que não conhece G. Galharde, apesar de ser empregado da Bibliotheca Nacional, onde poderá admirar bellas impressões d'esse typographo, iguaes, relativamente, ás melhores de hoje. Mais desculpa merecem erros como o de p. 334, em que o sr. C. confunde o *Graben* com o *Ring,* em Vienna, etc., etc.

O MANUSCRIPTO

O manuscripto que hoje reproduzimos não tem marca certa, actualmente, porque está n'uma gaveta sob a custodia do digno Official da Bibliotheca, o sr. Rodrigo Vicente d'Almeida. Na guarda interior da pasta da encadernação, no principio, ha uma antiga marca [C N 112 / volumes 1.]

Na face da folha 1 (no verso está a *Censura)* lê-se uma marca posterior $\frac{33}{36}$.

A encadernação é a original, de carneira, castanho escuro; a ornamentação é singela: tres filetes dourados formam um caixilho que envolve um outro muito menor, composto de um filete, em que se lê o titulo: †:DA:FABRICA † em lettras d'ouro dentro de uma fita orlada de duas vezes tres filetes. O verso da encadernação apresenta o mesmo desenho, mas na fita lê-se: †:DE:LISBOA:†. Tem a face da encadernação duas cruzes d'ouro ainda, uma no alto entre o primeiro e o segundo caixilho; a outra dentro d'este, na parte superior da fita; no verso falta esta segunda cruz. O *ms.* consta de 50 folhas numeradas por mão extranha; o papel é forte e parece-nos papel de desenho, propriamente dito. O *ms.* é todo

da propria lettra de Hollanda, assim como as numerosas emendas de que fallaremos mais tarde. A distribuição do texto é a seguinte. As folhas que faltam representam os logares dos desenhos; em seguida irá a lista d'elles.

Face da folha 1 — A marca $\frac{33}{36}$.
folha 1 v. — Censura de Fr. Bartholomeu Ferreira.
folha 2 — O Titulo (Desenho).
» 2 v. — Desenho.
» 3 — *Lembrança,* etc. (Texto, prologo).
» 4-5 v. — Capitulo I.
» 6-6 v. — Capitulo II.
» 6 v.-8 — Capitulo III.
» 8-11 v. — Desenhos (são quatro).
» 12-13 — Capitulo IIII (e desenhos).
» 13 v. — Desenho.
» 14-16 — Capitulo V.
» 16 v. — Desenho.
» 17-18 — Capitulo VI (e desenho).
» 18 v. — Desenho.
» 19-22 — Capitulo VII (e desenho).
» 22 v. — Desenho.
» 23-23 v. — Capitulo VIII.
» 24 — Desenho.
» 24 v. — Capitulo IX.
» 25 — Desenho.
» 25 v. 27 — Capitulo X (e desenho).
» 27 v. — Desenho.
» 28-29 v. — Capitulo XI.
» 30 — Desenho.
» 30 v. — Desenho.
» 31-31 v. — Capitulo XII.
» 31 v. — Fim da Lembrança de Lisboa.
» 32 — Desenho.
» 32 v. — Desenho.
» 33-33 v. — (Lembrança do Desenho, prologo.)

Fol. 34-35 v. — Capitulo I.
» 36-37 v. — Capitulo II.
» 38-40 — Capitulo III.
» 40-41 v. — Capitulo IIII.
» 42-45 v. — Capitulo V (44 e 44 v., desenhos).
» 45 v.-47 — Capitulo VI.
» 47-49 — Capitulo VII.
» 49-49 v. — Capitulo VIII.
» 50 — Desenho (emblema).
» 50 v. — Em branco.

INDICE DOS DESENHOS

(As dimensões são em millimetros. Indicamos apenas as medidas maiores do que a pag. em 4.º)

PRIMEIRA PARTE

Titulo da obra:

Fol. 2 — Está envolvido n'uma grande moldura quadrada. Dentro de um caixilho quadrado oblongo, sobreposto á moldura lê-se:

DA·FABRICA·
que faleçe ha Çidade
— De Lysboa —

(dentro de um caixilho oval, ornado de duas cabeças aladas de cherubins:

Por frãçisco dolãda
Anno de.1571.

(na moldura do caixilho):

Virtvs in infirmitate perficitur.

N.º 1 — Fol. 2 v. — *Figura de Lisboa* (emblema de Lisboa). Altura, 176^{m}; largura, 121^{m}.

Uma figura (em busto) de mulher joven e formosa, sahindo do Oceano, e ricamente adereçada, sustenta o casco de uma caravella nos braços; um corvo pousa sobre o hombro esquerdo, outro balanceia-se sobre a popa da caravella. A figura tem a corôa murada sobre a cabeça. Por cima d'ella, sahindo de um rôlo de nuvens, o distico: *Figura de Lisboa.*

N.º 2 — Fol. 8 — *Porta da Cruz* (na metade inferior da pag. 8; a metade superior é texto).

É o desenho da porta que o autor julgava necessaria a Lisboa. Sobre um embasamento pyramidal em *rustica* avançam duas torres quadradas de tijolo, guarnecidas de bôcas de peças; no corpo intermedio que os liga, está a entrada, em *rustica,* com arco de volta redonda.

N.º 3 — Fol. 8 v. e 9 — Desenho de lado a lado. Altura, 206^{m}; cumprimento, 310^{m} O desenho é dividido em tres partes:

1.ª (No alto) — Muros e bastiões que falecem a Lisboa da parte da terra;

2.ª (No meio) — Vista de Lisboa e do Tejo, esboçada levemente;

3.ª (Em baixo) — Baluarte e bastiães do lado ou parte do mar.

N.º 4 — Fol. 9 v. — *Lembrança da montea do Castello;* e *Lembrança da planta do Castello* (em duas metades, superior e inferior, da pagina).

É a vista da fortificação do castello que envolve o templo de Nossa Senhora da Graça; e planta estrategica.

N.º 5 — Fol. 10 — *Porta para o castello exterior.* (Em face do desenho de fol. 9 v.)

É similhante em construcção á *Porta da Cruz:* um corpo central, ligando duas torres redondas. No tympano do frontão, as armas reaes. A segunda metade do desenho representa a porta para o castello interior, toda em *rustica,* ligando duas torres quadradas.

N.º 6 — Fol. 10 v. e 11 — *Projecto de uns paços fortes dentro do castello de Lisboa.* Desenho de lado a lado. Altura, 206^{m}; cumprimento, 305^{m}

Um quadrado de muralhas guarnecido de quatro cavalleiros redondos nos angulos, cingindo outro quadrado flanqueado de quatro torres quadradas, ligadas por galerias; dentro d'este segundo quadrado, o Paço, ligado por duas cortinas ás galerias do quadrado. O Paço é composto de um primeiro corpo quadrado, flanqueado por quatro torres hexagonas; o segundo corpo (sobreposto) é hexagonal e termina n'uma lanterneta tambem de seis lados.

N.º 7 — Fol. 11 v. — *Lembrança de um bastião forte onde foi o baluarte sobre o mar.* Nada de notavel.

N.º 8 — Fol 12 v. e 13 — Desenho de lado a lado. Representa a entrada do Tejo: Castello d'Almada e dois bastiões na mesma margem (sem nome); o bastião «dos cachopos». Do lado opposto: S. Julião (Giam), Santa Catherina, S. José, a «Torre» (de Belem) e Santa Maria de Belem (Jeronymos). Ultimo terço das paginas, texto.

N.º 9 — Fol. 13 v. — *Lembrança do bastião nos cachopos.* Nada de notavel.

N.º 10 — Fol 16 v. — *Lembrança dos Paços d'Emxobregas e Parque* (e casa do parque).

Vista de passaro. Á borda do Tejo um palacio no estylo do Renascimento; dois corpos quadrados flanqueados de torres quadradas resalientes, que terminam em pyramide. O espaço intermedio fórma um grande pateo aberto ao ar, mas fechado do lado da rua por uma cortina onde está a grande entrada. O interior do pateo mostra galerias no rez-do-chão, que sobem na parte trazeira até ao segundo andar e deixam disfructar a vista de um magnifico parque, que se estende pelos montes sobranceiros; um jardim formado por uma serie de terraços (talvez para jogos hydraulicos), conduz a um pavilhão no alto do monte; á direita a *casa do parque,* levemente esboçada. O palacio compõe-se de um embasamento em *rustica,* primeiro e segundo andar, e termina n'uma galeria coberta por telhado de duas aguas.

N.º 11 — Fol. 18 — *Lembrança da fonte para as naos na Ribeira* (ultimo terço da pagina).

Um elephante colossal em pé, sobre um pedestal redondo, lança agua pela tromba erguida. Sobre o animal cavalga um guia. O mar ou espelho da fonte é redondo.

N.º 12 — Fol. 18 v. — *Lembrança da fonte d'agua livre trazida ao Resio* (sic), na metade inferior da pagina.

Quatro elephantes em pé, á volta de uma pilastra, caprichosamente lavrada, lançam agua pelas trombas erguidas em um mar quadrado. Sobre a pilastra, a figura de Lisboa, no mesmo dese-

nho do N.º 1, com leves modificações; os dois corvos pousam sobre os hombros da figura, um de cada lado, e batem as azas como que banhando-se na agua que cahe a jorros de uma urna posta sobre a corôa murada da figura. Na metade superior da pagina uma vista: *Da Fonte e lago da agoa livre:* um lago com uma represa, cercado de montes; á direita um castello. Provavelmente vista de algum sitio de Bellas.

N.º 13 — Fol. 22 — Vista da ponte romana d'Alcantara (Hespanha), que ainda hoje existe.

N.º 14 — Fol. 22 v. — Projecto de reedificação da ponte de Sacavem; na metade inferior da pagina outro projecto de reedificação da ponte d'Abrantes.

N.º 15 — Fol. 24 — *Lembrança das cruzes ao redor de Lisboa.*

Modelos de cruzes de marmore singelas, sem lavor algum.

N.º 16 — Fol. 25 — *Circulo de cipos* (1) *perto do rio de Colares;* e *desenho de cipo a Jesu Christo e á Virgem.* Nada de notavel.

N.º 17 — Fol. 26 v. e 27 — Desenho de lado a lado. Projecto da nova egreja de S. Sebastião e desenho da praça, ao lado. Na parte inferior de fol. 27, o desenho das grades para a mesma egreja. O templo é no estylo da renascença italiana; vista

(1) Poderia presumir-se que seria algum *cromlech* se a regularidade mathematica das pedras não fizesse desconfiar da hypothese; de resto, o que Hollanda conta das inscripções d'esses cipos e memorias «dos emperadores de Roma que vieram áquelle logar», etc. (pag. 8 da Primeira Parte), é fabuloso. Não é de crêr que elle inventasse completamente a historia, e é possivel que o desenho das pedras fosse por elle *estylisado*. Em todo o caso chamamos a attenção dos archeologos sobre a passagem.

sobre o mar (1). A parte inferior de 26 v. é texto.

N.º 18 — Fol. 27 v. — Desenho dos balaustres das grades, em ponto grande, e capiteis dos mesmos (carrancas de leões).

N.º 19 — Fol. 30 — *Lembrança para a capella do S. Sacramento.*

Hollanda diz: em «fórma de hostia.» — Vista exterior.

N.º 20 — Fol. 30 v. — *Lembrança da charola onde ha de estar o sacrario.*

É a vista interior da capella, citada anteriormente.

N.º 21 — Fol. 32 — Vista do sacrario com a custodia dentro.

N.º 22 — Fol. 32 v. — Desenho da custodia.

SEGUNDA PARTE

N.º 23 — Fol. 44 — Figura de tactica naval; as costas e logares d'Africa ao longe. Desenho allusivo á futura expedição de D. Sebastião.

N.º 24 — Fol. 44 v. — Figura phantastica de um guerreiro gigante (S. Sebastião (?), vide texto, pag. 16 da Segunda Parte).

N.º 25 — Fol. 50 — Emblema allegorico. Dentro de um oval um ancião com azas *(Ludus)*, acompanhado de um reptil *(Malicia)* assalta o genio na figura de uma joven formosa coroada de flôres *(Pin-*

(1) Sobre o valor dos desenhos N.os 17 a 22 como concepção artistica, vide a caracteristica de Hollanda.

tura?) que parece apontar com o braço direito para as estrellas que brilham no horisonte. No encaixe oval o distico: *Et conscius meus in excelsis* (1).

---

(1) O manuscripto tem por debaixo d'esta allegoria uma nota de mão extranha, collada sobre o papel. Diz:

«Este enigma parece imitar hũ dos emblemas de Alciato, onde expreſſa a capacidade e engenho dos ſugeytos abatidos pela inveja, e malicia, e pobreza, na figura de hũ mancebo com azas em hũa mao, e hũ pezo na outra.

Ingenio poteram ſuperas volitare per auras, me niſi paupertas invida deprimeret, Diz Alciato».

O emblema de Alciato a que se allude é o CXX (pag. 433 da ed. de Minois, Lvgdvni, apud. Hæred. Gvlielmi Rovilii, M.DC.). O verso tem porém variantes:

Dextra tenet lapidem, manus altera ſuſtinet alas:
Vt me pluma leuat, ſic grave mergit onus.
Ingenio poteram ſuperas volitare per arces,
Me niſi paupertas inuida deprimeret.

É muito provavel que a ideia de Hollanda seja uma reminiscencia dos emblemas de Alciato, que tiveram uma popularidade immensa na segunda metade do seculo XVI, mesmo na peninsula. Além de um grande numero de edições latinas desde 1531, foi traduzida em italiano, francez, allemão, hespanhol, etc. A Hespanha tinha uma traducção já em 1549, Lyon; outra em Najera, 1616 e outra em Valencia, 1684, que possuimos (não fallando na ed. de 1540, cit. por Nic. Ant., que é duvidosa, e na variante da ed. de 1549 que apparece sob o nome dos impressores Rovilius e Mathias Bonhomme).

O TEXTO

O texto, tal como elle existe hoje, não representa sempre a primeira redacção da ideia do auctor; o *ms.* tem numerosas emendas; não contamos já as substituições de palavras, (1) mais ou menos duras, por demasiado francas, que iam ferir os ouvidos de gente influente e poderosa; alludimos ao córte de phrases, de passagens inteiras, e até de paginas! A fol. 34 decifra-se uma passagem coberta com tinta vermelha (mineral); sobre a tinta ainda reluz um *Soli Deo honor et gloria,* illuminado a ouro. Eis a passagem muito caracteristica:

...«voſſos e tão fiel e leal para ſervir a V. A. em tudo o que um honeſto e grave homem póde fazer. Por iſſo façanos V. A. juſtiça a mi e á ſciencia da Pintura, pois que ſendo tal como lembro n'eſte caderno, eſtá ao preſente toda abatida e engeitada em mi. Mas faça-me o mundo quanto mal me poder fazer que já lhe perdi o medo, pois que não ſou pior por me elle ter em má conta nem milhor por me elle ter em boa.»

(1) Vide a lista d'ellas nas *Notas.*

Este trecho ligava forçosamente com a folha primitiva anterior, e seria o Prologo do segundo Tratado; essa folha 33 primitiva foi cortada pelo auctor e substituida pela actual, cuja tinta e papel são differentes da tinta e papel das outras folhas do volume.

Ha ainda um segundo formidavel córte de que resultou a substituição da folha 49, cujo papel é egual á folha 33, tambem substituida. Que a primitiva folha foi cortada, prova-o a rebarba, que d'ella ficou, onde se veem ainda fragmentos de lettras. A folha intercallada ainda foi emendada em varias partes! Em que termos não fallaria Francisco de Hollanda do Infante D. Luiz na primeira redacção?!

Accrescentados foram os seguintes desenhos:

A fol. 21 e 21 v. (fragmento de folha) com as inscripções da ponte d'Alcantara (Hespanha).

As fig. 44 e 44 v. foram colladas depois ao *ms.* que, por isso mesmo, não allude a ellas directamente.

Além d'estas alterações da mão do auctor ha os córtes da censura feita, aliás mui benevolamente, por Fr. Bartholomeu Ferreira. A mesma mão piedosa que quatro annos antes (1572), dava o passe aos *Lusiadas*, assignou a licença para a impressão da *Fabrica* (1576), seis annos depois d'ella ter sido escripta, impugnando apenas uma regra (1).

Eis a licença:

«Vi eſta obra da fabrica q̃ falece ha cidade de Lixboa q̃ me parece docta e reſoluta na tal faculdade, q̃ nõ ha nella couſa contra noſſa ſagrada religião: ſómente tiue pejo ẽ hũa regra q̃ riſquei: por tocar per al-

(1) A qual diz (no *ms.* fol. 15 v.): «e ſe lhe a cerca parecer grande ou cuſtoſa dea aos frades Jeronymos que elles a cercarão em breve tempo». Á margem o *mea culpa*: «Dezir iſto me arrependo porque coſtumo muito nunca murmurar dos religioſos que muito honro e estimo, grandemente, como elles ſabem». Uma outra passagem (*ms.* fol. 37, pag. 5 e 6 da Segunda Parte), relativa á definição da pintura e sua origem, teve de ser modificada por Hollanda que, no empenho em exaltar a sua arte, a havia envolvido n'um mysterio quasi divino.

gũa via os religiofos, q̃ no tempo prefente he perigofo. E já nos tẽpos antigos era tão venerado tudo o q̃ então fe tinha por religiofo, q̃ tinham por proverbio *omitte vatem;* podeffe cõmunicar.

«Em outra obra q̃ aqui vai do mefmo Autor em louvor da pintura fe ha de advertir: principalmẽte no 2.º Capitulo, q̃ para eftar bem diffinida a pintura, fe ha de declarar q̃ a dita arte ou fciẽcia he natural e acquirida per meo natural e induftria humana e nõ he dom infufo e fobrenatural, & ho mefmo q̃ aqui o autor diz da ideia & defenho de pintura, tem todas as outras artes. Cõ efta declaração fe pode divulgar a dicta obra q̃ tenho por m.to proueitofa & ẽgenhofa ẽ fé do qual affinei aqui. 13 de Abril 1576.

Fr. Bartholome(us)
ferreira.»

SOBRE O METHODO

D'ESTA EDIÇÃO

Respeitámos escrupulosamente o texto original, recorrendo apenas ás seguintes alterações indispensaveis, segundo a critica moderna, em edições d'esta ordem:

1.º) Desdobrámos as abreviaturas.
2.º) Regularisámos a pontuação.
3.º) Reduzimos as lettras maiusculas a um numero muito restricto, aos nomes proprios, e aos titulos honorificos quando estejam em apostrophe; o termo *desenho* foi escripto com maiuscula todas as vezes em que o auctor lhe attribue a significação de *sciencia,* porque Hollanda distingue *Desenho* (sciencia) de *debuxo* (1). Hollanda não ligou significação alguma a essas lettras maiusculas que elle applica, indistinctamente, a verbos, adjectivos, nomes, participios, etc.
4.º) Uniformisámos a orthographia que varía muito no *ms.,* sem razão alguma. Fizemos *u* (consoante) egual a *v;*

(1) Vide mais adiante a critica da traducção de Roquemont em Raczynski.

ey egual a *ei; y* (vogal) egual a *i;* o *h* contrario á etymologia em *é, á,* (dativo) *um,* foi supprimido; introduzimos a apostrophe em *donde, Dalmeirim, denxadrez,* etc. Puzemos hoje por *hoge;* Deus por *Deos,* etc.

5.º) Incluimos no *Glossario* todas as palavras que teem hoje uma physiognomia diversa da do *ms.*, e elucidámos aquellas que pódem offerecer difficuldade. Por pequeno que seja o glossario cremos que é um serviço ao leitor, embora elle não se occupe de linguistica.

6.º) Collocámos a lista das palavras substituidas (e mesmo as riscadas, quando foi possivel lêl-as) no fim d'esta edição para maior commodidade, e porque muitas teem de ser annotadas.

7.º) Supprimimos os desenhos, com grande pezar nosso; o leitor nacional sabe qual a razão d'esta lacuna; ao leitor estrangeiro devemos recordar que esta publicação não conta vinte compradores em Portugal, apezar de existir ha perto de sete annos. A descripção minuciosa que fazemos d'esses desenhos (pag. IV a IX), e a critica dos mais notaveis na caracteristica de Hollanda supprem, até certo ponto, essa lacuna.

Não podemos concluir sem recordar dois nomes: o do fallecido sr. Alexandre Herculano que ainda em vida, como chefe da Bibliotheca Real d'Ajuda, nos deu licença para tirar a copia destinada ao prélo; e o do sr. Rodrigo Vicente d'Almeida, digno Official da mesma Bibliotheca que, pelo seu conhecimento especial do rico deposito tão bem confiado á sua vigilancia, nos prestou excellentes serviços. O leitor agradecerá a um e outro, como é de justiça; ao segundo devemos nós especial reconhecimento pela constante sollicitude e attenção que nos prestou durante mais de tres mezes de trabalho diario, ininterrupto, gastos a coordenar esta e outras edições.

A nova installação da Bibliotheca Real no proprio paço, ordenada por S. M. El-Rei não podia ser confiada a pessoa mais digna pelos seus serviços na antiga bibliotheca, mais conhecedora das riquezas d'aquelle grande deposito (Necessidades transferida, e antiga Real), e mais honrada.

Ainda uma palavra:

A *Sociedade Promotora de Bellas-Artes* de Lisboa pretendeu publicar de 1867-1868 o *ms. Da Fabrica:* «Não foi possivel aprомptar a tempo de nos ser entregue este anno, a edição da obra de Francisco de Hollanda:» *Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa:* «Obra acompanhada de numerosos fac-similes dos desenhos originaes e de uma introducção sobre a vida e talento de F. d'Olanda, pelo socio a que o conselho commetteu o encargo de editar aquelle manuscripto precioso que pela primeira vez sáe á luz. Trabalha-se activamente n'esta obra, e é natural que antes do futuro anno, ella vos seja entregue (1).»

Tal promessa nunca se cumpriu; nenhum dos *Relatorios* da Sociedade cita sequer o nome do socio-editor (2). Um anno depois o mesmo presidente (Marquez de Sousa-Holstein) dizia:

«Não descurou o Conselho a reproducção da obra de Francisco d'Olanda: *Da Fabrica que fallece á cidade de Lisboa,* que no seu ultimo relatorio vos annunciou estar preparando. Infelizmente as forças pecuniarias (3) da Sociedade não

(1) *Relatorio e Contas da Sociedade promotora das Bellas-Artes* em Portugal. Anno de 1867-1868. Lisboa, 1869, pag. 11.

(2) No *Relatorio* anterior (1866-1867), pag. 15, ha uma allusão muito vaga que se refere talvez ao manuscripto: .... «o Conselho pede-vos para ser já auctorisado o futuro Conselho a publicar este anno, se o permittirem os recursos da Sociedade, algum trabalho que julgar proveitoso». Mas as *actas* d'esse Conselho nunca appareceram nos Relatorios, assim como as actas da *Assembleia Geral;* imprimiu-se só a do 1.º anno social 1861-62 (*Relatorio* do respectivo anno, pag. 12-15); depois foi sempre supprimida.

(3) A Receita da Sociedade foi n'esse anno (7.º social), de 3:497$187 reis; no anterior (6.º anno social), de 3:248$468 reis; no posterior (8.º anno), de 3:306$279 reis, cifras authenticas dos respectivos *Relatorios,* os quaes de 1861-1874 accusam a recepção de reis 29:966$416.

permittem que por emquanto se possa publicar tão importante e curioso manuscripto. O trabalho do editor está adiantado, e fica reservado para quando as circumstancias permittirem aproveital-o (1)».

Nada se fez; d'ahi em diante até hoje nem uma palavra; examinámos todos os Relatorios da Sociedade, debalde. Soubemos apenas que alguns dos fac-similes appareceram ha annos á venda nas tendas de um ou dous alfarrabistas de Lisboa; não os vimos, mas viu-os pessoa que nos merece todo o credito e que podemos nomear. Nada mais soubemos da sorte das gravuras; do texto ninguem viu uma pagina.

---

(1) *Relatorio* (8.º anno social), pag. 12.

A TRADUCÇÃO DE RACZYNSKI

O trabalho de Raczynski merece o nosso reconhecimento, foi o primeiro; comtudo elle não póde hoje satisfazer ninguem por duas razões, primeiro, porque traduziu mal, segundo, porque nos deu apenas um fragmento do texto.

Raczynski mandou fazer a sua traducção sobre a copia tirada por Luiz Joaquim dos Santos Marrocos (1) que estava na Academia Real das Sciencias. O traductor Roquemont era um pintor notavel (2), mas não sabia o que era critica ou interpretação de um texto. Hollanda não se entende facilmente; elle usa de uma metaphysica *sui generis;* a pintura para elle é o mysterio vellado de Saïs. Elle esforça-se por dar uma definição da arte e do artista propria para collocar um e outro n'uma posição excepcional, que não era de modo algum aquella que lhes correspondia segundo as tradições do paiz. As palavras de Hollanda são comtudo de um grande valor;

(1) Marrocos foi irmão de Francisco José dos Santos Marrocos, antigo Bibliothecario da Bibliotheca Real d'Ajuda que morreu entre 1823 e 1825 (I. da Silva — *Dicc. Bibl.*, vol. II, pag. 412-413). Isto explica como o *ms.* da *Fabrica,* que já estava na Ajuda antes de 1792 (Gordo — *Memorias,* vol. II), pôde ser copiado. Baptista de Castro (*Roteiro,* 1767), ainda o vira na livraria dos Condes de Redondo.

(2) Vide Raczynski, *Dict.*, pag. 251.

ellas dão o reflexo das ideias correntes entre os seus collegas de Italia n'um cerebro portuguez, e dizem o que seria a arte nacional, se a colonia de artistas portuguezes tivesse sido mais numerosa em Roma, se o numero correspondesse á audacia e á coragem individual de um Hollanda, se, do outro lado, a intelligencia e os meios dos principes correspondessem á iniciativa dos artistas. N'estas circumstancias devemos um respeito especial ás palavras do auctor, e não é com uma traducção liberrima que nos devemos contentar. Ora a traducção de Roquemont é mais que liberrima, é absurda em muitos pontos. Raczynski, que não conhecia o portuguez, acceitou-a sem a discutir, e a critica nacional soffreu-a até hoje, sem fazer uma unica objecção, tendo o original de uma das obras em casa, na Bibliotheca Real d'Ajuda. Alguns poucos exemplos bastarão para confirmar o que dissemos sobre o valor da traducção, porque são flagrantes e porque se relacionam com as ideias artisticas dominantes que o auctor quiz exprimir no seu manuscripto:

Racz., pag. 61 (1)	Parte II, pag. 6
Que l'on sache donc *que l'art* dont je parle n'est pas ce que vulgairement on a appellé dessiner ou peindre comme font ceux dont le métier est de représenter des *broderies* et des feuillages, ou bien d'employer des couleurs rouges, vertes ou bleues. Un tel *dessin* ne mérite pas qu'on en parle. La *science* dont je m'occupe, ne s'apprend pas seulement par l'enseignement des maîtres. *L'intelligence* du dessin émane du souverain Maître et Seigneur: elle procède de son éternelle sagesse. C'est cette *intelligence,* et non pas une *peinture* quelconque, que j'appelle science du dessin. Cette science, dis-je, dont un	E digo que a Pintura ou debuxo de que trato não é o que commumente se chama debuxar ou pintar, dos que pouco sabem; qual é o officio dos que debuxam lavores e folhagens, ou dos que pintam com tintas vermelhas e azues e verdes (em quanto terra) porque d'este debuxar e pintar eu aqui não fallo. Mas escrevo d'aquella sciencia, não só aprendida por ensino d'outros pintores, mas naturalmente dada por o summo mestre Deus gratuita no entendimento; procedida de sua eterna sciencia a qual se chama Desenho, e não debuxo nem pintura; o qual desenho assi natural no entendimento

(1) O gripho é nosso.

esprit se trouve naturellement doué par la volonté de Dieu, est chose si grande et si divine qu'elle imite l'action du Créateur sur tous les ouvrages que l'ont peut faire ou imaginer. D'où il résulte que toute la gloire dans les arts n'appartient ni à Apelles, ni à Michel Ange, ni à des présomptueux comme moi, mais au créateur de tous les entendemens; c'est-à-dire à Dieu. Qu'il en soit donc loué comme il mérite dans sa gloire infinie, et moi humilié comme inutile que je suis.

por Deus, de que elle tem a gloria, de quem nace, é uma coufa tão grande e um dote tão divino, que o mefmo que Deus obra n'elle naturalmente, obra elle em todas as obras, manuaes e intellectuaes que podem fer feitas ou imaginadas. E affi como efte defenho criado no entendimento ou imaginativa é nacido da eterna fciencia, increada na noffa, affi a noffa ideia creada dá a origem e invenção a todas as outras obras, artes e officios que ufam os mortaes. De que redunda toda a gloria d'efte negocio, não a Appelles, não a Micael Agnello, não aos outros prefuntuofos como eu: mas ao dador e inventor de todos os entendimentos, que é Deus. Affi que feja elle por ifto de infinita gloria, como merece, louvado, e eu abatido como inutel que fou.

Roquemont faz de uma phrase, intimamente encadeada, nada menos de quatro, com tres relações falsas.

A relação de *science* na 1.ª phrase com *intelligence* na 2.ª é falsa, porque, se a sciencia não se aprende no ensino dos mestres, onde se aprenderá? Ha aqui uma phrase truncada, que se completaria com a 1.ª do seguinte modo: La science dont je me occupe est celle donnée naturellement (ou: gratuitement) par le souverain maître Dieu à (notre) intelligence; c'est une science...

Roquemont faz aqui uma 3.ª phrase com 2.ª rel. falsa: *L'intelligence du dessin émane,* etc., quando devia traduzir (ut supra) c'est une science — «procedida» (diz Holl.) — qui procède de son éternelle sagesse...

Roquemont constitue uma 4.ª phrase com 3.ª rel. falsa: *C'est cette intelligence* — «a qual sciencia» (diz todavia Hollanda, ou: procedida de sua eterna sciencia a *qual* se chama, etc.), *et non pas une peinture* («e não debuxo nem

pintura» (!), que j'appelle science du dessin («se chama Desenho» (!).

O leitor terá notado que no trecho transcripto ha além d'isso tres saltos!

A traducção da passagem que segue, é egualmente infeliz:

Racz., pag. 62 (1)	Parte II, pag. 6–7
Je dis donc que le dessin et la peinture tels que je les entends, sont les plus sublimes et les plus utiles instrumens pour tous les ouvrages matériels dont se servent les républiques et les royaumes; ce que je ferai voir tout à l'heure. Le dessin, dont je traite, consiste surtout à inventer, composer, imaginer et *donner forme* et existence à ce qui n'existe pas: soit qu'il s'exerce sur des objets déjà créés par le premier entendement, soit sur des choses qui n'ont pas encore été inventées par nous. De là, vient que les peintres disent qu'ils ont fait et terminé leur ouvrage sitôt que dans leur idée ils en ont formé le dessin. De même les rois disent qu'ils ont formé le *plan* de porter la guerre en telle province ou d'assiéger telle ville ou de faire telle forteresse, longtemps avant de le faire, parce que dans la délibération secrète ils ont tracé comme un *tableau* de ce qu'ils veulent faire.	Eſte é o debuxar de que fallo e a Pintura a que chamo Deſenho, que um dos maiores e mais eicellentes e proveitoſos inſtrumentos é para as obras materiaes (e ainda eſpirituaes como ſão as imagens) de que ſe ſervem as republicas e reinos, como logo moſtrarei. Quer dizer eſte Deſenho de que eſcrevo, antes determinar, inventar, ou figurar ou imaginar aquillo que não é, para que ſeja e venha a ter ſer, aſſi das couſas que ſam já feitas do primeiro entendimento increado de Deus, que as inventou primeiro, como das que inda não ſão de nós inventadas; de que vem dizerem os pintores que já tem acabado e feito a ſua obra como em ſua ideia tem feito o deſenho d'ella, não tendo inda feito nada mais que o deſenho na ideia. De que vem dizerem tambem os Imperadores na guerra que tem deſenho de ir aſſentar ſeu campo em tal provincia, ou de combater com o ſeu exercito tal cidade, ou de fazer tal fortaleza, muito antes que o façam, tendo feito já o deſenho e a diliberação ſecreta do entendimento.

Mas ha ainda peor:

Francisco de Hollanda distingue claramente *Desenho* e *debuxo*.

Desenho em geral, é a concepção ideal do artista, não

(1) O gripho é nosso.

traçada no papel *(Sciencia)* «dada por o summo Deus gratuita no entendimento» ou mais adiante: «natural no entendimento por Deus».

Debuxo é a representação material, graphica.

Pintura é o realce do debuxo por meio de côres («com tintas»).

Roquemont não tinha senão o *unico* termo *dessin* para traduzir *desenho* e *debuxo,* e fez por isso a confusão que Hollanda condemna, commetteu o peccado mortal de confundir o *desenhador,* o artista por graça de Deus, com o *debuxador,* com o infimo officio «dos que debuxam lavores (1) e folhagens» e dos que pintam com tintas vermelhas e azues e verdes (emquanto terra) (2)...

Esse mesmo infeliz termo *dessin* que significa ora debuxo ora desenho, ora ambas as cousas juntas (pag. 61), significa ainda *plan* (a pag. 62, linha 17.ª), e até *tableau* (ibid. linha 19.ª), quando Hollanda põe em ambos os casos *desenho* (pag. 7, linha 7.ª e 10.ª).

A unica traducção admissivel n'estes dois ultimos, seria *dessein* (intenção), que corresponde ao *desenho* de Hollanda, e que, pela etymologia *designium,* reflecte o sentido duplo (3) que o auctor portuguez quiz dar á palavra. O *tableau,* no segundo caso, é completamente absurdo.

Esta confusão de debuxo e de desenho na mesma palavra *dessin* desfigura a traducção do principio ao fim. O traductor deveria ter notado que Hollanda não escreve uma unica vez *debuxo ou desenho,* confundindo os termos, como escreve ás

(1) Roquemont traduz indevidamente *broderies* (V. Littré — *Dict.*)

(2) O traductor supprime as palavras *emquanto terra,* que estão entre parenthesis, talvez porque as não entendesse. Hollanda referia-se ás *côres de terra* ou côres *naturaes,* que os nossos auctores, ainda no meado do seculo XVIII, distinguem das *artificiaes* ou superiores, que serviam á illuminura e miniatura.

(3) A palavra franceza *dessein* tinha tambem antigamente esse sentido duplo de: *intenção* e *desenho.*

vezes *debuxo ou pintura* que n'estes casos, isto é, juntas, significam sempre o *real* em opposição ao *ideal:* o Desenho, ou sciencia do Desenho. Depois d'isto, não admira que o traductor confundisse as outras fórmas de dizer, como: *entendimento da arte e sciencia da pintura,* que elle traduz ora *dessin* (1) simplesmente, ora *connaissance de la peinture!* (2) E comtudo Hollanda é rigoroso na sua terminologia esthetica; elle explica-se até, ás vezes, prolixamente e repete-se, unicamente para pôr termo á confusão que elle notava nas ideias sobre a arte e para estabelecer de vez, entre nós, a distincção entre o artista e o artifice (3).

Na scena passada no gabinete do imperador em Barcelona, o traductor accrescenta e altera (4) a seu bel-prazer. A traducção dos *Dialogos* padece dos mesmos defeitos; não pudemos fazer senão uma confrontação rapida e incompleta com a copia de Monsenhor Gordo (5), a qual, por ser copia,

(1) Na pag. 65, linha 15.ª deb aixo; corresponde no texto: pag. 12, linha 10 de baixo.

(2) Na pag. 66, linha 5 de cima; corresponde no texto: pag. 13, linha 14 de cima. Mais exemplos:

... «ácerca do valor que tem a arte do desenho da pintura» (pag. 2, linha 3 de cima), traduz elle: sur l'utilité de l'art du dessin *et* de la peinture (pag. 59, linha 11 de cima); «diriva de ſua eterna origem a ideia d'algum grande engenho no entendimento da arte e ſciencia da pintura *que é o deſenho*» (pag. 2, linha 19 de cima) traduz elle: fait dériver de ſon éternelle origine quelque génie profond dans *l'art de la peinture* (!!).

(3) O que diria Hollanda hoje, vendo entre nós os alfaiates-artistas, sapateiros-artistas, carpinteiros-artistas, trolhas-artistas, etc.?

(4) «mandar como furtado o ſeu retrato» (pag. 21) não é: *si je pouvais le faire de mémoire* (pag. 71). *Le Duc d'Aveiro lui dit* (a Carlos V) *alors quelques mots en ma faveur, voyant que l'empereur faisait assez de cas de moi pour ne pas s'occuper d'autre chose,* ha de ser: «dixe-lhe então o Duque d'Aveiro, não ſei que em meu favor, vendo que o Emperador tanta conta comigo tinha ceando que d'outra couſa não tratava.» Roquemont não poderia ter adivinhado que a palavra *favor* era uma emenda no original, mas poderia ter suspeitado que em face do *ceando* (receando) a palavra *favor* ou era ironia, ou representava uma emenda. A outra passagem *et moi je reculai modestement* é invenção do traductor, e não estava no caracter de Hollanda; elle diz, muito ao contrario, que Horacio Farnese se tirou diante d'elle e o poz junto dos duques d'Aveiro e d'Alba. É claro que Roquemont não pôde, do mesmo modo, observar as outras numerosissimas emendas do original, que são outras tantas revelações. Vide as *Notas.*

(5) Foi elle que fez em Madrid a copia dos *Dialogos* que a Academia Real das Sciencias possue (*Memorias,* vol. III, pag. 42-44).

offerece condições menos favoraveis, mas ainda assim sufficientes para uma justa avaliação do outro trabalho de Roquemont. Tornamos a repetir: que está longe de nós a ideia de menosprezar o serviço que Raczynski nos prestou com os seus extractos; o que é necessario, é estabelecer as condições da critica de textos, principalmente para prevenir a repetição de um erro mais grave, qual seria o de se tentar uma nova traducção em francez, porque a julgamos quasi impossivel, ou de alguem traduzir novamente sobre uma versão tão deficiente (1).

(1) Já Grimm, *Leben Michelangelo's* (4.ª ed., 1873), vol. II, pag. 280-291, traduziu para allemão um fragmento dos *Dialogos*, da versão de Raczynski, no entanto suspeitou da fidelidade do traductor (vol. II, p. 496).

offerece condições menos favoraveis, mas ainda assim sufficientes para uma justa avaliação do outro trabalho de Roczmont. Tornamos a repetir: que está longe de nós a idea de menosprezar o serviço que Raczynski nos prestou com os seus extractos; o que é necessario, é estabelecer as condições da critica de textos, principalmente para prevenir a repetição de um erro mais grave, qual seria o de se tentar uma nova traducção em francez, porque a julgamos quasi impossivel, ou de alguem traduzir novamente sobre uma versão tão deficiente (1).

(1) H. Grimm, Leben Michelangelo's (4ª ed., 1873), vol. II, pag. 280-281, traduziu para allemão um fragmento dos Dialogos, da versão de Raczynski, no entanto suspeitou da fidelidade do traductor (vol. II, p. 471).

A HISTORIA

DOS

MANUSCRIPTOS DE HOLLANDA

Apesar de terem tratado d'este assumpto uma serie de escriptores notaveis desde Monsenhor Gordo (1792) e Cean-Bermudez (1800) até ao sr. Tubino (1876) (1), nenhum explicou claramente o estado da questão e ainda hoje reina grande confusão sobre o numero dos manuscriptos, sobre o seu conteudo, sobre a sua authenticidade, sobre o seu actual paradouro, etc. A confusão começa por os titulos e tem augmentado de tal modo, modernamente, que nos parece urgente pôr-lhe termo. A explicação d'esse cháos de citações é facil; os citadores desde Raczynski (1846) nunca mais se importaram com os manuscriptos portuguezes; serviram-se da

(1) Depois de escripta esta advertencia o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro publicou no *Portugal Pittoresco*, Coimbra, 1879, n.º 2, p. 19-22; e n.º 3, p. 40-43, dous artigos em que dá um ligeiro retrato de alguns interlocutores dos dialogos do *2.º Livro* do tratado *Da Pintura antiga*. No entanto s. ex.ª, confiando na proxima publicação do *ms.*, absteve-se de dar novos extractos.

sua traducção a torto e a direito, sem critica, sem indagarem sequer se o Conde havia traduzido fielmente (1) ou não; d'esta culpa não se lavam os que, sendo portuguezes, podiam e deviam ter recorrido ao texto portuguez. Estes limitaram-se a retraduzir de Raczynski. Uns fallam de *Dialogos sobre a pintura antiga* outros de *Tratado da pintura antiga;* uns confundem *Dialogos da pintura antiga* com *Dialogo de tirar pelo natural,* e outros inventam uma *Descripção de Lisboa,* etc. Raczynski, mesmo, esqueceu-se de nos dar uma descripção dos manuscriptos; a esse respeito não diz nem pouco nem muito; elle nem viu o original de um dos manuscriptos que estava então (e ainda está) na Bibliotheca Real d'Ajuda, e serviu-se apenas de copias. (2) Tornamos a repetir que as nossas palavras não envolvem censura ao benemerito estrangeiro; servem simplesmente para demonstrar que o que se tem dito, entre nós e fóra do paiz, sobre os manuscriptos de Hollanda carece de base solida. Não admira que o Conde não fosse completo em 1846, o que admira é que nós, trinta annos depois, não tenhamos dado um passo a mais n'esta questão. Temos:

A. *Da Pintura antiga,* em dois Livros. *Original* (1548).
  a.) Copia da Academia Real das Sciencias de Lisboa (1790).
  α. Tradução hespanhola (1563).

B. *Do tirar pelo natural,* em dialogo. *Original* (1549).
  b.) Copia da Academia Real das Sciencias de Lisboa (1790).

(1) Isto devia ser o primeiro dever dos citadores. V. retro, p. XIX-XXV.

(2) Elle o diz, com relação ao tratado *Da Pintura antiga,* a p. 4; com relação á *Fabrica,* p. 58; em ambos os casos *Bibliothèque de Jésus* (Academia das Sciencias). O Conde não viu tambem o livro de desenhos do Escurial, cujo exame é indispensavel para se ajuisar bem do talento de Hollanda.

C. *Da Fabrica* que falece á cidade de Lisboa, em dois tratados. *Original* (1571).
D. *Livro de Desenhos* do Escurial. *Original* (1538-1547 ou 1548).

São estes os manuscriptos que nos interessam, porque ainda existem, em originaes, ou em copias; os outros perderam-se, ao que parece. (1)

Ainda duas palavras sobre o descubrimento dos manuscriptos.

O primeiro escriptor (2) que deu noticia d'elles foi Monsenhor Gordo, o qual fôra enviado em 1790 pela Academia Real das Sciencias a Madrid, a fim de estudar os manuscriptos relativos á historia civil e litteraria de Portugal existen-

(1) Barbosa Machado *Bibl. Lusit.* II, p. 215, cita-os assim (1747):

Louvores eternos. Dedicou esta obra ao seu anjo Custodio, e a acabou a 22 de novembro de 1569.

Amor da Aurora.

Idades do Homem.

Estes dous tratados ornados de considerações devotas deixou primorosamente illuminados.

Não é provavel que elle os visse, porque no Supplemento, vol. IV, p. 139, (1759) indica de um modo vago e errado um outro tratado:

Fabrica que fallece á cidade de Lisboa. Era um Aqueducto (! !). Depois refere-se ao testemunho de Castro. Dos outros tratados nem palavra.

Nicolau Antonio. *Biblioth. hispana nova* (1672) não falla de Hollanda. Os editores (Bayer, etc.) da ultima edição official da *Bibl. hisp. nova* (1783) citam os manuscriptos perdidos assim:

Louvores eternos offerecedos (sic) ao seu Anjo da Guarda 1568 *versibus.*

Do amor de... duobus libris.

De Christo Homẽ, debuxado com considerações. Olisipone, 1583 folio. Sobre os outros tratados nada.

Esta differença nas noticias indica differença de origem nas informações obtidas. É pois possivel que em Hespanha haja ainda traducções d'essas obras, porque o tratado *Da Pintura antiga* foi traduzido ainda em vida de Hollanda (1563) e de certo com authorisação sua.

(2) É verdade que Baptista de Castro, *Mappa,* vol. I, 1745; e *Roteiro* 1748, já falla da *Fabrica,* que elle viu, e de que dá extractos; mas não viu nem fallou de nenhum dos outros manuscriptos. As citações acham-se na 2.ª ed. do *Mappa* (melhor e menos rara) vol. I, p. 102; e vol. III p. 8 § 21 e 22, e p. 13 § 26 e 27.

tes n'aquella côrte. O auctor deu noticia mui resumida e insufficiente do tratado *Da Pintura antiga,* do dialogo: *Do tirar polo natural* e do *Livro de Desenhos* do Escurial; comtudo era o bastante para chamar a attenção dos homens de lettras. (1) Dez annos depois (1800) Cean-Bermudez (2) deu noticia minuciosa da traducção manuscripta hespanhola (1563) do tratado *Da Pintura antiga,* apontando até os interlocutores dos quatro *dialogos* do *Livro 2.º* d'esse tratado. A citação d'esses nomes devia causar alvoroço. Bermudez declarou que a traducção estava na Academia Real de S. Fernando e juntou mais uma noticia do dialogo *Do tirar pelo natural,* annexo ao primeiro tratado e como tal traduzido pelo mesmo auctor. Não fallou porém do livro do Escurial. Depois, Taborda (3) (1815), Volkmar Machado (4) (1823) e o Bispo Conde (5) (1835) deram mais informações com algumas novidades. Finalmente, o Conde de Raczynski a cuja attenção os manuscriptos foram recommendados, (6) forneceu os primeiros extractos em Dezembro de 1839. Foram publicados em 1846. Elle viu a copia (Academia de Lisboa) do tratado *Da Pintura antiga,* e viu a outra copia do tra-

(1) É verdade que Gordo promettia em 1792, p. 44, uma *Memoria especial sobre a vida de Hollanda que havia de escrever ainda.*

Gordo commetteu porém alguns erros: a traducção hespanhola de S. Fernando é de 1563 e não de 1753. *(Op. cit.,* p. 43 nota *a).* O 1.º livro do tratado *Da Pintura antiga* foi escripto com o 2.º em 1548 (concluidos no dia de S. Lucas em Lisboa) e não o 1.º em 1548 e o 2.º em Santarem em 1549. As subscripções finaes dos differentes tratados estão trocadas (como adiante se verá) e d'ahi os erros. O que foi concluido em Santarem em 1549 foi o dialogo *Do tirar pollo natural.*

(2) *Op. cit.,* II, p. 293-296.

(3) *Op. cit.,* p. 176-183. Taborda foi o mais diligente dos tres, e deu noticias ineditas.

(4) *Op. cit.,* p. 61-64.

(5) *Op. cit.,* p. 33-35.

(6) Esta é provavelmente a verdade. O Conde diz *manuscrits... que j'ai trouvés.* Não vêmos razão para Ch. Clément *(op. cit.,* p. 142) fallar de *découverte d'un manuscrit,* conhecido em Portugal desde 1790, e successivamente descripto até 1839; dez linhas abaixo, na mesma pagina, é apenas *relation retrouvée* par M. Raczynski. Poucos

tado *Da Fabrica,* mas não viu nem o original d'este na Ajuda, nem o *Livro* do Escurial, nem a copia coeva do primeiro tratado existente na Academia de S. Fernando. Parou a questão até 1863, anno em que o sr. D. Gregorio Cruzada Villaamil (1) deu *de visu* a primeira descripção do *Livro* do Escurial; infelizmente, ficou incompleta.

Nova pausa até 1876. Então o sr. D. Francisco M. Tubino (2) fez a descripção completa *de visu* do codice do Escurial e uma noticia da traducção hespanhola do tratado *Da Pintura antiga,* mais extensa do que a de Cean-Bermudez.

Estas observações eram indispensaveis antes de darmos as nossas noticias.

Ficam apontadas todas as fontes de estudo de algum valor e as bases de investigação de cada um dos auctores. É indubitavel que Monsenhor Gordo (1790) esteve habilitado como ninguem emquanto ao exame dos *mss.* Elle viu ainda os originaes dos tratados A e B, cujo paradouro é hoje desconhecido, e d'elles tirou as copias da Academia; elle viu a traducção hespanhola de 1563; elle viu em Lisboa o original

mezes antes de Raczynski vêr as copias de Lisboa, tinha o Bispo Conde, depois Cardeal-Patriarcha, publicado a sua *Lista,* com a biographia de Hollanda. Ou este ou o Director da Academia de Bellas-Artes, Loureiro, com quem Raczynski se informou sobre as fontes portuguezas *(Dict.* p. 178–183), fallaram a Raczynski dos *mss.* Ambos eram das relações do Conde, que nunca negou o que devia a portuguezes, pelo contrario fez os mais eloquentes elogios a investigadores e eruditos como o sr. Visconde de Juromenha, os fallecidos Herculano, Rivara, Berardo, etc. *Suum cuique.*

(1) *El arte en España.* Revista quincenal, Madrid, 1863. Vol. II, p. 113–120, com 3 gravuras.

(2) *Museo español de antiguëdades.* Madrid, 1876, fol. vol. VII, p. 493–527. A descripção do cod. do Escurial occupa apenas p. 515–518; a do tratado *Da Pintura antiga,* e dialogo: *Do tirar pollo natural,* p. 524–526. O resto são considerações do auctor sobre o *Renacimiento pictórico en Portugal* que soffrem contestação. O texto vem acompanhado de 2 desenhos.

Posteriormente, o mesmo escriptor publicou na revista *La Academia* de Madrid, tomo I, n.º 9, Março de 1877, p. 139–140, um artigo *Libro de dibujos inédito,* repetindo o que disse no *Museo,* com um novo desenho. O sr. Tubino não viu porém o tratado *Da Fabrica,* unico autographo litterario hoje conhecido de Hollanda; faltava-lhe, por tanto ainda, um elemento indispensavel para estudar a biographia do pintor.

de C; faltou-lhe ver apenas D. *Livro de Desenhos* do Escurial que elle cita só apud Ponz *Viage de España*. (1) É singular que elle, estando em Madrid, deixasse de ir ao Escurial, mas o que é verdade é que elle não allude a esses desenhos em parte alguma dos seus apontamentos manuscriptos. Estes papeis, que estão hoje na Biblioth. da Acad. R. das Sciencias, formam a *Memoria* sobre a vida de Hollanda que promettera ao publico em 1792 e que elle, desgostoso de varias contrariedades, offereceu a 13 de Junho de 1809 a Antonio Ribeiro dos Santos em carta datada d'Ajuda. Antonio Ribeiro, então á testa da Bibliotheca Publica de Lisboa, andava colligindo noticias para a Historia das Bellas Artes em Portugal. Os apontamentos de Gordo não teem valor para a biographia de Hollanda; são extractos dos seus manuscriptos, alinhados em rubricas p. ex. «Não teve mestre em Pintura» segue a passagem: «Foi tambem arquitecto» idem, etc. Dá comtudo noticias aproveitaveis sobre a historia dos *mss.* originaes e das copias; com não pequeno trabalho apurámos o trigo no meio do joio. O leitor reconhecerá, depois do que vae ler, que Raczynski (2) não tinha razão para desprezar os papeis de Gordo, muito embora a parte biographica das suas noticias de nada valesse.

Codice A. *Original*. Concluido em 1548, dia de S. Lucas (18 de Out.) Foi dedicado a El-Rei D. João

(1) Ha edições de 1772; 1774-1783 e 1787 a 1794. D. Antonio Ponz tencionava vir a Portugal para examinar os objectos d'arte existentes no reino; é o que se entende de uma carta de Gordo a Antonio Ribeiro dos Santos, citada adiante. Infelizmente, Ponz morreu em 1792, no mesmo anno em que Gordo publicava as suas primeiras noticias sobre os *ms.* de Hollanda. Antonio Ponz foi pintor de merito e escriptor erudito. (V. Cean-Bermudes IV, p. 107-112.) O seu *Viage* foi começado em 1772 e acabado em 1794 por seu sobrinho D. Joséf Ponz, o qual publicou o 18.º vol. da obra. E' muito provavel que fosse Antonio Ponz, secretario da Academia de S. Fernando, quem desse ao seu amigo Gordo noticia da traducção hespanhola de Hollanda existente n'esse instituto.

(2) *Dict.*, p. 97 sub Ferreira Gordo, e p. 156.

III, em 1548. No fim do seculo (1790) apparece em poder de D. José Calderon, Cavalleiro de S. João de Jerusalem e official de uma companhia das Guardas de Corpo reaes. Passou logo depois para o poder do seu intimo amigo Diogo de Carvalho e Sampaio, Encarregado de Negocios de Portugal em Madrid. Este o emprestou a Gordo para a copia (1). Actual paradouro, ignorado. Não perdemos ainda as esperanças de o descobrir.

Copia *a*. É a copia de Gordo, hoje na Academia (2).

Trad. α. Foi concluida a 28 de Fevereiro de 1563, por Manuel Diniz, (3) pintor portuguez, amigo de Hollanda. Em 1775 era de D. Felipe de Castro escultor do Rei de Hespanha, Ex-Director Geral da Academia de S. Fernando. Em 1800 era já da dita Academia. (4)

(1) Sobre este diplomata V. I. da Silva, II, p. 151 e IX p. 121; e *Reforma do ensino de bellas-artes*. Parte III, p. 141 n.º 3.

Eis as obras, muito notaveis, d'este diplomata e verdadeiro sabio sobre a physiologia das côres. Se ellas não alcançaram a fama que mereciam, deve-se isso á parcimonia com que o auctor as distribuiu, imprimindo-as apenas em 100 exemplares. São todas raras, mesmo em Portugal:

Tratado das côres (em tres partes). Malta, 1787. 4.º gr. com gravuras coloridas.

Dissertação sobre as côres primitivas. Lisboa, 1788. 4.º gr. com grav. col.

Memoria sobre a formação natural das côres. Madrid, 1791. 8.º com grav. col.

É singular que ninguem chamasse a attenção de Raczynski sobre estes trabalhos; nem o nome se encontra no *Dictionnaire!*

Ainda em Outubro de 1791 o auctor citava na sua *Memoria sobre a formação natural das côres* (Madrid, Ibarra) como *Motto* a esse tratado, a seguinte passagem do tratado: *Da Pintura antiga:*

« Não ha letras que cheguem a poder dizer os milagres que podem as colores, e a grande força sua. » (Liv. I, cap. XXXVII.)

Sampaio foi cavalleiro de Malta, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa; falleceu cerca de 1812.

(2) D'esta copia se tem tirado as que foram para Allemanha, modernamente, «de quatro ou cinco annos a esta parte», diz I. da Silva (1870), vol. IX, p. 304; elle conta duas ou tres copias. Não sabemos senão de uma.

(3) Cean-Bermudez, sub Denis (Manuel) II, p. 11 e p. 295 sub. Hollanda,

(4) Cean-Bermudez, II, p. 295.

Codice B. *Original*. Concluido em Santarém a 3 de Janeiro de 1549. A historia d'este codice está ligada á do cod. A, por quanto elle andava annexo ao primeiro.

Copia *b*. E' a copia de Gordo (ut supra).

Codice C. *Original*. Concluido em Julho de 1571 no Monte (Cintra?). Foi dedicado a El-Rei D. Sebastião. Com licença de impressão a 13 de Abril de 1576. Foi visto em 1748, na Bibliotheca do Conde de Redondo por Baptista de Castro. (1) Esta livraria foi comprada por El-Rei D. José e com ella o original do codice por 4$800 reis. Passou com a côrte para o Rio de Janeiro a 29 de Novembro de 1807; voltou com ella a 3 de Julho de 1822. Actualmente na Bibliotheca Real d'Ajuda.

Copia *c*. Mandada fazer por ordem do Principe Regente (D. João VI) em 1814 (2); foi tirada por Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, ajudante da Bibliotheca Real, e enviada á Academia Real das Sciencias de Lisboa, onde existe.

Codice D. *Original*. Offerecido em 1548 a El-Rei D. João III. Estava em Julho de 1571 em poder do Prior do Crato D. Antonio, (3) filho natural do

(1) Os volumes em que o auctor falla de Hollanda são o I (da 1.ª ed. 1745) e o *Roteiro* (1748, 1.ª ed.) mas na 2.ª ed. do *Mappa*, 1762, vol. I, p. 102, ainda diz: «*Fabrica*... o qual vimos, e se conserva na livraria do ex.^mo^ Conde de Redondo.» El-rei D. José morreu em 1777, por tanto, a *Fabrica* foi comprada pelo rei entre os annos de 1762 e 1777. Deve haver na bibliotheca da Universidade entre os manuscriptos de monsenhor Hasse (vendidos com a sua livraria 12:000 vol. e 200 *ms*. á dita bibliotheca por 6 contos, sendo intermediario monsenhor Gordo), uma copia do catalogo dos manuscriptos da casa de Redondo que Hasse possuia. São noticias de Gordo nos seus papeis sobre Hollanda. N'essa copia deve estar a data certa da venda da livraria da casa de Redondo, e por tanto, a data certa da venda da *Fabrica*.

(2) Noticia de Taborda. *Op. cit.*, p. 177 *nota*.

(3) Declaração do proprio Hollanda. V. adiante. Fol. 47 v.

Infante D. Luiz, irmão de D. João III. Provavelmente confiscado por Felipe II, com os bens do Prior em 1580 e levado para Hespanha. Está no Escurial.

Eis a historia resumida dos codices. Sobre o seu conteudo ha apenas a dar uma ligeira explicação:

O Codice A compõe-se de 2 Livros, cada um com seu Prologo e dirigidos ambos a D. João III. O 1.º Livro é seguido de alguns *Epigrammas* latinos em louvor da obra. Este 1.º Livro contém XLIV capitulos. O 2.º Livro é subdividido em *Quatro Dialogos,* os celebres dialogos em Roma. Seguem depois oito capitulos innumerados e a *Conclusão;* depois d'esta temos ainda *5 Taboas* de artistas celebres: Pintores, illuminadores, architectos, entalhadores em lamina de cobre e entalhadores de corniolas; em seguida alguns *Proverbios* na pintura e uma noticia *(memoria,* fol. 183) de algumas linhas sobre a communhão que recebeu na Pascoa de 1539, na basilica de S. Pedro pelas mãos de Paulo III.

O Codice B compõe-se do Prologo (sem dedicatoria) e XI capitulos em Dialogo com Bras Pereira, no Porto; rubrica final: *Acabeio* etc.; e Carta de Leão X a Raphel: «Cum praeter picturae artem, qua in arte te excellere onmes homines intelligunt» etc. (é tirada das cartas de Bembo, dat. cal. aug. anno secundo).

O Codice C é o da presente edição que descrevemos p. I-XIII.

O Codice D foi primeiro apresentado por D. Antonio Ponz (1772), e extractado por Villaamil em 1863. Damos o titulo conforme o rigoroso fac-simile gravado, de *El arte en España* p. 117:

REINANDO. Ẽ. PORTVGAL. | EL REI. DÕ. JOÃO. III. QVE D̃S. TEM. | FRANCISCO D'OLLANDA. | PASSOV. A ITALIA. | E DAS. ANTIGVALHAS. | QVE VIO. | RETRATOV. DE SVA MÕ. | TODOS OS DESENHOS. | DESTE. | LIVRO (1).

O Indice dos desenhos pode vêr-se em Ponz e mais completo no artigo do sr. Tubino. Este escriptor, ainda assim, não especificou todos os desenhos, que necessitavam de um commentario, pondo-os em relação com o estado actual dos monumentos descriptos.

Finalmente, temos a dizer mais duas palavras sobre a historia da publicação dos manuscriptos de Hollanda para resalvar pretenções futuras.

A Academia fez até hoje esforços repetidos para os imprimir, mas a bôa estrella que levou o livro de desenhos do Escurial para Hespanha, salvando-o do terremoto de 1755, parece ter depois desapparecido. Gordo voltou em 1791 para Lisboa, com a firme tenção de imprimir os ineditos.

Precisava elle ver o tratado autographo *Da Fabrica* e começaram os embaraços.

O Bibliothecario d'Ajuda, Feliciano Marques Perdigão, homem muito austero, oppoz-se ao exame; interveio o Duque de Lafões, illustre fundador da Academia, tio da Rainha, que convidára Gordo para a impressão do tratado *Da Pintura antiga*. O Duque prometteu remover os obstaculos; mas («ou porque elle se esquecesse d'isso, o que tenho por mais provavel, ou porque achasse a resistencia no dito chefe») Gordo não pôde examinar o *ms*. A Marques Perdigão succedeu Francisco José da Serra, (2) Chronista dos Domi-

(1) O titulo indicado pelo sr. Tubino. *Op. cit.*, VII, p. 515 não é bem exacto.
(2) V. a sua biographia em I. da Silva. *Op. cit.*, II, p. 415.

nios Ultramarinos e, diz Gordo, «seu digno sucessor pelo cuidado, com que recatava dos olhos dos sabios tudo quanto alli ha digno de ser visto, mas indigno de estar n'um emprego de tanta consideração pela sua falta de polidez. As suas maneiras afugentavam toda a gente» etc. Gordo não se atreveu ao Cerbero! Morto o intratavel chronista occupou o seu logar Alexandre Antonio das Neves Portugal, (1) Socio e Guarda Mór dos estabelecimentos da Academia, por tanto collega de Gordo. Este julgava vencer agora a demanda; engano! «Fiquei-me no mesmo estado porque fallando-lhe eu n'ella, e no empenho que elle sabia que a Academia tinha que se publicasse com brevidade a vida e certos escriptos de Francisco de Hollanda, *o que elle mesmo me annunciára em carta de sua mão,* me respondeu; que eu ver o manuscripto pretendido lhe devia apresentar uma ordem especial de S. A. R. o Principe Regente (2) «... Gordo offereceu-se a trazel-a verbal por S. A. R. o costumar tratar com benevolencia; como isto não bastasse ao bibliothecario, que pedia ordem escripta, Gordo virou-lhe as costas «porque sempre cuidei eu aproveitar o tempo, e he muito o que se perde inutilmente passeando as salas das Secretarias d'Estado.» (3)

O pretendente, cansado de pedir, desanimou; em 1809, data em que escreveu as noticias a que alludimos, tinha outras razões: a falta de saúde; determinou offerecel-as á Aca-

(1) Idem. *Op. cit.*, I, p. 28.

(2) Isto devia ter succedido depois de Julho de 1799, porque só a 15 d'esse mez é que o principe tomou officialmente o titulo de Principe Regente; a regencia, sem este titulo, data de 1792.

(3) A causa d'esta inesperada resistencia de Alexandre das Neves talvez não seja difficil de explicar; seu irmão João da Cunha Neves de Carvalho Portugal, occupava-se de estudos sobre historia da arte e antiguidades portuguezas. (V. I. da Silva. *Op. cit.*, III, p. 355-357); publicou uma *Galeria pittoresca da historia portugueza* com estampas; uma memoria historica sobre o convento de Thomar (para o qual os Hollandas trabalharam), etc. E' possivel que elle tivesse tambem pretenções aos *ms.* do nosso artista.

demia para servirem a outro socio. A Academia abandonou a questão até 1814. A 27 de Julho houve ordem de impressão do tratado *Da Pintura antiga*. Esta ordem foi renovada a 28 de Julho de 1825 e assignada pelo Secretario Dantas, e confirmada a 6 de Abril de 1837 pelo Vice-Presidente da Academia Trigozo. (1) Finalmente, em Fevereiro de 1876 o fallecido Marquez de Souza-Holstein fez á Academia nova proposta de impressão, que foi acceite, apresentando um plano para a edição que foi approvado. Soubemos, em Berlim, onde então estavamos, da acceitação da proposta e escrevemos a 20 de Fevereiro ao finado Marquez, offerecendo-lhe (2) a nossa collaboração, que não pôde ser acceite allegando elle, Marquez, com pezar, a opposição de terceiro. N'esta mesma carta communicava-nos tambem o plano da nova edição e convidava-nos a remetter-lhe quaesquer notas que tivessemos porque seriam sempre agradecidas. A esta extensa carta respondemos com um parecer ácerca do plano da edição acceitando uma parte e regeitando a outra, e pedimos licença para guardar as notas na carteira, porque só as publicariamos como collaborador da edição. Depois de termos voltado a Portugal (Junho de 1876) recebemos novas

(1) São estas as rubricas da copia do tratado *Da Fabrica*. No *ms.* do tratado *Da Pintura antiga* está assignada a ordem de impressão de 1825, pelo Vice-secretario Elias da Silveira; a de 1837 pelo mesmo Trigozo.

(2) O fundamento da offerta era natural. No *Prologo-prospecto* da *Archeologia artistica*, impresso em 1872, p. 7, prometteramos a publicação dos *ms.* de Hollanda. Motivos imperiosos levaram-nos a dar a preferencia a outros trabalhos; os volumes da *Archeologia* já publicados, outros que estão já impressos, para sahirem brevemente, e que representam um bom milhar de paginas, provam que, o que acabamos de dizer não é pretexto para encobrir falta de vontade. Na carta ao Marquez de Souza fomos mais explicito, fallando-lhe em estudos sobre a vida e escriptos de Hollanda, feitos de 1872 a 1876, porque não haviamos perdido de vista a promessa dada. Em 1871 estivemos no Escurial examinando o *Livro de Desenhos*, que conheceramos pelo artigo do sr. Villaamil; em 1872 voltámos, com maior demora, ao Escurial, no meio do inverno. A viagem que fizemos de 1875-1876 rendeu-nos novos subsidios; tinhamos impresso os trabalhos mais urgentes da *Archeologia*, mórmente o *Catalogo de D. João IV;* tocava a vez ao Hollanda quando o Marquez, nomeado academico, fez a proposta a que alludimos.

cartas do Marquez de Souza; a opposição do terceiro interessado parecia vencida; d'esta vez porém, fomos nós que não pudemos acceitar. Na primavera de 1877 pediu-nos o Marquez uma conferencia na Bibliotheca Nacional de Lisboa (onde estavamos de passagem) que não deu resultado. Em Outubro de 1878 fallecia o Marquez. Pouco depois apresentava um nosso amigo, academico, um requerimento nosso pedindo licença para tirar uma copia dos *mss.* de Hollanda. A Academia concedeu-a por unanimidade.

D'aqui agradecemos á illustre corporação do melhor modo que podemos, com a publicação d'este trabalho, esperando completar em breve a tarefa. Apresentamos estes pormenores para pôr a questão em toda a clareza porque já alguem a quiz turvar. Quando pedimos licença para a copia houve logo quem insinuasse ao publico os grandes trabalhos que o fallecido Marquez executára para a edição, as suas copiosas annotações ao manuscripto, etc., etc. As *copiosas annotações* estão á vista de todos, na Academia; (1) dos outros papeis particulares do Marquez não vimos uma linha. Aos que entendem servir a memoria do fallecido, n'esta questão, á custa de outrem recommendamos, de futuro, mais cautella. D'esta vez quizemos ser generoso; para a outra responderemos com documentos authenticos e então poderá succeder que o feitiço se volte contra o feiticeiro.

Porto, Setembro de 1879.

(1) São raras referencias á *Grammaire des arts du dessin* de Blanc, e outras obras parecidas; o mais são letras, numeros e signaes convencionaes que ninguem entende; vejam, e apreciarão as *copiosas annotações*. Devemos ainda dizer que a presente edição foi feita pelo original da Ajuda e não pela copia da Academia; não póde haver a menor duvida sobre o trabalho critico d'esta edição, porque não vimos a copia da *Fabrica* que o Marquez teve entre mãos, conjunctamente com a copia do tratado *Da Pintura antiga*, a que nos referimos n'esta nota. O original da *Fabrica* na Ajuda não tem, felizmente, um traço a lapis de ninguem; até hoje ninguem ousou profanal-o.

| LEMBRANÇA

fol. 3.

Ao muito Sereniſſimo e Christianiſſimo Rei Dom Sebaſtião sobre a fortificação e repairo de Lisboa.

Tem tanto cada um de nós que fazer em a fortaleza e repairo de ſua alma e no reino da ſpiritual cidade d'ella, que bem podera eu diſimular por agora de tratar da fortificação e repairo do reino e cidade material de Lisboa; mas por não ser ingrato á glorioſa memoria d'El Rei, voſſo avô, que Deus tem, que me mandou, ſendo eu moço, a Italia ver e deſegnar as fortalezas e obras mais inſignes e illuſtres d'ella, como fiz, trazendo-lh'as todas em deſegno, com muito trabalho, cuidado e perigo meu para o ſervir quando compriſſe; já que por culpa do tempo nunca ſe aproveitaram de mim, em muitas obras em que podera ſervir eſte reino com o piqueno talento meu, determinei ainda que ando ao preſente mui longe d'eſtas couſas, | de deixar antes de minha morte a V. A. muito Sereniſſimo Rei e Senhor, eſta breve Lembrança da fortificação e repairo de Lisboa, que tão pouca conta com iſſo tem, e que tanto lhe releva, aſſi para o ſerviço voſſo, como para a quietação e paz d'eſtes reinos. E inda que depois da morte d'El Rei eu deixei quaſi de todo as taes obras e o cuidado e entendimento d'ellas, não pude acabar comigo em voſſo bemaventurado tempo de deixar-vos como artifice eſte ſerviço por mui grande, já que outros ſe não quizeram de mi, e que podera aproveitar eſta republica com a ordem do deſegno, aſſi por o que d'eſta arte ou ſciencia me coube, como por ter viſto com meus olhos e medido e deſegnado com minhas mãos as milhores forças e fabricas, que ha na Europa, nem em todo o mundo. Por onde ſe comprira ou houvera para que não deixara de competir com aquelle va-

fol. 3 v.

leroso Dinocrates, architecto de Alexandre o Magno, quando querendo figurar o monte Athon em fórma de homem, edificou a cidade de Alexandria em Egipto. E confirando eu quão defcompofta eftá Lisboa de fortaleza e quão deformada do que lhe muito importa, fendo ella a cabeça d'efte reino e a corôa d'ella V. A., esforcei-me dar para fua fortificação e ornamento | efta Lembrança a V. A. e a Lisboa, ou para fe fervir d'efta em o prefente, ou para o tempo que eftá por vir. fol. 4.

Da antiguidade de Lisboa e das obras que n'ella
e em Portugal fizeram os romãos
e depois os Reis noffos.

Capitolo 1.

De Lufu, antiquiffimo Rei dos Brigos, tomou o nome Lufitania, a quem os antigos Gallos que ao Porto vieram, chamaram Portugal. E primeiro reinou Tubal dos bifnetos de Noé em Spanha e Tago, que deu nome ao noffo rio Tejo. Depois afirma Julio Solino, e outros antigos, que Ulyffes, vindo da guerra de Troya, edificou Lisboa que foi quafi no tempo de Abido, Rei de Spanha. E parece razão que já nos montes onde hoje Lisboa eftá affentada, deviam alguns pescadores d'aquelle tempo de ter algum veftigio de alguma pobre povoação. Deixo a fabula que fe conta do mofteiro de Chelas, d'onde dizem que Ulyffes levou Achiles que em trajo de molher, Tetys fua mãi ali tinha escondido e encantado, o qual é fabulofo. Mas o que fe tem por verdade que Lisboa, fol. 4 v. | quer a fundaffe Ulyffes, quer Hercules grego, quer outro capitão grego ou cartagines (por que o certo não fe fabe certo), que ella é mais antigua que Roma, porque Viriato, capitão portuguez illuftriffimo, e Sertorio Romano, e Julio Cefar, que a Lisboa pos fobrenome de *Felicitas Julii,* todos a acharam

já feita antigua e velha mais que Roma e edificada por o Senhor Deus que com mais razão ſe póde dizer que a edificou mais que os homens, como aquelle Rei e Senhor a quem todas as couſas ſão preſentes, muito antes que ſejam feitas: que a via já em ſua eternidade qual hoje a vemos chea de religião e ſacramentos, e as maravilhoſas obras que d'ella e n'ella e por ella havia de obrar e obra, aſſi contra os infieis como com os fieis.

N'eſte tempo era Lisboa inda gentia e pagã e não conhecia ſeu verdadeiro fundador Deus; mas adorava os idolos como eu meſmo vi, ſendo moço, polo cipo do idolo Eſculapio, em Noſſa Senhora da Porta do Ferro, e o cipo ſobre que estava o idolo de Venus que eſtá a Santo Eſtevão e outros. E foi Lisboa gentia e pagã muito largos annos, do tempo dos bisnetos de Noé, em que começou a idolatria, e de Luſu e de Tago e de todos os mais gentios reis de Spanha que foram muitos: até o ditoſo tempo de Conſtantino Magno, e do Imperador Theodoſio, em que a Igreja de Deus | ſe dilatou, e começou a dar luz com o novo lume da fé por todo o mundo, e a lançar de Luſitania e de Lisboa as trevas da idolatria fóra. E n'aquelle tempo que depois dos cartagineſes os romãos tomaram Lisboa por guerra, quando era gentia, a ornaram de mui nobres edeficios, fabricas, muros, conductos de agoas, eſtradas e pontes, e de outras nobeliſſimas memorias a ennobrecendo e ornando, como ſe hoje em dia ve em alguma parte os indicios e veſtigios e letras latinas e colunas e pedras e cipos que o demonſtram, e aſſi meſmo as eſtradas e pontes que iam de Lisboa até Roma, como eu as vi. Lisboa era colonia dos romãos, e Eſcalabi, que era Santarem, era municipio; e Evora e Braga Auguſta, e Salamanca e Merida colonias que eram ambas de Portugal, como declara Plinio falando em Luſitania. E tambem o Imperador Antonino Pio no ſeu Itinerario o dá a entender. E pois que os gentios,

fol. 5.

*

ſendo Lisboa gentia, tanto a honraram e os romãos de tão longe, ſendo eſtrangeiros, tinham cuidado de ſeus edeficios e nobreza, quanto mais o deve fazer V. A. e os cidadãos d'ella, pois que não tem outra couſa mais nobre em ſeus reinos nem ha mais Portugal que Lisboa

Ora depois que os romãos foram ſenhores de Lisboa fol. 5 v. quaſi ſeiſcentos annos, como moſtram | as chronicas das memorias d'Eſpanha, até que os reis godos vieram tomar Eſpanha, e que os godos, já chriſtãos, e depois os mouros a ſenhorearam com Eſpanha e que tornou a ſer noſſa, bem ſe ſabe como El Rei Dom Afonso Anriquez, o primeiro Rei de Portugal, a ennobreceo com a fabrica da Sé, e com o moſteiro de S. Vicente de Fóra e outros edeficios e torres. E aſſi os outros reis todos: Dom Dinis, Dom João de Boa Memoria, Dom João o Segundo, que fez a nobre fabrica do hoſpipital e outras. E o feliciſſimo Rei, voſſo biſavô, El Rei Dom Manoel, que com o triunfo e victoria da India quaſi a renovou de todo, cercando-a da parte do mar com o cais que a rodea, e paços, muito milhor do que pola terra a tinha cercado El Rei Dom Fernando com o ſeu muro de argamaſſa que foi uma grande obra, e aſſi meſmo com o ſumptuoſo moeſteiro de Belem e Torre e com a Miſericordia. Ora El Rei voſſo avô, de glorioſa memoria, quem duvida, que, ſe o não atalhara a morte, que houvera de fazer grandiſſimas obras em Lisboa, como me dezia quando vim de Italia? aſſi na fortaleza do caſtello, como em trazer a agua de Bellas, como em outras muitas obras da fortaleza de S. Gião, o que ſe póde bem congeiturar ſómente em o começo, e dos paços que em Emxobregas nos deixou começados para os V. A. acabar com tudo o mais que a Lisboa falece.

| Da cidade d'alma primeiro, fol. 6.
e de ſua fortaleza.
Capitolo II.

Havendo de tratar da fortificação da cidade material de Lisboa, parece razão dizer alguma couſa primeiro do que mais releva, que é a redificação da cidade ſpiritual de noſſa alma, porque, ſem eſta eſtar fortalecida e guardada, em vão trabalha quem vela e guarda Lisboa. Aſſi que muito primeiro ſe ha de fortalecer e redeficar a cidade interior de noſſa alma, que a de pedra e cal exterior. E por iſſo deve cada um fazer o que mais lhe releva, que é fortificar e defender a cidade de ſua alma e o reino de ſeu ſpirito, guarnecendo e cingindo ſuas tres potencias: memoria, entendimento, e vontade, com o inexpunhavel muro da fé viva e eſperança ſegura e caridade perfeita, ſobre a profunda cava da humildade e proprio conhecimento contra as minas do mundo, carne e demonio, e guardando e velando as portas de ſeus cinco ſentidos contra a morte que entra por ellas, vigiando de contino como de atalaya as altas torres da ſoberba de noſſo coração, contra todo o pecado e conſentimento de culpa, fortalecendo os baſtiães e caſtello do ſpirito e a torre da menagem | da noſſa fol. 6 v. mente com o temor e amor de Deus e com o exercicio da oraçam mental e com os tiros e ſetas das jaculatorias armas, com toda a mais armadura que nos o apoſtolo manda armar, dando a chave de toda eſta fortaleza e cidade ao Summo Capitão que é o Filho do altiſſimo e eterno Deus. E como a cidade de noſſa alma aſſi for fortalecida, como digo, ainda que breve e ignorantemente, então podemos ſeguramente tratar do que é muito menos, que é de repairar e remendar a cidade de Lisboa, que tanto o merece de ſeus cidadãos e vereadores.

Do caſtelo e baſtiães e muros
que convem a Lisboa.

Capitolo III.

Uma couſa notei entre todas nas cidades de Italia que ſão as mais fortes e inexpunhaveis de Europa; e é que não ha nenhuma, des a inclita e nobiliſſima cidade de Roma até a menor fortaleza de Civita Caſtelana, que não tenha um forte caſtelo ou fortaleza a que elles chamam *Roca*, d'onde ſe recolham e defendam do imigo no tempo da guerra. Não curo de fallar em Conſtantinopla, nem na fortaleza de Gante, nem de | Enbers em Frandes que ſão ambas fortiſſimas, porque as não vi, mas fallarei do que vi, e deſegnei por minha mão. E digo que Roma, de quem ſe deve tomar em tudo o primeiro exemplo nas obras de vertude, como cabeça da Catholica Igreja, tem o baſtião no monte de Santa Sabina que fez o Papa Paulo III, creo que por deſegno de Antonio de São Galo, architector iminentiſſimo, o qual ſe tem ſer a mais fortiſſima e bem feita fortaleza que ha em todo o mundo. E eſte não é feito de pedraria (como coſtumam fazer os que pouco de fortalezas entendem), mas é todo feito eſte baſtião ou baluarte de tijolo cozido mui piqueno, e com mui pouca cal compoſto em todos ſeus largos muros e repairos. E aſſi ſão feitas do meſmo tijolo e não de pedra todas as milhores fortalezas de Italia, por que tem a pedra por obra mui fraca para a bataria das bombardas. E eſte exemplo de Roma baſte por todos, para fazermos nós tambem em Lisboa o que faz a Santa Madre Igreja, em fortalecer ſua cidade ou cidades. Nós lêmos aſſi meſmo em a ſagrada eſcriptura como Davi, ſendo ſanto rei, e tendo mais ſua fortaleza em Deus que em paredes nem caſtellos de pedra e cal, que toda-

fol. 7.

via fez fortaleza e caſtello em o monte de Sion fortiſſimo de que pendiam mil escudos de metal e mil armaduras de for- fol. 7 v. tes. | E vemos que Lisboa não tem fortaleza nem caſtello de que ſe defenda de ſeus imigos que nunca faltam em o tempo da guerra. E pois com eſtes dous exemplos do teſtamento velho e novo ſe conhece quanto é licito, e quanto releva a Lisboa ter fortaleza, V. A. muito ſereniſſimo Rei e Senhor, a deve de mandar fazer fortiſſima e inexpunhavel em o logar do Caſtello Velho, onde El Rei, que Deus tem, a divera fazer, metendo dentro d'ella o monte de Noſſa Senhora da Graça e o de Noſſa Senhora do Monte d'onde Lisboa ſe póde bater e tomar em tempo de cerco, de que a Deus guarde. E aſſi meſmo por ſeus vereadores deve de mandar cercal-a toda de novos muros (inda que iſto é mais obra de V. A. que não ſua d'elles) e de novas e fortiſſimas portas, ou ao menos repairar e remendar os velhos (o que não faria), com lhes fazer baſtiães do ſeu nome, repairos e cavalleiros mui fortes. Pois que dezia El Rei voſſo avô quando lhe Deus deu o novo nome de *S. Sebaſtiam* que *Baſtiam* queria dizer e ſignificava caſtello forte.

Por que não terá Lisboa fortaleza, pois que é tão nobre e preſumtuoſa cidade, aſſi como tem Milão, Napoles, Florença, Ancona, Troviſo, Genoa, Peſaro, Ferrara, Niça, e outras menores cidades que ella, e que não dominam oriente nem ponente como Lisboa? | e pois que Lisboa não tem ne- fol. 8 nhuma fortaleza ſe lhe acontecer um trabalho de guerra? E ſe dizem os que pouco ſabem e confirão que não ha meſter Lisboa fortaleza, por que a fortaleza d'ella ſão os portuguezes, a iſto reſpondo que Noſſo Senhor é ſó ſua fortaleza, e que mais fortes foram Jeruſalem e Roma e Coſtantinopla e Cartago as quaes foram até o fundo quaſi aſſoladas. Por iſſo ninguem ſe engane com ſuas preſumtuoſas indeſcrições e pouca prudencia, pois vemos que os ſantos reis e papas coſtumam

fortalecer ſuas cidades. Aſſi que já que V. A. manda polo reino fazer novas fortalezas e pola coſta do mar como é muito de louvar, mande tambem fazer a Lisboa ſua fortiſſima fortaleza de baſtiães, portas e muros, pois que é cabeça de todas, conforme a eſte deſegno, ou a outro milhor.

(*) fol. 12. | Da fortaleza de Belem e Sam Gião e baluartes.

Capitolo III.

Com o meſmo cuidado e providencia que a cidade de Lisboa deve ſer fortalecida de novo caſtello e de muros e torres e portas e baluartes e de baſtiães, ao modo das fortalezas modernas que hoje ſe coſtumam por toda a chriſtandade, e, ſe poſſivel fôr, cercada toda de novo e forte muro; inda que os velhos que lhe fez El Rei Dom Fernando ſejam ao ſeu modo honeſtamente fortes polá boa argamaſſa e entulhos que tem (que foi a milhor obra que nenhum rei fez em Lisboa depois das igrejas): aſſi meſmo deve de ſer fortalecida, repairada e acabada a fortaleza de Belem e a de São Gião, pois que tem tanto cuſtado ſem eſtar bem acabada. E iſto com alguns baluartes fortes que lhe respondam da outra banda da Trafaria e da area da Adiça, um defronte da Torre de Belem, onde eſtá a torre velha, e o outro defronte de Santa Caterina de Ribamar que é a mais ſegura fortaleza de Lisboa, ali onde acabam os montes d'Almada e começa a area fol. 12 v. da ponta da Trafaria ou cachopo | ou, ſe poſſivel fôr, havendo pedra ou fundamento ſeguro podia-ſe fazer eſte baluarte no meo da cabeça onde arebenta o mar dos cachopos que responde mais fronteiro a S. Gião, o qual, podendo ſer, ſeria

(*) O reſto da folha 8 é figura; idem fol. 8 v., 9, 9 v., 10, 10 v., 11 e 11 v. Vide Introd.

coufa fortiffima e que muito ajudaria a defender a barra de Lisboa de todo o perigo que por ella lhe póde fazer dano alguma hora. E eftes taes baluartes haviam de fer rafos e baixos | e fortiffimos e feitos não de pedra e cal mas de tijolo cozido mui delgado e forte que é muito mais feguro, digo do embafamento ou pé do baluarte para cima que deve fer de pedra lioz; os quaes baluartes ou baftiães pódem fer conformes a efte defegno, ainda que a fórma feja piquena por não caber em o livro maior.

fol. 13.

| Dos paços de Emxobregas
e parque.

fol. 14.
fol. 13 v.
é figura.

Capitolo v.

Muitos dias ha, Senhor, que defejo dar efta Lembrança a V. A. de palavra e não por efcrito, mas já que vejo poucas vezes V. A., lembrar-lhe-hei o que devo e fou obrigado fem adulação nem fingimento; e já que os outros que mais fabem n'ifto fe defcuidam, eu que de todos menos entendo como jugador d'enxadrez que muito milhor vê os lanços e perigos de fóra que os que eftão cegos no jogo jugando (por onde ás vezes fazem muitas cegueiras), bem affim eu, ainda que ante os do voffo confelho ou a que ifto toca fou mui fraco e ignorante jugador d'efte jogo da difcrição, como quer que ao prefente eftou de fóra vendo jugar os milhores jugadores, não deixarei fiquer por acenos ou gemidos de lembrar alguns lanços d'efte enxadrez do voffo reino, em que fenhor vos não vai pouco a vós, nem aos voffos, e não porque eu de arrogante cuide que vejo mais que os outros n'efte jogo; pois que como dixe em o começo d'efte caderno, tenho tanto que fazer em repairar a cidade e fortaleza da minha alma, que efcufado me ferá tratar d'outras fortalezas e cidades alheas de

fol. 14 v. pedra e cal, que perecem. Mas forçado | da razão e do que vi por outros reinos, (porque o ver muito infina) e tambem favorecido do ocio do logar em que vivo o mais do tempo, no campo, aquilo que n'outros feria virtude é em mi oufadia, mas comtudo piadofa, e de fiel e bom vafalo por onde fem me guardar d'outras malicias d'efte tempo, não deixarei de dizer o que emprendi e que tenho começado.

Lembra-me que El Rei voffo avô de bemaventurada memoria, depois de muito tempo andar em Evora e Almeirim e n'outras partes, finalmente determinou de fe apofentar em Lisboa. E para ifto fazer efcolheo o fitio de Emxobregas entre aquelles dous devotos moefteiros, polo mais efcolhido e mais livre lugar e da milhor vifta que ha em Lisboa, em que começou uns paços, os milhores de Portugal (inda que com algumas imperfeições, ou defcuidos no defegno) que por fua morte não ficaram acabados. E tambem me lembra o grande contentamento com que S. A. me dava conta e razão da architectura da tal obra, e das grandes coufas que fobr'ella com elle paffei. E vejo que V. A. não tem cafas em Lisboa dinas de fua peffoa, por onde ora mora na Ribeira, ora nos Eftáos, ora em Santos Velho, que não fão lugares de Reis fem ter onde reclinar a cabeça n'efta grande cidade, que havia de fer como domicilio feu, e como | uma cadeira ou almofada onde vieffe descançar e recolher-fe das importunas calmas d'Almeirim e Salvaterra, e tambem das trovoadas e invernos da ferra de Sintra. E vemos que os lavradores do campo e os paftores do monte tem fuas choças e cabanas em que de feus trabalhos defcanfam de noite e em que repoufam de dia; e que V. A. não tem n'efta fua cidade nem (estou em dizer) em todo o feu reino umas cafas ou paços, nem para viver folteiro, nem para defcanfar fendo cafado, podendo ter as milhores do mundo. Porque já em o caftello de Lisboa que é um fitio de vifta e ares eicelente, e efcolhido

fol. 15.

por tal dos reis voſſos antepaſſados, póde V. A. e deve ter uns iluſtres paços, dentro em a fortaleza que digo, com uma capella pintada e com ſalas e camaras de eſtuque ou pintadas ſobre bordo, ou a freſco, como é cuſtume dos reis antigos e modernos. E ſe lhe parecer muito ter dobrados paços, ou ſer peſada Lisboa de ſer amigo da liberdade do campo e da caça do monte, acabe V. A. os paços de Emxobregas, que ſão muito para iſſo. E ſe tiver ſaudade do monte e da caça (emquanto é obrigado a ter conta com Lisboa e com ſua côrte) cerque mea legoa de terra d'ali até Chelas e até além de S. Bento, e faça um parque | com muitos porcos e veados e aves, e matas e arvoredos, e fontes e caſas de prazer muito milhores que as que fez em Fonte Nebleo El Rei de França, que tudo póde ter dentro. E ſe lhe a cerca parecer grande ou cuſtoſa dê-a aos frades Jeronymos que elles a cercarão em breve tempo. E acabe os paços d'Emxobregas magnificamente antes que de todo ſe percam, aſſi e da maneira que os houvera de acabar El Rei ſeu avô com muita magnificencia, ſiquer por não deixar perder e em parte desautorizar o conſelho e determinação que n'elles moſtrou. E eu ainda que ando já fóra de pinturas pois de tão pouco ſervem n'eſte tempo, lhe quero inda fazer os deſegnos para as heroicas pinturas e para todo o mais ornamento da tal obra; e tambem para todas as fortalezas e templos d'eſta cidade em fórma maior; e para tudo o mais em que ſervir a ordem do meu deſegno em que todas as obras das fabricas conſiſtem. E acabe V. A. os paços d'Emxobregas que tem milhor ſitio e mais real que Santos e muito mais eſcolhido e livre que todos os outros de Lisboa e fóra das importunações d'ella entre dous moeſteiros nobeliſſimos, principalmente o da Madre de Deus com lhe nacer a aurora e o ſol com os primeiros raios ſobre o mar do meio dia e ſobre | o rio Tejo com as barcas, com ortas e jardins da parte do norte para

fol. 15 v.

fol. 16.

*

nunca poder ter enfadamento emquanto lhe for forçado eſtar quieto em as obrigações de ſeu eſtado. Que ſe V. A. tiveſſe paços quaes devia de ter em Lisboa e quaes eu entendo, eu tenho por mui certo que ſe não enfadaria n'ella tanto. Tenha V. A. ſiquer umas caſas reaes n'eſte reino, n'eſta cidade ou fóra d'ella; que as não tem, como ſão as dos outros reinos, onde poſſa eſtar ſem deſquietação nem enfadamento, o que nace (como digo) de não têl-as. E quando ſe enfadar n'ellas, não ſomente vá com poucos caçar a Almeirim, e a Sintra, mas vá tambem ao campo d'Ourique e do Algarve que inda não vio, e paſſe a Africa e tome-a e triunfe d'ella, e torne com o deſpojo a deſcanſar em Lisboa; e tenha caſas para iſſo, que as não tem, que por iſſo ſe enfada n'ella. E não dará ſua auſencia tanto trabalho a eſte reino, e opreſſam a ſua côrte, nem aos pobres. E teremos quietação para o ſervir e vida, que a não temos ſem elle. E V. A. ſem enfadamento terá tambem vida e ſaude e quietação, principalmente depois que goſar da ſuave vida de caſado a qual lhe noſſo Altiſſimo Deus dê tão bemaventurada como todo eſte reino lhe deſeja.

fol. 17.
fol. 16 v.
é figura.

| D'agoa livre.

Capitolo VI.

Outra Lembrança dou a V. A. e á cidade de Lisboa que é eſta: Nós vemos que as cidades antiguas depois dos templos e das fortelezas e muros e paços, a couſa em que ſe mais eſmeraram foi em o trazer as fontes das agoas por grandes arcos e canos e conductos ás ſuas cidades; como ſe vê na cidade onde foi Carthago e na de Roma, que bebendo todos vinho, traziam trinta conductos de agoas grandes quaſi como rios ou ribeiros a ella, por trinta partes de longe da cidade,

com paſſar o rio Tibre por meo d'ella; como ſe vê na Porta Maior, e por todo o campo de Roma, que parece todo cheo de danças d'arcos qne traziam as aguas uns por cima dos outros. E Lisboa onde todos bebem agua, não tem mais que um eſtreito chafariz para tanta gente e outro para os cavallos. Por ventura é menos Lisboa que Merida colonia que trazia, paſſando-lhe o Diana polos muros, as ſuas agoas polos altiſſimos arcos que inda hoje parecem? É menor que Segovia onde hoje em dia ſe veem os dobrados arcos uns ſobre os outros de pedraria mui forte? | É menos nobre que Carthago? de que me dezia o ifante Dom Luis voſſo tio que eram os pegões dos arcos e canos por onde de cinco legoas traziam a agoa a Carthago, tão altos como altiſſimas torres e tão fortes? É menos que outras muitas cidades antiguas que não nomeo? Dirá ella que não. Ora ſe Lisboa tem a preſumção da maior e mais nobre cidade do mundo: como não tem o mais eicelente templo ou Sé do mundo? Como não tem o milhor caſtello e fortaleza e muros do mundo? Como não tem os milhores paços do mundo? E finalmente como não tem agoa para beber a gente do mundo? E pois El Rei voſſo avô trouxe a Evora a agoa da Prata, perdida do tempo de Sertorio, capitão romano, que a trouxe áquella cidade, e de novo a ella reſtituida por El Rei, com que a cidade é muito mais ſadia e ennobrecida do que era d'antes, por onde merece El Rei, que Deus tem, muito louvor: tambem V. A. o deve n'iſto de emitar, pois não é menos animoſo e magnifico, e deve de trazer a Lisboa *agoa livre,* que de duas legoas d'ella trouxeram os romãos a ella por conductos debaixo da terra ſotterranhos, furando muitos montes e com muito gaſto e trabalho, não ſendo | Lisboa ſua, afóra outras agoas que trouxeram a ella tambem mui de porpoſito como ſe querem e elles faziam as taes obras. E ali entre duas penedias aſperiſſimas de dous montes fizeram um muro larguis-

fol. 17 v.

fol. 18

ſimo e forte que lhe repreſava a agoa de um vale em uma lagoa ou eſtanque em que dizem que traziam por ſeu paſſatempo galé e bateis, como ſe vê hoje em dia na parede e ſitio que era poſſivel. E ganhe V. A. eſta honra de fazer eſte benificio a Lisboa, (ou lho faça fazer) de reſtituir eſta fonte de *agoa livre*, que aſſi ſe chama, a eſta cidade que morre de ſêde. E não lhe dão agoa. Da qual obra eu fiz a El Rei voſſo avô um deſegno para a trazer ao Reſio por quatro alifantes ao modo d'eſte deſegno, que El Rei muito deſejou fazer antes de ſua morte; e o Ifante Dom Luis me dixe que deſejava trazer-ſe eſta agoa á ribeira para a tomarem as náos da India ſiquer por um dos alifantes.

fol. 19.
fol. 18 v. é figura.

| Das pontes e calçadas publicas de Lisboa.

Capitolo vii.

As obras da magnificencia do edificar pontes e as calçadas ou caminhos publicos, ainda que é propio o ſeu cuidado e officio dos vereadores de Lisboa, ſaiba V. A., mui Poderoſo Rei, que não é de outrem mais que dos grandes reis e emperadores; e por iſto é de V. A. tanto como [de] todos. Moſtra-ſe iſto muito viſto polas grandes memorias que inda o tempo com ſua malicia não pode gaſtar: nas magnificas pontes que nos deixaram os imperadores de Roma não ſómente na ſua cidade e por toda Italia e Alemanha, como ſe ve no rio Hyſtro e n'outros; e aſſi meſmo na ponte Du Gar em França e n'outras infinitas que deixo de memorar aſſi no Mardoſco Bayano que eu vi, como outras muitas. Mas ainda n'eſte reino de Portugal, não ſendo legitimamente ſeu, fezeram os romãos para noſſo uſo iluſtres e famoſas pontes, a primeira das quaes (pois que eſtamos tão perto) foi ſobre o rio de Sacavem, como ſe vem claros e manifeſtos o começo

e o fim | d'ella. E eſta deve V. A. mandar redificar porque fol. 19 v. é proveitoſa muito, e tambem para paſſar por ella a corte ſem o rodeo de ir ao Tojal. Fizeram outra ponte ſobre o rio Tejo em Santarem tambem de muita importancia. E ve-ſe a memoria d'ella nas Junqueiras onde chamam a Torruja, dirivado de francez (quando os francezes tiveram Santarem no tempo de Carlo Magno), de Torre Roxa, porque era o pégão da ponte de tijolo vermelho.

Fizeram outra ponte magnifica acima d'Abrantes onde eſtão os pegões e montes de pedra, e eſta quizera redeficar o Ifante Dom Fernando, que Deus tem, ſegundo dixe a meu pai Antonio Dolanda tambem que Deus tem. Mas d'eſtas não curo de dar o cuidado de ſua redificação a V. A. nem aos vereadores de Lisboa, mas ſeja do provedor de Santarem, João, homem Dolanda, meu irmão, com as outras que lhe V. A. manda polo reino edificar. Mas temo que não ſejam tão fortes como eram as antiguas, nem como a que fez Julio Lacer Luſitanio na ponte d'Alcantara ſobre o rio Tejo que me certificou P.º [Pedro?] Sanchez que é d'aquella patria e por iſſo muito bom portuguez e por ſua vertude e letras, que é tão alta a ponte d'Alcantara que bem póde um piqueno navio paſſar por baixo dos arcos | ſem detrimento, nem tocar fol. 20. com os lados nem maſto na volta do arco; ao menos Julio Lacer architector d'ella diz em uns verſos que ali eſtão que a fez para durar até o fim do mundo. E tornando a noſſo propoſito V. A. deve de dar o cuidado d'eſtas emprezas e obras de Lisboa a quem as entenda ſem eſcaſſeza e a quem ſe preſe d'ellas, aſſi como fezeram os antigos imperadores dando o ſeu cuidado e officio a grandes peſſoas, que elles chamavam *Triumviri Viarum Curandarum,* como ſe vê em muitas pedras antiguas e moedas e no termo d'Evora em Noſſa Senhora d'Atourega. E logo devem de ſer edificadas novas pontes, ou redificadas as que fizeram os romãos ao

redor de Lisboa como a de Sacavem e outras. E quanto ás eſtradas ou calçadas de que Lisboa eſtá tão deſcalça, ſó iſto lhe darei por exemplo para que ella ſaiba o que deve fazer. E ſe fazem pouco caſo das deſcalças calçadas que a Lisboa vão e vem, ſaibam que importa tanto a quem d'iſto tem o cuidado que a maior obra que os homens antigos fizeram nem os modernos farão, ſão as calçadas de pedra preta que elles chamavam *Scilice* [ſic] que de todo o mundo iam parar como em centro no meo da praça de Roma a par do Coloſeo ou amfiteatro onde eſtava uma meta que ſe chamava *Umbilicius urbis* [ſic].

fol. 20 v. | E não podera eu crer eſta couſa ſe quando parti de Lisboa indo a Roma, logo em Sacavem não achara a via romana e a ponte quebrada no rio e nas charnecas de Montragil ali onde chamam as Meſtas, as calçadas de *Scilice*. E em Caſtella nos Barcos d'Alconete e na antigualha de Capara; e depois em Aragão, Lerida e Catalunha; e depois em França na cidade de Nimis onde eſtá o famoſiſſimo amphiteatro e memorias dos antigos; e depois em o foro de Julio em Proença e em Antibo e nos Alpes e porto da Liguria e Toſcana, ſempre achando a meſma calçada que achei ſaindo de Lisboa até entrar em Roma.

E iſto direi n'eſte negocio que a maior obra que os homens fezeram, nem farão no mundo publica, nem nas pyrames do Egypto, nem em o mauſeolo de Helicarnaſſo que fez Artemiſia, não ſe fizeram mais grandes nem proveitoſas obras que as que fizeram os romãos nas calçadas e pontes de todo o mundo em Aſia e Africa e Europa ſempre continuando com calçadas e pontes, por altiſſimas ſerras e montes e lagunas e valles, como ſe vê em Portugal na ſerra do Jeres além de Braga e em outras muitas ſerras e promontorios que eſtão por todo o mundo, por onde os | vereadores de

(*) fol. 22.

(*) Fol. 21 e 21 v. contem as inſcripções romanas da Ponte d'Alcantara. V. App.

Lisboa não devem de ter por mal empregado remendarem ſiquer as calçadas e pontes que os antigos fizeram ao redor de Lisboa, que d'iſſo ſe eſtão queixando, para cujo effeito lhes dou aqui o deſegno d'eſtas pontes para redificarem a de Sacavem e as outras do rio Tejo; e eſta é a ponte d'Alcantara de Caſtella que foi Portugal ſobre o meſmo rio Tejo.

| Das cruzes e miliarios.

fol. 23.
fol. 22 v.
é figura.

Capitolo VIII.

Não deixarei de lembrar mais a V. A. e a eſta cidade e reino, que devem ter muito maior cuidado das cruzes de pedra que ſe põem em os caminhos e lugares publicos, tirando as de pau quebradas e velhas e que muitas vezes ficam ſem ſer o que ſão com os braços quebrados, principalmente ao redor d'eſta cidade de Lisboa. De que me muito eſpanto de homens e cidadãos para tanto terem n'iſto tanto deſcuido. Não fez aſſi o muito catholico e prudentiſſimo Cardeal voſſo tio em a cidade de Evora, que de cruzes de marmore de Estremoz ornou todas as entradas e ſaidas d'aquella cidade, o que não faz Lisboa. Ora pois não ſeja aſſi; mas mande V. A. que com muito cuidado que em todas as entradas e ſaidas de Lisboa (e ainda por todo Portugal) ſe façam fermoſiſſimas cruzes de marmor ou pedra vermelha, e com letras na vaſa que enſinem os miliarios, ou legoarios das legoas, para ſaberem os caminhantes os caminhos e legoas que andam. Pois que não é pecado algum emitar os antigos (por cujas | leis nos governamos e regemos), tambem em a pulicia e regimento de ornar as obras publicas em ſua perfeição, aſſi nas fabricas das pontes e vias como tambem n'iſto que os romanos ſoiam fazer em as vias romanas que digo, que iam em calçadas de pedra *ſilice* de todo o mundo a Roma. E coſtumavam elles

fol. 23 v.

a pôr de legoa a legoa uma columna ou pedra com letras que dezia em latim as legoas para ſaberem ſer encaminhados os caminhantes, que todos ſabiam latim até em Portugal, e para não errarem os caminhos, como ſe vê entre Evora e Beja ſem letras; e com letras em a ſerra do Jerez; e nos padrões que de lá vieram que eſtão em Santa Anna de Braga; e nas vendas de Capora em Caſtella e n'outras partes. E podiamos nós fazer o meſmo, pondo em lugar de columnas as cruzes de pedra com letras que inſinaſſem os caminhos e legoas, principalmente ao redor de Lisboa. E já que não ſabemos todos latim, ao menos em portuguez. E podiam ſer as cruzes a eſta proporção:

Uma na Porta da Cruz além de Santa Clara no canto do valle de Manoel Coreſma onde eſtá uma de pao; outra á Porta de Noſſa Senhora da Graça onde eſtá outra de pao; outra á Porta de Santa Anna; outra á Porta da Annunciada a Andaluzes; outra á Porta de S. Roque; outra no caminho de Belem e as outras mais longe ás legoas, onde faltarem.

fol. 24 v.
fol. 24
é figura.

| Dos cipos do ſol e lua.

Capitolo IX.

Outra memoria de baſas dina de lembrar e de emitar dos fieis, faziam os antigos ſendo infieis, como eu vi, quando me o Ifante Dom Luis voſſo tio, que Deus tem, levou a mostrar a ſerra de Sintra, mandando-me para iſſo chamar a Lisboa quando vim de Italia. E vimos em a foz do rio de Colares prezada em outro tempo dos romãos, ſobre um piqueno oiteiro junto do mar oceano um circulo ao redor cheo de cipos e memorias dos emperadores de Roma que vieram áquelle lugar; e cada um punha um cipo com ſeu letreiro ao *Sol* eterno e á *Lua* a quem aquelle promontorio foi dos gentios

dedicado, o que nós, ſpiritualmente mudando, podemos converter em os cipos ou embaſamentos dos pés das cruzes, que digo, em louvor e memoria do verdadeiro Sol de Juſtiça Jeſu Chriſto e da verdadeira e ſempre chea da ſua graça Santa Maria, Noſſa Senhora, como ſe póde conſirar d'eſte deſegno.

| Da igreja de S. Sebaſtiam. fol. 25 v. fol. 25 é figura.

Capitolo x.

Como não temos diante do altiſſimo Deus outros meios, mais noſſos, que por ſeu Filho e por Noſſa Senhora o rogo dos ſeus anjos e ſantos, com muita razão deve de honrar muito a cidade de Lisboa o glorioſo martyr S. Vicente, ſeu padroeiro, e o glorioſo Santo Antonio, ſeu cidadão, e os glorioſos martyres S. Veriſſimo e ſuas irmãs, ſeus avogados. E com muita mais razão ao glorioſo e triunfal cavaleiro e martyr de Jeſu Chriſto, S. Sebaſtiam, porque além das altiſſimas mercês que por meo do ſeu braço e reliquia Noſſo Senhor tem ſeito a Lisboa depois que a ella veo, guardando-a corenta annos da peſte, e depois de agora ferida e caſtigada, reſtituindo-lhe tão milagroſamente a primeira ſaude, que não podia fazer ſenão a meſma mão poderoſa de Deus que a tinha caſtigado, de que ſeja infinitamente louvado, polo meo do ſeu Santo que foi niſſo noſſo interceſſor; somos-lhe todos em grandiſſima obrigação porque nos tem dado de ſeu glorioſo e novo nome tão milagroſamente a vós Senhor e Rei noſſo D. Sebaſtiam, como um baſtiam e caſtello forte, contra noſſos inimigos. E por iſſo ſomos e ſeremos ſempre obrigados a reco | nhecer e agradecer eſta divida a eſte voſſo Santo e novo proteictor dos portuguezes ante a Divina Mageſtade. Polo que muito encommendo e lembro a V. A., já que com tanta razão lhe faz fol. 26.

*

em Lisboa templo e caſa do ſeu nome no ſitio que tem começado, que lh'a faça ornar e fazer e acabar com tanta perfeição e cuidado, que ſe não queixe d'iſſo eſte meu livro. E já que eu não lembro a V. A. nem a Lisboa, nem lembrei, nem para o eſcolher do ſitio, nem para fazer o deſegno da traça ou architectura, nem para lhe eſcolher o meſtre (como homem havido por inutel), ſendo tudo iſto meu officio; ao menos não ſe eſqueça d'iſto que digo, nem da pintura dos retavolos e imagens em que vai muito. Porque ſaiba V. A. certo e os que governam Lisboa que, inda que as paredes ſejam de marmor ou de prata d'eſta nova igreja, que ſe as imagens e a pintura e ornamento forem tão pouco eſcolhidas, e por quem tão pouco d'iſſo entende como ſe coſtuma, que toda a obra ſerá imperfeita e indina de tão glorioſo Santo como é a quem ſe faz, e de tão eicelentiſſimo Rei como é o que a manda fazer, e indina tambem de tão iluſtre cidade como é a que a faz. Um ſó ſerviço ou lembrança lhe deixo n'eſte caderno, ſe me Deus levar primeiro que eſta igreja ſe acabe, que é eſte que deixo em deſegno; e iſto polo que devo a Deus e a eſte Santo, e | tambem ao ſerviço de V. A., que é a lembrança de uma grade ou reixa, que muito importa ter a igreja ao redor, aſſi por ſua maior mageſtade e ornamento, como para ſe defender dos muitos caſos a que eſtá aquella ſanta caſa diſpoſta a ſofrer e a padecer do povo, ſómente por eſtar no lugar em que foi ſitiada; que inda que muitas couſas tem boas (por não ſer dos que tudo tacham), eſta parece que ſe não vio de longe. A qual [tacha] é grande ſe não ſe remediar | com eſta grade de metal ou de marmore que aqui lembro. Quanto ao deſegno dos retavolos e de tudo o mais, eu o deixo a outrem que o milhor ſaiba fazer.

fol. 26 v.

fol. 27.
fol 27. v.
é figura

| Da capella em louvor do S. Sacramento. fol. 28.

Capitolo xi.

A bondade nem perfeição de qualquer livro ou obra, não ſe conhece ſenão pola intenção ou fim do por que ſe faz; e iſſo a faz boa, ou má, ou indiferente por onde eſte piqueno caderno ſe não tivera ſeu fim bem ordenado eu nunca o pozera em execução, ſegundo as muitas tentações e motivos que para o não fazer me tem dado a malicia do tempo, dizendo-me alguns grandes homens que não ſervia de nada iſto agora, e que eſcuſadas eram eſtas minhas lembranças n'eſte tempo em que d'outras fabricas e edeficios ſe tratava, e outras muitas couſas que não digo. Ajuntou-ſe a iſto não me reſponderem Voſſas Altezas como eſperava, nem os deſpachadores, e que na cidade ha *iniquitas & contraditio,* [ſic] polo que eſtive para romper eſte livro algumas vezes ou ao menos vendel-o tão caro ao tempo, como fez ao ſeu ultimo livro a Sybila em Roma, que nunca o quiz dar por menos do que pedia por todos os outros juntos que tinha queimados por lh'os não merecer o povo e o ſenado de Roma. Mas inda que o de Lisboa tão mal m'o a mi merece, lembrando-me do | fim que é Deus por que o faço, e tambem não me eſquecendo que o tinha prometido a V. A. quando lhe dei a medalha do perfeito rei pintada na figura d'Alexandre, e que tambem o dixe para o fazer, determinei de romper por todas eſtas tentações e enfadamentos do tempo, e de fazer eſte piqueno ſerviço a V. A. e á minha patria, inda que por ventura o terá em pouco. E antes queria outra couſa que eſtas lembranças. Tornando pois ao fim que pretendo, com o ultimo ſerviço que é de maior importancia que todos os que até aqui tenho lembrado, quero fol. 28 v.

dar termo a efte caderno, tão defornado de palavras e iftilo rectorico, como rico de boa vontade.

Depois que V. A., muito Sereniffimo Rei e Senhor, tiver feito em Noffo Senhor Deus mais que em pedra e cal, fortaleza e caftello, portas e muros, á cidade antiga de Ulyffes, chamada por Julio Cefar, quando a ella veo, *Fœlicitas Julii Olifipo;* depois que a tiver fortalecida, ornada e fermofentada com feus paços como dixe; depois de a ter recreado com rios e novas fontes trazendo a ella agoa livre; depois de a ter incaminhado e aos que a ella vem com vias e eftradas e pontes; depois de a ter limitado com marmoreas e altas cruzes em as metas dos caminhos, quieto efte reino de todo, a India confervada, e Africa já | vencida, jufto ferá que V. A. faça o ultimo edificio de fua memoria, edificando em gloria e honra do Santiffimo Sacramento uma magnifica capella, ali onde foi do ereje tão mal tratado, na fala d'El Rei voffo avô, em o tempo das feftas do cafamento dos muito fereniffimos principes Dom João e Dona Joana, voffos gloriofos pai e mãi. E mais fois a ifto obrigado, e pertence efta obra de dereito a V. A. por que, quanto mais os pecadores querem abater e anichilar a honra do altiffimo Deus, que nunca pódem nem poderão nem poffam fazer, tanto mais os juftos e catholicos reis (que eftão em feu lugar no mundo para acudir por fua honra), a devem de acrecentar e levantar, magnificar e engrandecer. E pois o Santiffimo Sacramento foi tão mal tratado de um torpe e abominavel ereje, na fala de El Rei voffo avô, toca a V. A. como muito catholico Rei que é e do chriftianiffimo fangue e genelofia dos taes, que n'aquelle mefmo lugar e fala faça edificar (como é dino) uma fumptuofiffima Igreja ou capella em gloria e enxaltação e memoria do Santiffimo Sacramento, a qual ha de fer de obra e pedras iluftradas e de ouro e prata e pintura e architectura a mais efcolhida e iminente que haja na igreja de Deus (e fe não,

fol. 29.

não ſe faça), a qual fique em ſua glorioſa e voſſa memoria em quanto o mundo durar, e tambem por capella dos reis que depois virão.

| E n'ella como em fazimento de graças polas grandiſſimas mercês que de noſſo altiſſimo Senhor Deus V. A. tem recebido e que ſpera que ao diante receberá, e tambem pola ſaude que ſua mageſtade tornou a Lisboa tão milagroſa, como em trofeo e deſpojo de ſeus ſantos votos e catholicas emprezas, com eicelente e antigua e moderna architectura e deſegno a ornará; fazendo novo e maravilhoſo retavolo e novas ſepulturas para ſeu bemaventurado jazigo d'aqui a muitos annos, imitando n'iſto e em toda virtude e magnificencia aos reis ſeu biſavô e avô, em a magnifica obra que fizeram em Belem. Por que ſe El Rei, que Deus tem, vivera, elle houvera d'eſtimar muito eſta minha lembrança, que era muito ſua, e houvera de a effectuar e fazer tão magnifica e iluſtre como eu deſejo. E aſſi houvera de fazer (como me dizia), uma capella na cadêa do Limoeiro para os preſos ouvirem cada dia miſſa, que era uma grande obra de miſericordia, e que tambem V. A. deve mandar fazer. E tornando á capella do Santiſſimo Sacramento aqui deixo d'ella uma mui piquena lembrança, por ſombra da ſombra do que n'iſſo entendo que podia fazer, porque apenas ſendo Lisboa feita um papel caberiam n'ella os deſegnos que n'iſſo faria e entendo que a tal obra merece, quanto mais n'eſte quarto de folha.

fol. 29 v.

| Da Cuſtodia do S. Sacramento.

fol. 31. fol. 30 e 30 v. é figura.

Capitolo XII e final.

Parece juſto acabar eſta empreza de minhas lembranças, na cuſtodia do Santiſſimo Sacramento, da qual aqui deixo alguma noticia em deſegno, mui pobre e eſtreito para o que

n'iſſo podera fazer, ſe tivera o ſpirito com perfeito contentamento. E não ſe acharia logo aſſi nem em todo o orbe da terra quem me podeſſe ſatisfazer ao que entendo que eſta obra merece, por que de que ideia divina ou de que entendimento ou de que eſtrellas do céo, ou de que arco de Iris, ou de que eſpecia poderiamos nós fazer nem imaginar a obra de tão divina cuſtodia como eſta merece ſer? Não me atrevo eu certamente a podel-a inventar por mais preſunção, e má de contentar que conheço ter no intendimento. Por iſſo perdoe-me o Senhor Deus de me atrever fazer-lhe tão fraco deſegno para cuſtodia do ſeu pricioſiſſimo corpo a que tanto devemos. Por que não ha duvida ſenão que ſe eu podera e em mi fora, eu ordenara que todos os corações dos anjos e dos ſantos e ſantas e o de V. A. e o de todo Portugal e o meu, que de | todos ſe fizera um ſó coração de toda a fermoſura e uniam da igreja militante e da triunfante e que elle fora eſta cuſtodia, que tão fracamente de mi é deſegnada por termo d'eſta empreza. Mas como de longe eſtes meus deſejos me gemem dentro n'alma como que ſão ſómente imaginados e incertos do fim que terão, ou que lhes dará o Senhor não quero paſſar d'aqui. Outros, Sereniſſimo Rei, tereis em voſſo reino que vos ſervirão em muitas couſas nobres e proveitoſas, e muito milhor e com muito maior diſcrição e autoridade; mas eu não entendo nem ſei mais, nem ainda tanto como n'eſte breve caderno tenho moſtrado, de que peço grande perdão a Deus e a Voſſa Alteza, e tudo em louvor e gloria de ſua Divina e Altiſſima Mageſtade.

fol. 31 v.

Laus Deo.

Fim da lembrança de Lisboa. |

fol. 32.
fol. 32 v. é figura.

Ao muito Sereniſſimo e Chriſtianiſſimo Rei Dom Se- baſtião: fol. 33.

De quanto ſerve a sciencia do Deſenho e entendimento da arte da Pintura, na republica chriſtã, aſi na paz como na guerra.

Um queixume faz por mi a arte da Pintura a V. A. muito Chriſtianiſſimo Rei e Senhor: de quão pouco é bem entendida e eſtimada, n'eſte voſſo Reino de Portugal, ſendo ella uma uma [bis] sciencia e arte digniſſima de ſer mui prezada e tida em merito. Primeiro por trazer ſua origem da divina fonte do admirabel e altiſſimo ſeu inventor Deus: e depois porque ſempre foi mui eſtimada, não ſómente dos antigos Reis e Imperadores, e de todas as republicas famoſas e regidas em pulicia não barbara: mas mui admirada e favorecida de toda a Catholica Igreja de Deus: | aſi dos Papas e Cardeaes de Roma, como de todos os outros Reis e Principes d'ella: e ſómente em Portugal não é conhecida nem tem o reſplandor e luſtro que merece; por onde de haver fol. 33 v.

piadade d'ella e dos que não entendem o preço de tão illustriſſima sciencia, determinei d'eſcrever eſte breve caderno ácerca do valor que tem a arte do deſenho da Pintura na republica chriſtã, aſi no tempo da paz como no tempo da guerra.

fol. 34. | De quão eſtimados ſão os entendimentos dotados da Pintura nos outros Reinos.

Capitulo I.

Grandes coiſas podera dizer neſte negocio, porque as li, e vi e ſei e tratei, ácerca do abono da Pintura e d'aquelles que ſão poucos e dotados de Deus do ſeu entendimento; de que me atrevera a encher muitos livros. Mas agora ſerei breve e de cento falarei de dez ou doze, porque o contentamento e o ſpirito d'eſte negocio eſtá já de todo arefecido em mi e perdido, polo tempo e lugar em que hoje vivo no monte, tratando d'outra Pintura; e por não ſer eſcaſſo, digo que fol. 34 v. quando o eterno Deus e meſtre | dos entendimentos dos illustres pintores diriva de ſua eterna origem a ideia d'algum grande engenho no entendimento da arte e ſciencia da pintura que é o deſenho; que em todas as idades e nações do mundo ſempre foi e é hoje em dia muito eſtimado e honrado e favorecido, ſenão ſómente em Portugal que não ſabe agora mais d'iſſo que de couſa que nunca veo a ſua noticia, e eſtima muito mais qualquer outra couſa que pinturas nem pintores.

Leiam os livros e hiſtorias antigas e vejam os grandes Reis, Alexandre, e Antioco, e Ceſar, e todos os antigos emperadores em quanto eſtimaram eſta ſciencia e em quanto honraram ſeus artifices e meſtres, e a magnificencia e liberalidade com que pagavam uma pintura. Vede quão eſtimado foi

Protogenes pintor illuſtre, que eſtando El Rei (creo que Demetrio), ſobre Rhodes que tinha cercado e entrado já n'ella e pondo-lhe o fogo, a deixou de tomar aquelle dia e fez apagar o fogo ſómente por não arder uma tavoa de pintura de Protogenes que eſtava n'aquella parte, e fez retirar o ſeu exercito e armadas ſó por não danar aquella pintura. Que couſa eſta para certos capitães e cavalleiros!

Quando poderia memorar nem abreviar ſómente as grandezas de Alexandre o Magnó com o pintor Apelles? — ou quando as creria Portu | gal nem ſeus pintores? Que poderei dizer do inſigne pintor Parrasio, e que do graviſſimo pintor Pamfilo, e da outra mais larga procição dos outros muitos pintores antigos que não nomeio, aſſi gregos como latinos? e de quanto foram eſtimados em ſuas patrias e nas alheias? Mas parece-me que ouço dizer alguns Grandes, ſabedores (quanto ao ſeu parecer): «Oh iſſo eram gentios e pagãos e por iſſo eſtimavam aſſi eſſas pinturas. Venhamos aos chriſtãos e não curemos de ſaber o d'aquelle tempo paſſado que foi d'elle. Venhamos ao de hoje e ao de hontem inda que é tão esquecido como aquelle.» Vede a Roma e perguntae, quanto valeu Rafael de Orbino com o Papa Leo e com Julio II, que foi tanto qual nunca pintor valera n'eſte mundo, poiſque é certo que não caſava Rafael de Orbino pretendendo por mui certo que o Papa lhe havia de dar o capello de cardeal como lhe acabaſſe a ſua obra: o que fora ſem duvida (ſegundo todos dizem) ſe a morte o não atalhara.

Que direi de Lyonardo de Vince pintor, o qual era tão eſtimado do iſento Rei de França que o mandava ſervir com fidalgos veſtidos de brocado e ſeda? e que tanto lhe queria que, eſtando doente, o foi ver, e eſtando-o veſitando o tomou a morte, e tomando-o El Rei nos braços deu o ſpirito no colo d'El Rei, o famoſo pintor Lionardo? Não ſão iſto valias de pintores | portuguezes. Ora do illuſtriſſimo pintor mes-

fol. 35.

fol. 35 v.

tre Micael Agnelo, que poderei n'efta parte contar que não pareça fabuloso e fingido? Sendo verdade que tanto valia com o Papa Clemente que, quando o vefitava alguma hora, eftava o Papa im pe e não fe affentava fó por o efquivo pintor não ficar im pe e o Papa affentado; e que lhe mandava o Papa cobrir a cabeça e que affi lhe fallava! E ifto é do menos que fe conta de Micael Agnello, pois que é certo que foi tão graviffimo e caro em moftrar fómente a fua obra, que por a querer o Papa ver contra sua vontade um dia, lhe tirou quafi com uma taboa que houvera d'efcalavrar o Papa. Não fão ifto valias de pintores portuguezes, que logo foram caftigados. E o Papa pelo contrairo eftimou d'alli por diante mais a Micael e affi o fez toda Roma. Mas porque não pareça que eftou tão pofto no que já não eftimo, que é a valia que alguma hora podia pretender da pintura: deixemos efte negocio de feu abono, com todas as mais coufas que n'iffo podera escrever, sendo verdades e não mintira, e perdoe-me Ticiano de Veneza, illuftre pintor, e Alberto de Alemagna e Cointim de Frãdes, e todos os mais antigos e modernos pintores que aqui deixei de nomear, porque ifto sobeja para efte logar e tempo.

fol. 36. | Que coufa é efta Pintura
ou entendimento d'ella.

Capitulo II.

Determino de dar a V. A. razão da caufa porque deixo perder effe pouco de entendimento que me Deus deu na fciencia da Pintura: em que podera muito aproveitar efte Reino, fe fora favorecido e animado d'outra maneira; e por que razão me venho antes fazer lavrador e viver no monte como homem inutel e que de nada ferve n'efte tempo. E faiba

V. A. que nenhuma outra é a razão senão Deus e o tempo que me tem desenganado, e o pouco que vejo que val e que se entende nem conhece o eicellentissimo exercicio da pintura e desenho n'este Reino de que sou natural, o qual nunca quis deixar (o que com muita razão só por isto podera fazer) porque está mui certo que em nenhuma terra nem reino podera valer menos que em Portugal, e que em nenhuma valera mais que fora d'elle. Mas quis n'isto ser constante e bom portuguez, e tambem filho d'Antonio dolanda, meu pai, que inda que o Imperador Don Carlos lhe fazia grandes favores em Castella, e a Emperatriz: e fizera a mi: antes quisemos valer menos eu e elle e ser pobres em Portugal, que validos nem | mais ricos em Castella nem França nem em partes onde é grandemente esta arte estimada e com tão grande vantagem de Portugal. fol. 36 v.

Determinei tambem n'este breve caderno mostrar a V. A. algumas de muitas cousas em que podera servir El Rei e V. A. e este Reino: e isto não com resabio de querer que se emende em mi, agora que estou já tão desenganado, que nenhuma cousa do mundo me poderá já tirar d'este monte em que vivo, em que mais estimo enxertar uma arvore e vel-a crecer que quantas valias nem riquezas ha em Oriente. Mas além d'outro milhor fim porque o faço, é para que V. A. conheça não, quão pouco perde em perder o meu serviço, senão para que saiba, quando alguma hora tiver algum outro entendimento milhor que o meu, o como se ha delle de aproveitar e em quantas obras e conselhos o pode servir.

E porque este nome Pintura está muito mal entendido de quem o não sabe, parece razão, primeiro, que mostre em quanto pode servir; que declare que cousa é esta Pintura de que fallo e que determino tanto encarecer e exagerar, e que tanto por si mesmo val, sem que eu o encareça; porque não

cuide algum impudente, que não ha mais que dizer: «Pintura — Pintura!»

E digo que a Pintura ou debuxo de que trato não é o que fol. 37. commumente ſe chama debuxar ou | pintar, dos que pouco ſabem; qual é o officio dos que debuxam lavores e folhagens, ou dos que pintam com tintas vermelhas e azues e verdes (em quanto terra) porque d'eſte debuxar e pintar eu aqui não fallo. Mas eſcrevo d'aquella ſciencia, não ſó aprendida por inſino d'outros pintores, mas naturalmente dada por o summo meſtre Deus gratuita no entendimento, procedida de ſua eterna ſciencia a qual ſe chama Desenho, e não debuxo nem pintura; o qual deſenho aſſi natural no entendimento por Deus, de que elle tem a gloria, de quem nace, é uma couſa tão grande e um dote tão divino, que o meſmo que Deus obra n'elle naturalmente, obra elle em todas as obras, manuaes e intellectuaes que podem ſer feitas ou imaginadas. E aſſi como eſte deſenho criado no entendimento ou imaginativa é nacido da eterna sciencia, increada na noſſa, aſſi a noſſa ideia creada dá a origem e invenção a todas as outras obras, artes e officios que uſam os mortaes. De que redunda toda a gloria d'eſte negocio, não a Apelles, não a Micael Agnello, não aos outros preſuntuosos como eu: mas ao dador e inventor de todos os entendimentos, que é Deus. Aſſi que ſeja elle por iſto de infinita gloria, como merece, louvado, e eu abatido como inutel que ſou.

Eſte é o debuxar de que fallo e a Pintura a que chamo fol 37. v. Deſenho, que um dos maiores | e mais eicellentes e proveitoſos inſtrumentos é para as obras materiaes (e ainda eſpirituaes como ſão as imagens) de que ſe ſervem as republicas e reinos, como logo moſtrarei. Quer dizer eſte Deſenho de que eſcrevo, antes determinar, inventar, ou figurar ou imaginar aquillo que não é, para que ſeja e venha a ter ſer, aſſi

das coufas que fam já feitas do primeiro entendimento increado de Deus, que as inventou primeiro, como das que inda não fão de nós inventadas; de que vem dizerem os pintores que já tem acabado e feito a fua obra como em fua ideia tem feito o defenho d'ella, não tendo inda feito nada mais que o defenho na ideia. De que vem dizerem tambem os Imperadores na guerra que tem defenho de ir affentar feu campo em tal provincia, ou de combater com o feu exercito tal cidade, ou de fazer tal fortaleza, muito antes que o façam, tendo feito já o defenho e a diliberação fecreta do entendimento.

Principalmente chamo defenho aquella ideia criada no entendimento creado, que emita ou quer emitar as eternas e divinas fciencias increadas, com que o muito poderoso Senhor Deus criou todas as obras que vemos, e comprende todas as obras que tem invenção, fórma, ou fermofura, ou proporção, ou que a efperam de ter, affi interiores nas ideias, como exteriores na obra; e ifto bafte quanto ao Defenho.

| De quanto ferve o entendimento do defenho da Pintura no ferviço de Deus. fol. 38.

Capitulo III.

Já que em alguma maneira declarei a força do entendimento do defenho da Pintura que é raiz e fonte de todas as obras manuaes e vefiveis, vejamos agora em que podem fervir no ferviço de Noffo Senhor que é o principal; e digo que ferve o homem dotado do Defenho (no entendimento e ideia, e não fó aprendido) no ferviço do Senhor que o deu, em muitas obras fpirituaes da fua Igreja: como é eu defenhar a divina figura e imagem da hoftia viva que é Noffo Senhor Jefu Chrifto: com proporção perfeita, e fem ter outra

figura com elle eſculpida nos ferros das formas, como me fazia ſervir El Rei, que Deus tem, nas formas das hoſtias grandes e pequenas, que eſculpia o Padre frei Lopo, pelo meu deſenho, para todos os moeſteiros de Portugal.

Serve mais o deſenho de fazer a feição do calix em perfeita proporção, como fez por ſeu deſenho em Roma aquelle famoſo deſenhador que fez o calix d'ouro por onde os Papas celebram e por onde eu, indigno pecador, recebi na | igreja de S. Pedro de Roma (depois de me dar o Senhor o Papa Paulo III de ſua mão) o lavatorio por aquelle maravilhoſo calix que é o milhor do mundo, o qual eſtá feito ſobre as tres virtudes theologaes abraçadas que ſuſtentam o vaſo precioſo.

fol. 38 v.

Serve mais o deſenho em illuminar d'ouro as letras da Sacra e ornar com imagens ou anjos devotiſſimos, como eu fiz na Sacra de prata que me mandou deſenhar em duas taboas El Rei que Deus tem.

Serve em as imagens dos livros illuminados aſſi do miſſal como de todos os outros livros do altar e coro, que devem ſer feitos com grande deſenho e cuidado e diſcrição, como fez fazer El Rei Dom Manoel, voſſo biſavo, a meu pai Antonio Dolanda o breviario, e a Rainha Dona Lianor, molher d'El Rei Dom João III, aſſi para ſeu uſo e devação, como para ſuas capellas; e como illuminava o eicellentiſſimo Dom Julio em Roma a alguns Cardeaes, e Simão em Frandes.

Serve o Deſenho para a forma e feição dos ſacrarios e cuſtodias: quer ſeja de prata ou labaſtro ou de madeira, e para a da naveta e da paz, e dos tribus e das caldeiras e vaſos de prata e pera as cruzes eſcolhidas.

Serve o Deſenho na obra dos ſavaſtros, almaticas, veſtimentas e capas do pontifical com ſantos ou anjos, como fiz a El Rei, que | Deus tem, magnificamente, para Belem, a qual obra não acabou a Rainha Noſſa Senhora por ſeus trabalhos, e V. A. deve mandar acabar.

fol. 39.

Serve o Desenho na tiara do Papa e do Imperador sagrado e na mitra do Bispo e no bago: como fiz na mitra de prata a El Rei que Deus tem, desenhando-lhe n'ella os quatro animaes que viu Ezequiel; e serve nos palios, dorsses, e maças, castiçaes, alampadas de prata, e nos pulpitos e estantes.

Serve o Desenho para os retabolos da Igreja, não sómente communs e para o povo que não sabe lettras, mas tambem para os doctos e theologos e pessoas espirituaes poderem levantar o spirito a Deus, se tiverem para isso entendimento; como se fez no retavolo de S. Domingos de Lisboa, cujo desenho comprende o mysterio e justificação do velho homem na arvore da vida, redimido pelo novo homem da arvore da morte, ainda que muitos ignorantes o não entendam, nem o espirito do Desenho que tem, por terem devação sem espirito nem entendimento. E serve o Desenho na Architectura ou macenaria dos mesmos retavolos para se fazerem sem falsidade de capiteis, colunas, cornijas, e entalhos, mas com perfeita proporção e ordem, não corrompendo confusamente a Architectura como se faz em algumas partes, não fazendo entalhos nem pinturas indiscretas e mui pouco pera estar em altar, que muito se deve advertir dos Bispos | como manda o santo concilio tridentino, assi na pintura como na esculptura; serve o Desenho em fazer e ordenar as historias que se devem d'armar nos panos e tapeçarias das igrejas e de todo o mais ornamento que seja como convem e com a divida magestade ao culto divino.

fol. 39. v.

Serve o Desenho finalmente em toda a fabrica das igrejas ou templos, nos ceos e abobedas ornadas, nos pavimentos illustres como da sé de Sena, nas capellas, nas sepulturas, nos pulpitos, nas pias, nas grades, nas vidraças e muito com arte nas portas, por onde entrão, que hão de ser de obra mui escolhida e feita por grande desenhador (assi como fez

Micael Agnello o modello para São Pedro de Roma) ſem o qual tudo é mal feito e errado; e tambem ſerve de fabricar de novo e eſcolher os ritos dos moeſteiros dos religioſos e religioſas, aſſi os que hão de eſtar dentro das cidades como fóra no ermo e ſoledade, conforme ao fim ordenado do culto divino e recolhimento da oração, e não os pondo em ritos mal olhados como ſe acham muitos, por não os escolherem com homens que tenham a ſciencia e arte do deſenho da Pintura.

Parecerá a alguns que não vai muito neſtes ſerviços, nem em ſerem tão perfeitos como deſejo, mas fallarão como homens que entendem pouco de obras.

fol. 40. Serve sobretudo o Deſenho de levantar o eſpirito | a Deus pollas couſas veſiveis ás inveſiveis, vendo o mundo e o mar, e o ceo, com olhos mais claros que outros em ſua pintura.

Iſto me occorreu por agora de que ſerve o entendimento da pintura ácerca do culto divino e ſerviço de Noſſo Senhor, deixando outras muitas couſas em que d'elle ſe ſervem os Papas e a catholica igreja romana.

De quanto ſerve a ſciencia do Deſenho
no ſerviço d'El Rei.

Capitulo IIII.

Depois de moſtrar quanto ſerve eſta ſciencia no ſerviço do altiſſimo e clementiſſimo Deus, parece razão declarar em quanto pode o entendimento do homem, que a tiver, ſervir a El-Rei e á republica. E primeiro digo que o pode ſervir em as couſas espirituaes que devem ſempre preceder a todas as outras, como ſão as imagens illuminadas ou pintadas ou ſculpidas de Noſſa Senhora e dos eſpiritos angelicos e dos ſantos e ſantas e de toda a ſagrada eſcritura do evangelho:

aſſi em ſeus oratorios e capellas, como em ſeus livros e devações: (como meu pai e eu ſerviamos El Rei) para levantar o eſpirito por meio das taes imagens a Noſſo Senhor Deus, para ſalvação de ſua alma, e conſiguir o fim para que foi criado, que é mui mais alto ſerviço em que ſerve eſta ſciencia da Pintura.

Pode-o ſervir em as couſas do ſerviço de ſua | real peſſoa, como é em o deſenho do cetro de ſeu reino, como fez meu pai a El Rei, que Deus tem, de uma barra d'ouro que tirou Aires do Quintal de uma mina que descobriu, de que deſenhou o ſceptro; e aſſi no deſenho da coroa real, e no do eſtoque, da eſpada, do punhal, da medalha, dos colares, e de todas as mais louçainhas e ornamentos e veſtidos e roupas de feſta, e de lhe dar a feição não barbara; e para a gravidade e pompa das opas das côrtes, que os alfaiates não entendem, como, por o não entender, terladarão nas côrtes paſſadas que V. A. fez a opa de um panno de armar, havendo na ſua côrte quem o por melhor arte podera fazer e aſſi meſmo dar-lhe a feição do barretão ou carapuça que ſerve de coroa. fol. 40. v.

E aſſi o pode ſervir o deſenho da pintura em ſeus retratos para deixarem ſua boa memoria ou para mandar a outros Reinos pois o permitte a Igreja; como fiz a El Rei e Rainha ſeus avos e a V. A. primeiro que ninguem o retrataſſe para mandar á Princeza sua mai a Caſtella.

Pode ſervir o Deſenho muito mais no tempo da paz, em lhe deſenhar como ha de fabricar ſeus edeficios e obras, ſeus paços e caſas de prazer, (como fonte Nebleo em França) e jardins, e fontes (como o Duque Dorbino em Peſaro) e os oratorios e templos, theatros e porticos e cidades, ou vilas bem ſitiadas, e magnificas pontes e aguas e aqueductos de mui longe | trazidos como tenho dito; e tudo feito por deſenho da pintura e não ſem elle. fol. 41

Pode-o ſervir na invenção das diviſas que é couſa em que mui poucos acertam, e nas medalhas e lettras, e nos ſellos de ſuas inſignias e armas, onde os grandes Reis moſtram os conceitos de ſeus animos, ſoberbos ou humildes, diſcretos ou ignorantes, e a indole de ſeu engenho.

Póde-o ſervir nas invenções e fermoſura das armas e cimeiros mui eſcolhidos para a guerra ou para as juntas e torneios e nos ornamentos de jaezes de motão e mouriscos da ginita para os touros e canas e para outras moſtras a que o tempo e eſtado obriga os Reis e Principes; aſſi como eu ſervi alguma hora ao Principe ſeu pai e ao Ifante Dom Luis, fazendo-lhe os deſenhos quando determinava de ir polla ſenhora Princeſa ſua mai a Caſtella; e não ſómente das ſelas d'ouro de martello e guarnições da baſtarda e da gineta, mas nas eſpadas e dagas, colares, medalhas, nos leitos e dorſſes, de invenção de pelles de alimarias, de ſeda e de outras muitas couſas, como ſão as feſtas e arcos triumfaes.

Pode-o ſervir no debuxo das novas moedas em que muito vai e ſe tem feito grandes erros, mas não polos debuxos que com muita deſcrição e cuidado fizemos para os S. Thomes e S. Vicentes d'ouro, eu e meu pai, e para outros pardaos; e que foi por outra via da prata e cobre bem ſe ſabe de todo o Portugal em que parou.

fol 41. v. | Pode-o ſervir o entendimento da Pintura e Deſenho, em as couſas da cetraria e da caça, em eſcolher e conhecer na feição e elegancia e forma os falcões, os açores, os gaviaes, as aguias, muito milhor que os proprios caçadores polo deſenho com que o senhor Deus os creou debuxados; e até nas louçainhas dos caparões e aveſſadas, e na forma de eſcolher os libreos para o monte, e os podengos, e os cavallos, camellos, leões e tigres e todas as outras alimarias domeſticas ou feras; e iſto muito melhor que todos os que não ſouberem que couſa é Deſenho.

Bafta efte pouco que tenho lembrado a V. A. pera que fe faiba milhor aproveitar da pintura, d'aqui por diante quando tiver em feu Reino entendimento nella tão cupiofo, como fão os que o Senhor Deus dá de tempo em tempo onde e como é fervido; e ifto quanto ao que póde fervir efta Arte ou Sciencia, em o tempo da paz, que parece que é o proprio em que fe pode fazer todas eftas obras e exercicios a fora outros muitos que deixei por não fer largo, como entre outros fão o defenho dos escritorios e livrarias, e livros e letras que fão quafi pinturas e debuxos e defenho. Mas vejamos fe pode a Pintura e o Defenho fervir mais. V. A. e a republica em alguma outra obra que parece impoffivel fegundo os paffados ferviços.

| De quanto póde fervir o entendimento da Pintura e Defenho no tempo da guerra. fol. 42.

Capitulo v.

Se a arte da Pintura e o Defenho fão tão proveitofos e forçados no tempo da paz, que só para os exercitar nas obras que diffe, parece de Deus dado, quanto mais o ferá no tempo da guerra, onde ás vezes engenhos mui groffeiros acertam, quanto mais o entendimento do defenho alumiado de quem o deu, quando o deu! Como quer que a guerra com todas effas partes e armas e exercitos, e armadas e fortalezas, tudo parece que não é outra coufa fenão uma pintura bem ou mal defenhada do capitão que a ordena e rege.

Digo pois que [a] arte da Pintura e o Defenho fervem a republica chriftã em o tempo da paz que muito melhor a fervem (onde fe d'ella melhor fabem aproveitar que em Portugal) no tempo da guerra, e Re Militar, de que efcreve Vegecio e outros. Bem fabe fe é ifto verdade Italia e França e

outras provincias aſi de fieis, como de infieis. Porque ſe o deſenho da guerra vae bem deſenhado, é vencida, mas ſe o deſenho vae deſcompoſto dê-ſe por perdida.

fol. 42. v. | Sirva-ſe pois V. A. do deſenho da pintura nas couſas da guerra, e verá quanto releva, e como nenhuma couſa ſem elle ſerá perfeita. E primeiramente ſirva-ſe em ſua Real peſſoa d'outras armas mais bellicoſas que as do tempo da paz que diſſe (porque defferença grande ha entre as armas de paz e as armas de guerra, por quanto umas ſão brinco, e outras ſão ſiso; umas ſão palavras, e outras obras) e eſtas taes não ſe fazem em Lisboa nẽ apenas em Milão.

Sirva-ſe do Deſenho em fazer bem armar e ornar ſeus capitães, cavalleiros e ſoldados; primeiro da viva fé e eſperança e charidade (de que V. A. já vemos eſtar armado, de quem todos os outros aprendemos). Depois de mui eſcolhidas armas de aço vivo, de todas as munições que convém a um fermoſo e forte exercito, e aqui ſe ſervirá do deſenho nas cotas d'armas, nas inſignias, e bandeiras e guiões e diviſas reaes, aſſi de ſua Real peſſoa como dos reis d'armas e maceiros que vão diante como fazem em França na guerra, e como eu vi aquelle dia em Niça de Saboya quando El-Rei de França franciſco de Veloes (grande Rei n'eſtas obras) veo com trinta mil homens fazer a paz com o Papa Paulo terceiro ſobre o Imperador que ali nas gales de Andre Doria fol. 43. veio a Villa franca que eſtá na enſeada. E alli vi aquellas | tres cortes juntas, do Papa, Imperador e Rei com tanta grandeza quaes outras nunca ſe verão n'aquellas partes. Tambem vi o exercito d'El Rei de França e eſtive com os condes de Lombardia dentro n'elle, e o deſenhei e mandei de Niça ao Infante voſſo tio de que me ficou algum entendimento e noticia de um exercito com bom deſenho deſenhado; mas deixemos iſto.

Sirva-ſe do Deſenho no dar as armas e braſões de novo

aos novos cavalleiros e fidalgos que o milhor fizeram, como coſtumavam fazer todos os Reis ſeus antepaſſados que foram mui valeroſos e d'iſto muito ſe prezaram como vemos nas genoloſias e apelidos d'eſtes reinos.

Sirva-ſe do Deſenho no edificar das fortalezas aſſi em Lisboa como lhe tenho lembrado, como por todo o mais reino, cidades e villas que não tem nenhuma forte ao modo moderno que ſe hoje coſtuma na chriſtandade, na forma e proporção dos baſtiões dignos do ſeu nome, baluartes, torriões, merlos, muros, cintinellas, ou atalayas, caſasmatas, revelins, escarpes, entulhos e foſſadas, com tudo o que mais pertence ás ſeguras fortalezas de tijolo e não de pedra. Aſſi como ſe ſerviu de mi El Rei e o Infante na fortaleza de Mazagão que é feita por meu deſenho e modelo, ſendo a primeira força bem fortalecida que ſe fez em Africa, a qual deſenhei vindo | de Italia e de França. De deſenhar por minhas mãos e midir as principaes fortalezas do mundo (mas a de Mazagão não ſe fez de tijolo, como a El Rei e ao Infante aviſei; elles ſaberiam o porque) como é a fortaleza do baſtião novo de Roma que fazia o Papa Paulo contra o turco; a força ou fortaleza de Florença que é a milhor obra da Europa; a fortaleza que ſe fazia em Santelmo de Napoles, que a de Caſtel Novo que tem defronte é de pedra mui lavrada e rica d'eſcultura; a de Civita caſtellana, a de Milão, a de Ferrara, e a de Niça, e as de Genova nobiliſſimas e a de Cerzana, e a de Ancona, e as portas de Padoa, onde vi o noſſo Santo Antonio de Lisboa; e a de Peſaro, onde fui preſo do capitão por ſoſpeitar que a deſenhava, e poſto em perigo de morte, por ſervir El Rei, que Deus tem, voſſo avo. Não faço aqui caſo das forças de França nem de Fonte Rabia e Salſſas indaque tambem as deſenhei; por ſerem de pedra e menos fortes.

fol. 43 v.

Sirva-ſe do deſenho da pintura como fizeram éſtes nas

fortalezas e n'outras muitas que vi em que não fallo, em Lombardia e n'outras partes, e ſirva-ſe na forma das bombardas e proporção, aſſi nas chãs como nas entalhadas ou eſculpidas, e de todas as outras armas.

Sirva-ſe finalmente do entendimento do deſenho em ſe determinar (com o divino favor e auxilio ſem o qual nenhuma obra pode ſer perfeita) em | paſſar a Africa e tomar Fez como os Mouros temem e o forte nome de Sebaſtião promete; e n'eſta ſanta empreſa ſe póde ſervir muito do Deſenho, que o ſeu proprio objecto é no exercito quando ſe move para tomar alguma grande cidade ou reino. Primeiro em fazer deſenho dos ſeus alardos e exercitos em Lisboa e depois nas formas das gales, e náos, e galeões novos e nas mapas e cartas de Africa como fiz já uma de muito preço para Roma ao Arcibiſpo do Funchal, que do mar perdida m'a tornou a moſtrar o Infante. E ſirva-ſe no tomar terra em Africa e no mover do exercito contra Fez, e em mandar ir diante deſenhar e pintar os campos, ſerras e valles, rios e lagunas, e lagias e arifes, e penedos e todos os outros maos paſſos eſtreitos ou perigoſos pera ſeu exercito paſſar ſeguro, e aſſentar ſeu campo e real e tomar a fórma da pintura dos cavalleiros de terra e entulhados e cavas de que ha de eſtar cercado para eſtar forte, e ſirva-ſe na forma de como ha de ordenar os esquadrões, ou em triangolo, ou em quadro, ou n'outras formas, e aſi as alas e vãoguardas e aſſi todas as mais occurrencias ou acontecimentos que podem acontecer em tal combate; até que mereça do altiſſimo ſenhor ſeu Deus tomar o Reino de Fez e de Marrocos, que já foi de fieis e catholicos chriſtãos, e agora geme debaixo do jugo da infidilidade, e com glorioſo | triumpho e victoria tornar a vir deſcanſar em Lisboa e a poder caçar com mais repouſo em Almeirim ou Sintra; e ſe V. A. houver eſta victoria de Africa em ſeu tempo, já que não aproveito pera a guerra, deſejos te-

fol. 45. (44 e 44 v. ſão figuras.)

fol. 45. v.

nho de pintar uma ſanta imagem de Noſſa Senhora da guerra em a torre do Alcorão de Marrocos e de pintar uma cruz em o monte Atalante, ſe o eu mereceſſe.

De como El Rei deve de ſaber eſta ſciencia do deſenho da pintura pera ſeu real ornamento.

Capitolo VI.

Não ſómente ſe deve V. A. ſervir do entendimento do deſenho em todas as obras que digo, mas V. A. pera ſua maior perfeição e ornamento de ſua peſſoa e eſtado deve de entender e ſaber por ſi meſmo deſenhar por ſua propria mão, aſſi para ſua grande recreação como porque muito lhe releva ſabel-o fazer porquanto lhe ſerve em muitas couſas de grande importancia, como fazia El Rei que Deus tem e o Infante Dom Luiz que o entendiam e exercitavam; e como outros imperadores e reis grandes coſtumavam fazer, dos quaes alguns ſabiam não ſomente deſenhar de preto, mas pintar com colores, de que eu dou teſtimunho que vi em o reino de França na cidade de Avinhão, em um moeſteiro | uma pintura de colores muito bem feita a qual pintou El Rei Reinero de França, e era um retrato da bella Ana que elle fez desenterrar da ſepultura ſomente polas pintar, e aſſi a pintou morta como eu a vi. Que ſe Ariſtotiles affirma ſer muito neceſſario a todos os nobres ſaber deſenhar quanto mais o deve ſaber El Rei, como peſſoa mais eminente e exemplar, não ſó na nobreza mas em tudo o mais, e que lhe convem ſaber eſta ſciencia pera muitas obras. De que direi algumas que ſe me offerecem deixando outras muitas.

fol. 46.

Uma das couſas porque os reis devem de ſaber e entender a ſciencia do deſenhar (que não é de pouca importancia), é pera com o entendimento do deſenho ſaber conhe-

cer pola filosomia quasi todos os homens de que se deve servir, que é uma das partes que lhe insinará esta sciencia, e isto lhe releva muito principalmente para conhecer em seu conselho pela filosomia e rosto, que homens ha de escolher pera Viso-Reis da India e quaes pera embaxadores dos reinos estranhos, e quaes pera capitães d'Africa, porque não tome ás vezes os que eram pera escudeiros por capitães, e os que são pera capitães por escudeiros que não importa pouco, n'isto e n'outras cousas como estas e nos officios que deixo.

Deve El Rei e qualquer principe christão saber além d'isto o desenho pera todas as mais obras e actos de sua republica e acções, como é pera se saber vestir como Rei, com a | dignidade e gravidade real em cada tempo, não sómente a si mas a todos os seus, sem lhes consentir mudarem os trajos neciamente, ora de muito grandes a muito piquenos, ora de muito piquenos a grandes, nem d'outros desconcertos que cada dia vemos. E como é pera saber edificar suas obras, e entender a architectura se é falsa, se verdadeira, se antiga, se moderna, se dos romãos, se dos godos; como é pera saber mandar fazer as igrejas e os retavolos, e saber escolher os milhores desegnos e não os somenos, que é summa desventura da pintura e dos desenhadores, quando os reis e principes o não entendem. Como é para fazer fortes suas fortalezas (e que se não possam antes chamar fraquelezas, como dix Bras Pereira á do Porto); seus paços, suas cidades, conductos de agoas e pontes, armas, artelharia, divisas, bandeiras. Como é pera conhecer por o entendimento do Desenho, seus bons cavallos, seus falcões, e aves, e librés, sem ter pera isso necessidade d'outro milhor entendimento e juizo; e não ser muitas vezes lisongeado de quem pouco sabe, assi n'estas como nas outras obras que acima digo; e pera dar os novos brasões e armas aos que o merecem, que é tudo debuxo, e pera não consentir fallar nas cousas, nem ao do conselho nas for-

fol 46. v.

telezas que não vio, nem ao privado no desenho ou pintura que não entende.

E deve-se El Rei tanto de prezar de desenhar, como dix El Rei Dom João o segundo a Garcia de Resende, dizendo-lhe que era tão boa manha que elle desejava muito de a saber, e | que o Imperador Maximiliano seu primo era gran debuxador, e folgava muito de o saber e fazer. Finalmente pois que sem o entendimento do desenho da pintura, se não póde mandar fazer a medalha, nem a espada, nem o vestido, nem as armas, nem o elmo, nem o livro, nem a mesa, nem o leito, nem a ultima das obras que é a sepultura. fol. 47.

Como o Emperador Carlos Quinto entendeo e honrou tanto o entendimento do desenho, como o Ifante Dom Luis quando lhe falei em Barçelona.

Capitulo VII.

A minha tenção não é abater os entendimentos dos inclytos e excelentissimos Reis e Principes de Portugal, porque me prezo de muito bom Portuguez; mas antes de os engrandecer, como sempre fiz asi em Roma como em Portugal, porque se outra cousa dixesse mintiria; porquanto os Reis vossos antepassados todos estimaram muito a pintura e o Desenho e se serviram d'elle, como foi o primeiro Rei Dom Affonso Anrriques em seus edificios, e El Rei Dom João de boa memoria que muito estimou o mestre Jacome, pintor italiano, excellente pera então, El Rei Dom João o segundo a Martinos, e El Rei Dom Manoel e El Rei Dom João vosso avô, que muito estimava meu pai (sem ser pintor), Antonio Dolanda; e de mi digo que me fez muito mais do que eu merecia. Mas um caso me aconteceo n'este negocio, em que V. A. pode ver emquanto é estimado o entendimento da pin-

tura dos ſenhores eſtrangeiros, ſem tirar ſua honra aos portuguezes, que é iſto.

fol. 47. v. | Sendo eu de idade de xx annos me mandou El Rei voſſo avô a ver Italia e trazer-lhe muitos deſenhos de couſas notaveis d'ella, como fiz em um livro que agora tem o filho do Infante Senhor Dom Antonio; e paſſando pola poſta por Valhadolid onde não eſtava ſenão ſó a Muito Sereniſſima Emperatriz voſſa avó, ſem o Imperador voſſo avô, que era ido a Barcelona, dixe-me ella que ſe podeſſe lhe mandaſſe, como furtado, de Barcelona um retrato de Sua Mageſtade, e que lh'o dixeſſe de ſua parte. Por onde como fui em Barcelona logo o quiſera fazer, mas com a morte da Duqueſa de Saboia, e com a vinda do Infante D. Luis que ali então veio a veſitar o Imperador, comecei-me a deſcuidar; n'eſte tempo eſcreveu-me meu pai de Lisboa que em nenhuma maneira me foſſe de Barcelona, ſem fallar e beijar a mão da ſua parte ao Emperador que o muito bem conhecia do tempo que o tinha retratado em Toledo com a Emperatriz, mas vendo eu como o Infante andava acompanhado com o Duque d'Aveiro que foi com elle e com outros fidalgos portuguezes d'alta preſunção, e dizendo-me como o Infante e elles tomavam mal ir ninguem fallar na ſua companhia ao Emperador como não foſſe Grande, determinei de lhe fallar ſem me favorecer n'iſſo nem o Infante, que era tanto meu ſenhor, nem o Duque, nem ſomente o ſaber, nem me ver nenhum portuguez (tanta era tambem a minha preſunção n'aquelle tempo). E aſſi polo meo de Dom Luis d'Avila que era um dos camareiros mais privados de ſua Mageſtade | e que me já conhecia por via de Dom Miguel de Velaſco, fui fallar ao Emperador e era de noite. Abrio Dom Luis d'Avila uma camara com uma chave onde eſtava poſta uma pequena meſa com uma ſó vella e deixou me nella fechado. D'ahi a pouco abrio e meteo dentro ao Duque d'Aveiro ſó, o qual tambem deixou comigo fe-

fol. 48.

chado, e ficou efpantado o Duque de me achar ali em logar tão privado e eu enfadado de fer achado d'elle. — N'ifto veio o Emperador voffo grande avô encoftado em Dom Luis d'Avila que trazia a outra vela que faltava na mefa, que o vinha informando de mi e do para que ali eftava, e vinham fos dous homens cubertas as cabeças, um era o Duque d'Albuquerque e o outro o Duque d'Alva. Cheguei a S. M., e beijei-lhe a mão, e diffe-lhe, como ia a Italia, e que a Emperatriz e meu pai me tinham mandado não paffar a ella de Barcelona fem ver S. M. e fem lhe mandar como furtado o feu retrato. Rio-fe o Emperador e fez-me o gafalhado e comprimento que poderia fazer a um embaixador, porque fabia elle eftimar os engenhos que o mereciam no defenho, inda que eu o não merecia, e afi quafi me não dando a mão que lhe por força beijei, me encommendou muito que viffe as pinturas de S. Miguel de Bolonha em Italia onde fora coroado, dizendo que ninguem o retratara milhor que meu pai em Toledo, nem Ticiano que o tambem tinha retratado; e afentandofe na pequena mefa, ja com as duas vellas, e fazendo afentar o Duque d'Aveiro, e deixando ficar em pé aos outros dous Duques á porta, fe me tornou a defculpar, dizendo, que era ja velho para me confentir que o retrataffe como a Emperatriz pedia, dixe-lhe então o Duque | D'aveiro, não fei que em meu favor, vendo que o Emperador tanta conta comigo tinha ceando que d'outra coufa não tratava. E veio o Senhor Oracio Fernes neto do Papa Paulo, e irmão do fenhor Otavio e do cardeal Fernes, e como lhe o Emperador fez cobrir a cabeça, pondo-fe diante de mi, como conheceu que S. M. me bufcava com os olhos, logo fe tirou de mi diante e me pos junto dos Duques, e de fi, com muita cortefia; n'efte tempo não podendo eu fugir a ventura portugueza veo o Infante Dom Luis com poucos, como o Emperador o efperou, até fe affentar (es-

fol. 48. v.

tando no que digo d'antes comigo), devendo o Infante de favorecer-me, começou a olhar muito para mi e moſtrou-me pejo e carranca eſpantadiſſimo de lhe parecer que entrando com elle me poſera em logar tão privado; entendi-o e apartei-me; e para mais ſe declarar a portugueza minha confiança perguntou-me Dom Francisco Pereira quem me tinha alli levado, ou por onde, ou como entrara, não lhe reſpondi, mas dixe-lhe que eu reſponderia por elle ao Infante, e aſſi o fiz; fui-me logo polo paſſadiço e á meſa em que havia de cear o Infante, e puz a mão na cadeira em que ſe havia de aſſentar, promettendo não tirar a mão d'ella até não reſponder a Dom Franciſco; veio o Infante e ceou e deſpejou, como é coſtume, mas eu não ſoltava a mão da cadeira. Então lhe contei o que me tinha acontecido com a Emperatriz e meu pai e com o Emperador em que eſtava, quando elle veio e como de ſaber das confianças portuguezas por Dom Luis d'Avila (por eu não ſer um dos condes) ſem lhe pedir niſſo favor, beijara a mão a S. M. e quanta honra me fezera elle e o ſenhor Oraçio fernes | e que S. Alteza que me criara e conhecia, e que me houvera de dar a mão e acudir vendo-me cahir em tal lugar, que me abatera e acanhara diante do Emperador que me eſtava honrando e fallando comigo quando elle entrara. Por onde o Infante ſe me deſculpou, como bigniſſimo e excellente principe que era; e começou logo a ſe ſervir de mi em eſcrever cartas comigo, uma ao Papa, outra a El Rei de França, outra ao Marques do Gaſto; mas nem com todo eſte favor, nem pollos muitos que me depois fez o Infante, não ſe deixa de conhecer claro quanto mais os reis eſtrangeiros e o Imperador Dom Carlos voſſo avo, tiveram em mais conta o entendimento do deſenho da pintura, que elle cuidou então que eu tinha, inda que me muito faltaſſe para tel-o, não por que o Infante Dom Luis não foſſe muito no entendimento do deſenho diſcretiſſimo.

fol. 49.

Concrusão d'esta pequena obra.

Capitolo VIII.

Tudo isto tenho escrito, Muito Alto e Christianissimo Rei e senhor, para que V. A. saiba (ja que lh'o outrem não diz, nem lh'o lembra) de que serve o entendimento d'aquella sciencia e arte que em mi morre tão desestimada e esquecida em um mato e monte que está entre Sintra e Lisboa, somente de não haver em que eu possa servir | V. A. nem este reino, fol. 49 v. principalmente depois que Nosso Senhor levou El Rei Dom João vosso avô de gloriosa memoria e o Infante Dom Luis e o serenissimo principe Dom João vosso pai que em grande parte com mais favor e mercê se serviram de mi, do que recebo agora. Mas bem sospeito que como eu não estiver já n'esta vida, que V. A. como amador de todas as boas sciencias e artes, que então se lembrará de se servir d'esta, como ella merece, pois que é uma das mais illustres que Deus todo poderoso inventor d'ella deu aos homens.

E não me queixo mais do tempo, porque me vai sua divina magestade chegando a um tempo, em que o maior mal que me o mundo pode fazer é fazer-me o seu bem, e o maior bem é fazer-me o seu mal, de que o altissimo Deus seja muito infinitamente louvado.

FIM.

Tudo sobgeito a ser emendado da ortodoxa e catholica fee, como manda o Concilio tridentino, como ja tem feito o Reverendissimo P. Fr. Bartholomeu Ferreira.

Escrito em Julho, no Monte. Anno de 1571.

EMENDAS DO AUCTOR

São de quatro especies as emendas do *ms.*: orthographicas (pouquissimas), de estylo (poucas), de redacção (mui frequentes), e emendas da censura official em diminuto numero. Os outros tratados do auctor teem, relativamente, poucas emendas, porque não estavam preparados para a impressão, como este que temos presente. É impossivel, em quasi todos os casos lêr as palavras substituidas por terem sido cobertas com uma forte camada de alvaiade; sobre este fundo branco executou o auctor as emendas que vamos apontar. Seria interessante conhecer as passagens antigas, emendadas, mas para isso tornava-se necessario desfazer ou raspar o alvaiade e ferir o authographo. É natural suppor, na maioria dos casos, que as passagens riscadas, ou antes sepultadas debaixo do alvaiade, diriam o contrario das emendas.

PRIMEIRA PARTE.

Fol. 3 v. linha 8 tempo *de* deixar-vos (accr.).
» 5 v. » 12 quasi a renovou (orth.).
» » » 13 que a rodea, *e paços* (accr.).
» » » 16 Belem e *Torre* (accr.).
» » » 22 em o começo *da fortaleza de S. Gião* (accr.). (1)
» 7 v. » 22 Ancona *Troviso* (subst.). (2)
» 14 » 19 tenho *tanto* que fazer (accr.).
» 14 v. » 21 ora em *Santos Velho* (subst.). (3)
» 15 v. » 4 *E se lhe a cerca parecer grande ou custosa dê-a aos frades Jeronymos que elles a cercarão em breve tempo.*
Emenda de Hollanda: «Dizer isto me arrependo porque costumo muito nunca murmurar dos religiosos que muito honro e estimo, grandemente, como elles sabem.» (V. retro, p. XII *nota.)*
» 16 » 11 á margem a data *1571* e por cima uma cruz; deve referir-se á phrase: «(Campo d'Ourique) que ainda não viu», i. é: á data em que Hollanda escrevia o *ms.* (1571, v. data final a p. 23 da SEGUNDA PARTE). Ou commemora a data, sublinhada, a derrota de Alcacer-Quibir (1578) a que Hollanda, fallecido em 1584, ainda assistiu? A differença das datas não entra em conta. A cruz, sobreposta á data, significaria a morte de um desejo e de uma esperança formulada em 1571.
» » » 16 não dará *sua ausencia* (accr.) tanto trabalho a este reino.
» » » 18 não temos *sem elle* (accr.).
» 20 » 21 a par *do* do (risc., erro).
» 24 v. » 3 outra memoria de *basas* (accr.).

(1) Advertimos que no texto houve um lapso; a passagem «da fortaleza de S. Gião» deve ser collocada do seguinte modo: «em o começo da fortaleza de S. Gião, e dos paços», etc.

(2) O nome substituido não se póde lêr.

(3) Por baixo da palavra *Santos Velho* houve outros nomes, talvez: Alcaçovas, onde D. Sebastião residia em 1569. (V. *notas.)*

Fol.	linha		
Fol. 24 v.	linha	4	os antigos *sendo* infieis (lia-se: *e* infieis).
» »	»	13	gentios *dedicado* (lia-se: consagrado).
» 26 v.	»	5	santa casa *disposta* a soffrer (accr.).
» 28	»	20	*tão mal m'o a mi merece* lembrando-me... que o (senado) de Lisboa.
» 31	»	17	a que tanto *devemos* (lia-se: devo).
» »	»	19	e santas e *o* de V. A. e *o* de todo Portugal (accr.).

PARTE SEGUNDA

Fol.	linha		
Fol. 33	»	7	de quão pouco é *bem* entendida (subst.).
» 34	»	–	folha inteira cortada. V. retro, p. XI.
» 35	»	6	parece-me que ouço dizer alguns grandes *sabedores*.
» 37	»	6	mas *naturalmente* (1) dada por o summo Mestre Deus.
» »	»	8	procedida de sua eterna *sciencia*.
» »	»	9	o qual desenho assi *natural*.
» »	»	12	que o mesmo Deus obra n'ella *naturalmente*.
» »	»	13	obra elle em todas as obras *manuaes e intellectuaes* (accr.).
» »	»	15	(este desenho) é *nacido* da eterna sciencia.
» 37 v.	»	20	emitar as eternas e divinas *sciencias*.
» 38	»	6	que é raiz e fonte de todas as obras *manuaes e visiveis* (accr.).
» »	»	8	o homem dotado do desenho *(no entendimento e ideia)*.
» 40	»	1	*Serve sobretudo o desenho de levantar o espirito a Deus pollas cousas visiveis, ás invisiveis, vendo o mundo, e o mar, e o céo, com olhos mais claros que outros em sua pintura* (accr.).
» 41	»	19	*como são as festas, e arcos triumfaes* (accr.).
» 42 v.	»	11	de que V. A. já *vemos* estar armado.
» 48 v.	»	1	não sei que em meu *favor*.
» »	»	10	como o Emperador o *esperou*.
» »	»	12	começou a *olhar muito para mi* e mostrar-me.

(1) Esta emenda e as seis seguintes foram motivadas pela benevola censura de Frei Bartolomeu Ferreira e tem intima relação entre si. (V. p. XII *nota*.) Pouco depois da ultima lê-se em uma rúbrica atravessada ao longo da pagina: «Já isto está emendado».

Fol. 48 v. linha 13 pejo e *carranca* (1) (lia-se: desdem).
» » » 15 e para mais se declarar a portugueza *minha* confiança.
» 48 » 26 e como de saber *das confianças portuguezas*.
» 49 folha inteira cortada. V. retro, p. XII.
» » » 6 inda que me muito faltasse para tel-o (accr.).
» » » 13 como *begnignissimo e excellente Principe que era.*
» » » 14 *não por que o Infante Dom Luis não fosse muito* (2) *no entendimento do desenho discretissimo.*

(1) A palavra emendada lê-se talvez: carranca *(grimace)*.
(2) Parece que se lia: não fosse *a no* entendimento, etc.

NOTAS

Fol. 3, «trazendo-lhas todas em desegno». Allusão ao livro de Desenhos do Escurial. (V. sobre este livro a Introducção, p. 36.)

Ibid., «cuidado e perigo meu». Allude ao episodio em Pesaro, onde o capitão da fortaleza o prendeu por estar a desenhar, ficando em perigo de morte. (V. adiante, fol. 43 v.)

Fol. 3 v. «... morte d'El-Rei» D. João III (1521-1557) achou-se em grandes embaraços financeiros durante quasi todo o seu reinado. Os documentos em Goes, Andrade, J. P. Ribeiro *(Diss. chron.)*, etc., mas o facto capital citado por nós de Guicciardini *(Arch. art.*, fasc. IV, p. 50): a feitoria de Portugal em Antuerpia fechando as suas portas. Hollanda não teria chegado a executar grandes obras, se D. João III vivesse ainda, mas o Rei alimentava-o com esperanças, ao menos. (V. texto, 1.ª parte, passim.)

Fol. 5. Itinerario de Antonino Pio. Está ao alcance de todos em Hübner. *Noticias archeologicas de Portugal*. Lisboa, trad. da Academia, 1871, p. 95 e seguintes. Sobre a posição das cidades romanas da *Lusitania*. V. Kiepert, *Atlas antiquus X*, e os atlas do *Corpus*, vol. II.

Fol. 5 v., «quasi a renovou de todo». Este testemunho é importante. Allude-se por certo ás obras que Sansovino (Andrea di Domenico Contucci dal Monte S.), executou para D. João II e D. Manoel em Portugal, durante 9 annos.

D. João II (1481-1495) pediu *(fu chiesto)* este artista a Lorenzo de'Medici. Os desenhos das obras que Sansovino executou em Portugal ainda existiam no tempo de Vasari (meado do s. XVI) em poder de Girolamo Lombardo, seu discipulo. Convém não perder de vista esta indicação, uma vez que os trabalhos architectonicos de Sansovino, entre nós, parecem ter desapparecido. O que não se comprehende, em vista da declaração bem explicita de Hollanda, são os ditos do Nuncio Alessandrino e dos embaixadores venezianos Tron e Lippomani em fins do s. XVI, sobre a pobreza de monumentos architectonicos em Portugal! Estes senhores ou abriram pouco os olhos, ou viajaram bem pouco pelo paiz. Voltaremos a este assumpto, e então veremos que a influencia e as obras de Contucci ainda hoje mesmo são visiveis. Raczynski não illucidou este ponto. Sobre as viagens do Nuncio e dos venezianos (V. Souza, *Hist. geneal.; Panorama;* Hübner, *Add. ad corp. II).* A relação da viagem que ainda em 1877 examinámos na Bibliotheca Real d'Ajuda, merecia ser integralmente publicada. Sobre Sansovino v. a primeira fonte: Vasari *Le Vite,* VIII, p. 164; sobre Lombardo, ibid. e XI, 24 v.

Fol. 5 v. Sobre os edificios e monumentos citados n'esta folha, v. as descripções geralmente curiosas e exactas do *Archivo Pittoresco;* na parte relativa á antiga Lisboa citaremos especialmente os excellentes artigos do sr. Vilhena Barbosa: *Fragmento de um roteiro de Lisboa,* que correm pelos vol. III a VIII. Para evitar repetições leiam-se sobretudo os artigos *Palacios reaes* para se entender o que Hollanda diz e que é inedito, em parte. As obras sobre Lisboa, citadas nas *Fontes,* satisfarão os que quizerem estudar a questão mais a fundo.

Fol. 7, «desegno de Antonio de São Gallo». *Il Giovane,* architecto illustre, morto em 1546. Vasari, v. x, p. 1, com a lista das suas obras, p. 25 e seg. Sobre o estado actual dos monumentos do Monte de S. Sabina v. Burckhardt, *Cicerone.* As obras de Sangallo foram asperamente censuradas por M. Angelo na presença de Paulo III, estando presente o auctor d'ellas. Esta curiosa scena vem contada por Vasari. *Vida* de M. Angelo XII, 225 e 226.

Fol. 7 v., «mettendo dentro d'ella o monte de Nossa Senhora da Graça», etc. Para as fortificações de Lisboa póde vêr-se o mappa de Lisboa de Juan Nunes Tinoco (1650) e a grande vista anonyma do s. XVII.

Fol. 12. Hollanda illustra esta pagina com um desenho que já descrevemos (p. VI, n.º 8). No sitio onde elle collocava o *bastião dos cachopos* (p. VI, n.º 9) está hoje a Torre do Bugio; a disposição do artista revela perspicacidade, experiencia e estudo dos trabalhos italianos; os de-

senhos de fortificação (n.os 2–9), sobretudo n.º 6, são notaveis. Compare-se o plano de Hollanda com a exposição do auctor militar Luiz M. de Vasconcellos (1608), p. 253 e seg. Doze annos mais tarde, em 1620, já o plano de Hollanda estava realisado:

Nicolau d'Oliveira menciona (p. 137) as seguintes fortificações em 1620: Torre de Belem e Torre Velha em frente (como Hollanda); tres legoas abaixo S. Julião (400 soldados e mais de 70 peças); defronte, no meio do mar, a *Cabeça sêca* (bastião dos cachopos de H.); uma legoa abaixo Santo Antonio e por ultimo, Cascaes, que faltam no desenho de Hollanda. A *Cabeça sêca* foi obra de Fr. João Turriano. (*Lista*, p. 4.)

Fol. 14 v., «entre aquelles dous devotos moesteiros»: o da Madre de Deus de Capuchas descalças, fundação da rainha D. Leonor, illustre viuva de D. João II (1508), e o de S. Francisco d'Enxobregas (1455). No sitio do Paço de Xabregas está hoje o Asylo D. Maria Pia. S. Francisco é agora fabrica de tabacos.

Fol. 15, «não tem n'esta sua cidade nem (estou em dizer) em todo seu reino umas casas ou paços». Ha n'isto, evidentemente, exagero de Hollanda. Além dos paços de Lisboa: perto do Castello (S. Bartholomeu), dentro do Castello (Alcaçovas), da Ribeira de Xabregas (por concluir), de Santos o Velho, havia o de Cintra, ao sul o de Evora, ao norte e perto de Lisboa: Santarem, Almeirim e Salvaterra, depois Porto e Guimarães, etc. O que ainda existe dos de Cintra, Evora e Guimarães dá uma ideia do seu passado explendor.

Fol. 15. «acabe V. A. os paços de Emxobregas». A insistencia com que Hollanda repete tres vezes esta phrase, parece denunciar que fôra elle o auctor do projecto; pouco antes (fol. 14 v.) dá Hollanda conta das conferencias que tivera com D. João III sobre estes Paços. O seu projecto (v. p. VII, n.º 10) era magnificente.

Fol. 17. «Lisboa... não tem mais que um estreito chafariz». No plano de Manoel Tinoco (1650) achamos um chafariz defronte de S. Domingos (Rocio) outro na margem do Tejo, perto da igreja das Mercês e, um pouco mais adiante, na direcção do Pelourinho, o chafariz d'El-Rei. A *agua livre* a que Hollanda alludiu já (fol. 5 v.), só veio a Lisboa no tempo de D. João V (1719 a 1738). As fontes monumentaes do nosso artista teem certo caracter grandioso (des. n.º 11 e 12). O infante D. Luiz que se interessava pela ideia de Hollanda (fol. 18), chegou a destinar 60:000 cruzados para a obra, que foram gastos pelo municipio nas festas por Filippe II.

Fol. 17 v., «vosso avô trouxe a Evora a agua da Prata». Ha n'esta

cidade duas fontes que nos parecem ter sido executadas segundo projectos de Hollanda. É, em todo o caso, o estylo dos desenhos da *Fabrica*. Estão no fim da rua da Mesquita e na Praça. A primeira tem a inscripção: *Qui convertit petram in stagna aquarum et rupem in fontes aquarum.* Anno 1556. A segunda: *Pio felici invicto Sebastiano Lusit. rege.* (s. d.); em cima do pedestal, onde se lê esta inscripção, está uma magnifica corôa real de bronze da época.

Fol. 19. «Rio Hystro»; é o Danubio. Ponte Dugar é o Pont du Gard, aqueducto com tres galerias de arcos: 152 pés d'altura e 580 de comprimento, que conduz a agua do valle de Uzés a Nimes. Mardosco Bayano (sic) é o golfo de Bayonne, de que ha desenhos no volume do Escurial. Hollanda demorou-se na raia hispano-franceza, porque o mesmo volume contém desenhos de S. Sebastião, Fuentarabia, etc.

Fol. 19 v., «onde chamam a Torruja». Notámos que ha outro logar: *Terrugem* ao pé de Cintra. (V. Juromenha, p. 108), e que Argote sita um logar Toruca entre Tuy e Aguas Celenas (p. 159).

Fol. 19 v., «meu pae Antonio Dolanda tambem que Deus tem». Raczynski (*Dict. 135)*, suppõe-o fallecido depois de 1549. A 15 d'Agosto de 1553 ainda vivia, como se vê da carta do filho Francisco a M. Angelo, publicada por nós (*Arch. art.*, fasc. IV, p. 165–166). A passagem do *ms.* dá-o fallecido em 1571. Como em 1549 estava bastante velho, é natural que não passasse além de 1560.

Fol. 19 v. «João Homem Dolanda, meu irmão». Foi juiz de fóra em Obidos, segundo carta regia de 6 de Janeiro de 1551: *Liv. 69 do Chancel. de D. João III,* fol. 123 v., na Torre do Tombo (Taborda, p. 176). Havia outro irmão ainda: Miguel de Hollanda, cavalleiro fidalgo e thesoureiro em Gôa em 1542. (V. *Dict. 135)*. Este nome falta comtudo, como o de seu irmão e de seu pae nas *Moradias* de D. João III e da Rainha D. Catharina (Souza, *Hist. geneal.)*, como verificámos.

Fol. 19 v., «me certificou P.º Sanchez». Notavel humanista portuguez, discipulo e protector do celebre latinista Jeronymo Cardoso, cujo *Epist. famil. libellus* (Olys. 1556) imprimiu á sua custa. Foi commendador da Esgueira na ordem de Christo e secretario do Desembargo do Paço. Na sua residencia de Evora, abriu uma Academia de erudicção classica, cuja historia, completamente ignorada, se póde seguir na collecção citada. Ha algumas poesias latinas, avulsas, de Pedro Sanchez, cuja lista se póde vêr em B. Machado (III–614); mas não é completa. As cartas de P. Sanchez a Cardoso são quatro e não duas (n.os 33, 43, 47 e 49 da collecção). As relações de Hollanda com Sanches deviam de ser cor-

deaes, pois á frente do tratado da *Pintura antiga,* fol. 4 v., acha-se um epigramma seu ao auctor, que Barbosa tambem não conheceu. P. Sanches nasceu cerca de 1541; não se sabe quando falleceu.

Fol. 20, «em Nossa Senhora d'Atourega» ou da Tourega. (V. *Not. arch.,* p. 48.)

Fol. 20 v., «achára a via Romana». Conf. Kiepert. x e xi, para as vias do sul da França. (V. ainda *Not. arch.)*

Fol. 20 v., «na serra do Jeres além de Braga». V. Argote. De *Antiquitatibus,* etc., e a memoria: *Caminho da Geira e estrada militar do Jerez. (Not. arch.,* p. 84.)

Fol. 23, «não fez assi... vosso tio em a cidade de Evora». Estas cruzes desappareceram de todo.

Fol. 23 v., «que estão em Santa Anna de Braga». É pois inexacto o que diz o editor do *Nobiliario do conde D. Pedro* que fôra o arcebispo D. Agostinho de Castro (1589–1604) que transferira as pedras do Campo da Vinha para o de Santa Anna. Hollanda escreve isto em 1571. A historia d'estas pedras, que tiveram tão má sorte, póde lêr-se em *Not. arch.,* p. 71, onde vem citado o *Nobil.*

Fol. 23 v. «Uma na porta da Cruz». No plano de Tinoco (1650), ainda se conhecem os logares das portas da Cruz, da Graça e de S. Roque.

Fol. 24 v., «vimos em a foz do rio de Colares». Dos cipos ao sol e á lua dá noticia Rezende em 1593. *De ant. Lusit. I,* p. 63 e 64, o qual podia ter obtido a informação de Hollanda, porque este, antes de ir á Italia, e ainda muito joven, lhe forneceu noticias de outras antiguidades romanas, que Rezende não conhecia, v. *Adnotationes* ao poema (Lisboa, 1545). *De Vita Vicentii* n.º 80, em ed. de Coimbra, 1790 com *Antiq.,* vol. II, p. 230. O infante D. Luiz (1506–1555) que levou Hollanda a Cintra, depois da volta da Italia (1547–1548), foi dotado de grande capacidade, discipulo de Pedro Nunes, intimo amigo de D. João de Castro, protector de Jeron. Osorio, de Caceres, seus secretarios, de Goes, etc. Elle colleccionava objectos d'arte e antiguidades, como se vê d'uma passagem do *Dialogo de tirar polo natural,* fol. 1 v., escripto por Hollanda.

Fol. 25 v., «guardando-a corenta annos da peste, e depois de agora ferida e castigada». Allude á grande peste de 1569 em que morreram 70:000 pessoas só em Lisboa, em pouco mais de quatro mezes. Na peste de 1579 morreram em Lisboa 40:000 pessoas, em Evora 25:000; correu por todo o reino. Outra peste em 1598 que lavrou 5 annos e fez 80:000 victimas; partiu de Lisboa, como as antecedentes. Citamos só as mais desastrosas. Nova allusão de Hollanda ao mesmo facto, fol. 29 v.

Fol. 26., «já que com tanta razão lhe faz em Lisboa templo e casa do seu nome». Mais adiante se vê que era o Senado da cidade o auctor e D. Sebastião apenas o mandatario da obra; é do Senado que Hollanda se queixa «tão mal m'o a mi merece» fol. 28; e pouco antes que na cidade ha *iniquitas & contraditio*». Os trabalhos de architectura militar no reino e nas conquistas faziam-se sem que o consultassem (fol. 19 v.), sendo elle especialista n'este genero; agora incumbiam a outro o plano da igreja de S. Sebastião. Esta construcção foi desfeita antes de concluida. Felipe I mandou utilisar os materiaes para o novo mosteiro de S. Vicente, obra do italiano Flipe Terzo. (V. *Arch. Pittor.*, VI-226.) Hollanda assistiu ainda a todas estas peripecias; elle dizia, no entanto, da igreja de S. Sebastião (situada no Terreiro do Paço) que nem tudo n'ella era mau «inda que muitas cousas tem boas (por não ser dos que tudo tacham». Os planos de Hollanda (v. des., n.º 17 e 18) revelam o estudo dos modelos de Serlio.

Fol. 29, «onde foi do ereje tão mal tratado». Foi o inglez Robert Gardner; o caso succedeu em Dezembro de 1552, durante as festas do casamento do principe D. João, sendo arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos. (V. Souza. *Hist. geneal.*, vol. XII, parte 1.ª, p. 130.)

Fol. 29 v., «na cadêa do Limoeiro». Este edificio foi paço real (chamado da *Moeda)* até D. Manoel, que installou alli a *Casa da Supplicação* e cadêa. V. Aragão. *Op. cit. I,* p. 56 e 58.

Fol. 35, «que não casava (o Papa) Rafael de Orbino». Hollanda recolheu esta noticia de Vasari (VIII, p. 58); é uma fabula *(storiella)*, segundo os eruditos commentadores da ed. Lemonnier.

Fol. 35 v., «e perdoe-me Ticiano de Veneza, illustre pintor, e Alberto de Alemagna e Cointim de Frãdes». Estes tres nomes tiveram grande significação entre nós, isto é: em toda a peninsula. É evidente, com relação ao caso especial de Hollanda, a influencia do estudo dos processos technicos de Ticiano, no escripto que tem por titulo: *Dialogo de tirar pollo natural* (i. é de tirar *retratos* do natural) collocado em appendice ao 2.º livro do tratado: *Da Pintura antiga.* Ticiano acha-se representado em Hespanha, directamente, pelo nome de Navarrete *(El Mudo)* 1526-1572, *El Greco* (1548-1625) e, indirectamente, pelo de Juan de las Roelas (1558-1625), não fallando nos grandes pintores do sec. XVII. A respeito de Dürer em Portugal e Hespanha v. *Arch. art.*, fasc. IV, cap. IV e V e Addenda; e *Goësiana* a., Quintin Massys ou Messys (1466-1530), foi um dos pintores mais considerados entre nós no sec. XVI. Damião de Goes possuia obras d'este auctor na sua galeria, trazidas de Flandres, e doou-as

a igrejas (*Processo*, fol. 117 e 122 v.). Hollanda faz honrosa menção d'elle (*Da Pintura antiga*, fol. 179), apesar de ser flamengo! V. o que dissemos sobre o quadro: *Fons vitae*, da Misericordia do Porto. (*Arch. art.*, fasc. IV., p. XVII.)

Fol. 37, « qual é o officio dos que debuxam lavores e folhagens, etc., até terra ». Esta distincção, que Hollanda estabelece, é importante para a historia da arte entre nós. Costumando os reis, principes, e grandes fidalgos, cobrir a parte superior das paredes dos palacios com os panos historiados de que se fazia entre nós um luxo inaudito, e revestindo o terço inferior com os alizares de azulejos, não davam logar ao desenvolvimento da pintura mural; d'ahi a falta da grande pintura *a fresco*, com os grandes assumptos historicos (que Hollanda diz não existir entre nós) e a sua reducção mesquinha nas mãos dos que « debuxam lavores e folhagens » (nos tectos de bordo e estuques). Vide retro, p. XXIII.

Fol. 38, « que esculpia o padre frei Lopo ». Estas fórmas das hostias seriam provavelmente de bronze. O nome de frei Lopo falta em Raczynski.

Fol. 38 v., « como fez fazer El-Rei Dom Manoel, vosso bisavo, a meu pai Antonio Dolanda ». A exploração dos pergaminhos illuminados das nossas bibliothecas e archivos está por fazer, e no entanto, podemos affiançar, por exame proprio, em Lisboa, Ajuda, Evora, Coimbra, Vizeu, Porto, etc., que possuimos ainda notaveis preciosidades, apesar de serem restos do que escapou á rapina de francezes, inglezes e portuguezes. Dos trabalhos especiaes portuguezes sobre os nossos illuminadores merece menção apenas a rarissima memoria do visconde de Santarem que possuimos. O resto, abbade de Castro, Andrade, José Feliciano de Castilho, não tem importancia. Mr. Ferdinand Denis, cuja competencia n'estes assumptos é geralmente conhecida, prepara um notavel trabalho sobre os illuminadores portuguezes que deverá apparecer á frente do *Missal* de Estevão Gonçalves. É occasião de dizer que os livros do côro do convento de Thomar, illustrados pelos Hollandas, estão hoje em nosso poder comprados, desde 1870, ao livreiro Demichelis, em Coimbra.

Fol. 38 v., « como illuminava o eicellentissimo Dom Julio em Roma a alguns Cardeaes, e Simão em Frandes ». Os nomes d'estes dous illustres miniadores apparecem citados pelos nossos escriptores, representando uma das multiplas faces do dualismo das influencias flamenga e italiana sobre a nossa arte. Sobre Simão Benichius v. os nossos apontamentos em *Arch. art.*, fasc. IV, p. 133; *Renascença* (Revista do Porto), p. 35,

nota; e os catalogos dos *ms.* do *British Museum* (na Bibl. Municipal). Para o estudo de Giulio Clovio ha:

Leben des Julius Clovio. Agram, 1852, trad. allemã do illyrico (de I. R. Sakcinski) por M. P.

Twelve most exquisite paintings, upon vellum by Julio Clovio, representing the victories of Charles v. Fol. s. l. n. d.

Bonde. (Gul.) *Thesauris artis pictoriæ* ex unius Julii Clovii clari admodum pictoris operibus depromptus. Fol. s. l. 1733. D'esta obra, que foi impressa n'uma imprensa particular, tiraram-se apenas 2 ex.; faz parte de um volume dedicado a el-rei D. João v: ad serenissimum dom. D. Joannem v Portugalliæ regem de J. Clovii clari admodum pictoris operibus libri tres. I. Idea. II. Index. III. Deliberation. humiliter consecrati a Gul. Bonde. (Londini) anno 1733. Ambos os titulos designam a mesma obra, sendo o primeiro pertencente á segunda parte d'ella.

Clovio, chamado Macedo, nasceu em Grizan (Croacia) em 1498 e morreu em Roma, 1578. Foi discipulo de Giulio Romano. Hollanda *(Da Pintura antiga,* fol. 179 v.) cita Clovio em segundo e Simão em quinto logar na lista dos illuminadores.

Fol. 39, «a qual obra (o pontifical) não acabou a Rainha Nossa Senhora por seus trabalhos e V. A. deve mandar acabar». A igreja de Belem possue ainda hoje um Pontifical de veludo carmezi tecido com fio d'ouro e savastro bordado a ouro e matiz, que a tradição diz ser obra da rainha D. Catharina, e de sua camareira mór D. Filippa de Ataide (Souza. *Hist. geneal.,* vol. XII, parte I, p. 21). Ha tambem na mesma igreja um paramento para função de Pontifical, mandado fazer por D. João III; é de téla de sêda roxa, bordada a ouro e alcachofrada de prata. É de certo a um dos dous que Hollanda allude.

Fol. 39, «serve o desenho... para o povo que não sabe lettras». O sinodo de Arras (1205) já dizia: *Illiterati quod per scripturam non possunt intueri, hoc per quœdam picturæ lineamenta contemplantur».*

Fol. 39, «não corrompendo confusamente a Architectura como se faz em algumas partes». Allusão aos desvarios do baroquismo, ao naturalismo da ornamentação no ultimo periodo do renascimento. Não se faça reparo na data em que Hollanda escreve essa phrase (1571). Foi depois de 1563 (e não 1530 como suppoz erradamente T. Braga) que Antonio Prestes escreveu o seu *Auto da Ave Maria,* onde o auctor põe na bocca do Diabo, feito Vitruvio, (pag. 49, n. ed. de 1871), o panegyrico das novas fórmas architectonicas:

Diabo. — Yo sé las colunas doricas
y corinthias y sé mas,
las jonicas de la paz,
de la guerra las theoricas,
sus talles, basas, compas;

e assim por diante (p. 68-69) a satyra continua sempre: (p. 70, 71 até 75). Dissemos que o *Auto* foi escripto depois de 1563, porque se allude n'elle, (pag. 69) á traducção da obra de Sebastião Serlio (ed. ital., 1540) por Francisco de Villalpando (Toledo, 1563. fol.).

Diabo. — En toscano
muy a la suma
la escrevi, al no presuma;
della el gran Sebastiano
fue la tinta, yo la pluma.
Y en siglos de edad dorada
por Villalpando en España
fue traduzida y sacada
del toscano; es sublimada
su traducion, cosa estraña.

(P. 69; outra citação a Serlio, p. 71.)

Note-se mais que é de 1541 em diante que começam a multiplicar-se as edições do tratado de Sagredo (*Medidas del Romano;* ha na Bibl. de Evora a ed. de Lisboa, 1542, rarissima). A fol. 35, diz um dos interlocutores, do dialogo: «Tãbien avia ẽtretomado d'hazer vn viaje hasta Italia pues sõ los primeros inuẽtores d' las dichas medidas ãtiguas, ca como tu sabes ellas nos hazẽ mucho menester: ca ẽ ningũa manera nos podemos passar sin ellas... » E adiante a mesma advertencia supra citada de Hollanda: «E mira bien que no tẽgas presumpcion de mezclar romano cõ moderno; ni quieras buscar novedades trastrocãdo los labores de vna pieça en otra: y dando a los pies las molduras de la cabeça», fol. 4, e cita varios disparates, que são dos que Antonio Prestes fustiga, pela bôca de *Bom trabalho.*

Parece que estamos a ouvir a Antonio Prestes:

Mestre. — E a que vem a esta terra?

Diabo. — Mostrar mi saber, mis manos;
suena alla que lusitanos
su gusto, aora se encierra
en edificios romanos. (P. 72.)
Bom trabalho. — ....
mas ha cá arquitetores,
que arquitetam lambusadas
vem picanços, vão açores, etc. (P. 73.)

Ninguem até hoje comprehendeu a importancia da satyra de Antonio Prestes que illustra as palavras de Hollanda de um modo tão eloquente. Hollanda não chegou, felizmente, a presenciar o supremo insulto de vêr o Diabo incarnado em Vitruvio porque, com quanto o *Auto* fosse escripto depois de 1565, não foi impresso senão em 1587. Hollanda morreu em 1584 e em 1571 vivia no campo, retirado ha muito do bulicio da côrte. O *Vitruvianismo* teve (como o *Ciceronianismo)* por certo um culto entre nós, como em toda a parte. André de Rezende não chegou, é verdade, a imprimir a traducção de Alberti *(Livro de Architectura, Bibl. Lusit., I,* p. 169) feita por ordem do proprio rei D. João III, mas a ordem do monarcha era inspirada pela necessidade, pela falta de um compendio vitruviano.

Fol. 40 v., «de uma barra d'ouro que tirou Aires do Quintal de uma mina que descobriu». Não póde ser esta a celebre mina da *Adiça,* conhecida desde o seculo XII. A. do Quintal era em 1516, feitor-mór de Portugal e Algarves para a extracção do ouro, prata, estanho, etc. No entanto Nicolau d'Oliveira (fol. 21 v. e 22) diz que D. João III mandou buscar o ouro para o sceptro nas areas do Tejo «que os reis tem agora na mão quando os coroam, ou fazem côrtes, e se guarda em o thesouro de Lisboa». A lavagem das areias era exactamente na *Adiça,* em Almada, defronte de Lisboa. Rezende viu este sceptro *(non semel vidimus; De Antiquit. Lusit.,* p. 106). Sobre a industria mineira no seculo XVI vid. J. P. Ribeiro, *Dissert. chron.;* J. A. de Figueiredo, *Synopsis chronol.,* D. Nunes de Leão, p. 95-97. Rebello da Silva, *Historia de Portugal,* vol. IV, p. 475-480, compilou apenas esses authores. No *Boletim da sociedade de geographia* de Lisboa, n.º 2 e 3, (1878-1879), publicou O. Guedes: «Apontam. sobre a producção de ouro e prata em Portugal».

Fol. 40 v., «seus paços e casas de prazer, como fonte Nebleo em França». Francisco I construiu simultaneamente (!) Chambord, 1526; Madrid, Fontainebleau, Livry em 1528; Saint-Germain, Villers-Cotterets em 1530; Loches, Chenonceaux, Blois em 1533. Hollanda tinha pois razão de lan-

çar olhares saudosos para além dos Pyreneos! Mas Fontainebleau não era só um palacio mais ou menos luxuoso, era uma *véritable Académie*, um viveiro d'artistas (v. Courajod *L'école royale des élèves protégés*, précedée d'une étude sur le caractère de l'enseignement de l'art français, etc. Paris, 1874, p. XLV).

Fol. 40 v., «e jardins e fontes (como o duque Dorbino em Pesaro)». De Pesaro ha vistas no *Livro de desenhos* do Escurial, fol. 36 v. e 44 v. Hollanda tinha uma predilecção pelos jogos d'agua e outros artificios da arte dos jardins (v. o des. n.° 10, p. VII); d'ahi as suas queixas sobre a falta d'agua em Lisboa (fol. 17–18). Sobre os jardins de Pesaro e, em geral, sobre a arte dos jardins na sua relação com a architectura do Renascimento v. Burckhardt. *Geschichte*, etc., p. 203–210.

Fol. 41, «e magnificas pontes e aguas e aqueductos de mui longe trazidos como tenho dito». Allusão ao cap. VI do primeiro tratado (fol. 17–18). A celebre questão de Rezende com o bispo de Vizeu D. Miguel da Silva tinha alvoroçado os animos. Rezende venceu, descobrindo as ruinas do aqueducto de Sertorio, cuja existencia o seu erudito adversario negava; esta descoberta rendeu a Evora o novo aqueducto da *Agua da Prata* (v. retro, n. fol. VII–VIII). Vide sobre esta questão que produziu os tratados: *De Aqueducto Eborensi, & de aqua argentea;* e *Apologia pelo Aqueducto de Sertorio*, B. Machado, vol. I, p. 169, e vol. III, p. 484; e sobretudo: Rezende, *Historia de Evora,* cap. III. D. Miguel da Silva, *boursier* de D. Manoel na Universidade de Paris, bispo de Vizeu, escrivão da Puridade de D. João III, cardeal, legado a Veneza, Ancona e Bologna, foi um dos prelados mais eruditos do seu tempo, amigo de Bembo de Sadoleto, de Giovio. O celebre tratado de Castiglione *Il Cortegiano*, que lhe foi dedicado pelo auctor (v. ed. de Dolce, 1562, p. 3–14), levou o seu nome a todos os cantos da Europa culta. Sobre a sua tragica sorte v. Herculano, *Hist. da Inquisição,* vol. III, passim. O padre Manoel Fialho *Evora illustrada. Ms.* da *Bibl. Nac.* A–4–16, vol. II, p. 173 e 174, achou no Regimento do Aqueducto da Agua da Prata que a obra se concluira em 1531; inclina-se porém mais para a data 1533.

Fol. 41. «Pode-o servir na invenção das divisas que é cousa em que mui poucos acertam». É mister confessar, apesar do dito de Hollanda, que as divisas dos reis de Portugal, pelo menos, foram admiraveis quasi sempre. (V. Souza, *Hist. geneal.)* Sobre a relação de Hollanda com Alciato e outros, v. p. X.

Fol. 41, «com muita descrição e cuidado fizemos para os S. Thomés e S. Vicentes d'ouro». Vide o magnifico trabalho do sr. Aragão. *Descri-*

pção geral e historica das moedas cunhadas (em Portugal). Lisboa, 1875, vol. I, p. 262, 268 a 270, 281; e 411 docum., est. XV e XVIII. Os *S. Vicentes* de ouro de 22 quilates e um oitavo (30 peças em marco) foram mandados lavrar por alvará de 26 de Junho de 1555. O mesmo alvará ordenava os meios *S. Vicentes* (60 em marco). A figura de ambos póde vêr-se na est. XV n.os 7, 8 e 9. D. Sebastião continuou a lavrar essas duas moedas (p. 281), est. XVIII e XIX, n.os 2, 4 e 5. Sobre o *S. Thomé*, 20 quilates e meio. V. *op. cit.*, p. 281. O sr. Aragão julga que o *vintem*, moeda de prata de D. João III (p. 270, est. XVIII n.º 44), é do mesmo Hollanda.

Fol. 42. «Re militar, de que escreve Vegecio». Os tratados da Arte militar foram numerosos na nossa litteratura. (V. Barb. Machado, vol. IV, p. 596-598, indice XXX); infelizmente, a maior parte ficou em manuscripto. Vegecio é citado a cada passo por Luiz Mendes de Vasconcellos (auctor celebre n'estas materias), no *Sitio de Lisboa*, (1608), p. 211-242. Vitruvio e Vegecio são n'este auctor tão inseparaveis como em Hollanda. Ruy de Pina *(Chronica de D. Affonso V*, p. 433) afirma que o infante D. Pedro traduzira o livro citado de Vegecio. A *Arte da guerra do mar* do padre Fernão de Oliveira Coimbra, 1555. 4.º por João Alvares, é *intruvable. Bibl. Lusit. II*, p. 47 e IV p. 120, e *Dicc. Bibl.*

Fol. 42 v., «e como eu vi aquelle dia em Niça de Saboya, etc.» A conferencia (1538) não foi em Nizza porque o duque de Saboia não deixou entrar ninguem na cidade, nem o papa, nem o imperador, nem o rei de França, com medo de tudo e de todos. O papa septuagenario aquartelou-se ás portas da cidade, debaixo de uma tenda de campanha. Carlos V ficou em Villa-Franca, e Francisco I em Villeneuve, a duas horas de caminho do imperador! A conferencia não deu resultado porque Carlos V negou-se a receber o seu irmão de França; o armisticio, assignado a 18 de junho n'um convento de franciscanos perto de Nizza, não foi guardado. No emtanto, o papa não sahiu sem ter alcançado a promessa de casamento de seu neto Ottavio Farnese com a filha natural de Carlos V D. Margarida. Schlosser, *Weltgeschichte*, vol. X, p. 125 e seg. Hollanda assistiu ás festas do casamento de Ottavio em Roma e deixou no *Livro de desenhos* do Escurial lembrança d'elles, e das entrevistas de Nizza.

Fol. 43, «De desenhar por minhas mãos e midir as principaes fortalezas do mundo». Hollanda não exagera. O livro do Escurial offerece desenhos de todas as fortalezas que elle abaixo menciona, e até de outras que elle não cita. Cerzana é Sarzana entre Genova e Pisa; Salssas é o forte de Salces ou Salsès nos Pyreneos orientaes *(Salsulae* dos antigos)

no districto de Perpignan. O *Castel nuovo* de Napoles está ornado com o celebre Arco triumphal do rei D. Affonso e não podia deixar de dar na vista de Hollanda. Civita Castellana (obra de Antonio de Sangallo, o Velho), Genova, etc., representa os melhores especimens da arte de fortificação da Renascença. Francisco de Hollanda teria razão de se queixar da confusão de estylos que reinava na pintura portugueza na segunda metade do seculo XVI, mas não tinha o direito de menoscabar os grandes engenheiros que levantaram as fortalezas de Diu, de Ormuz, de Chaul, de Malaca e cem outras. Diogo Telles, Antonio Rodrigues, Francisco Pires, os Arrudas tiveram diante dos seus bastiões a melhor artilheria turca, fundida em arsenaes italianos e dirigida pelos discipulos dos Sangalli dos San Micheli, etc.

Fol. 45, «passar a Africa e tomar Fez». Ha aqui os desenhos intercalados a que nos referimos (n.os 23 e 24, p. IX) e que o texto não accusa. Os engenheiros que acompanharam a D. Sebastião na jornada de Africa como *sitiadores do campo* foram Nicolau de Frias e Felipe Sterzo ou Estercio, italiano. *(Lista,* p. 5). Mais uma profunda decepção para Hollanda.

Fol. 45, «e nos mappas e cartas de Africa, como fiz já uma de muito preço para Roma ao Arcibispo do Funchal», etc. O infante a que se allude será, naturalmente, D. Luiz, irmão d'el-rei. O arcebispo é D. Martinho de Portugal, neto do marquez de Valença (e filho do bispo de Evora D. Affonso, emquanto secular) parente de D. João III e seu embaixador em Roma, depois legado em Portugal, arcebispo do Funchal e metropolitano de todas as conquistas do Oriente. Este prelado illustre a quem o papa chegou a offerecer o bastão de general dos seus exercitos representou um grande papel em Roma no pontificado de Clemente VII. Vasari *(Vite de Niccolo Soggi X,* p. 217, 229 e 230) pinta-o como grande protector dos artistas. Domenico Giuntalochi retratou-o n'um grande quadro com uns vinte amigos *(tutti suoi familiari ed amici),* que representava o cenaculo de portuguezes illustres vivendo em Italia. Goes, que entrava de certo n'este numero, chama-o «homem de altos pensamentos, e grande cortezão na côrte de Roma, onde muytos annos residio em serviço destes Reynos com muyta honra, e grande familia, do que eu sou boa testemunha de vista». *(Cronica do P.e D. João,* ed. 1790, p. 41). Tambem nos opusculos latinos faz menção d'elle *Fides,* etc., p. 224 e 225 *nota.* Foi D. Martinho quem apresentou em Bologna o embaixador do Prestes, Francisco Alvarez, a Clemente VII e a Carlos V (Janeiro de 1533). Morreu D. Martinho a 15 de Novembro de 1547 (Souza, *Hist. geneal. X,*

p. 883). Na Bibliotheca d'Evora existe um quadro pintado a tempera sobre taboa, no estylo chamado Grão-Vasco, com o retrato de dois prelados mitrados que nos parece representar D. Martinho de Portugal e seu pae D. Affonso, bispo de Evora, prelado igualmente amigo das artes, que jaz (1522) n'um magnifico mausoleu na bella igreja da Graça em Evora. (Souza, *Hist. geneal. X*, p. 533.) É possivel tambem que o prelado do lado direito com as armas de Aragão sobre as quinas e luvas vermelhas seja o cardeal D. Affonso, filho de D. Manoel e de sua segunda mulher (filha dos reis catholicos). D. Martinho governou em 1522, em nome de D. Affonso, o bispado de Vizeu. As armas de Aragão entraram no escudo de Bragança com D. Jayme, filho do duque D. Fernando justiçado em Evora. (Souza, *Hist. geneal. X*, p. 650.) Em todo o caso o quadro merece a maior attenção. A *rede de pescador* (armas da rainha D. Leonor, que ella adoptou depois da morte desastrada do infante D. Affonso, 1491) no firmal do prelado do lado esquerdo é problema para os genealogistas.

Fol. 46, «que homens ha de escolher pera Viso-Reis» etc. A ironia de Hollanda nunca foi mais pungente; mas o pintor tinha razão; a India caminhava a passos rapidos para o estado de decadencia como nol-o pintam as *Memorias de um soldado na India*, (1585–1598; ed. de Costa Lobo, Lisboa, 1877) e mais tarde, os escriptos de Couto. (*Soldado pratico*, 1611, etc.)

Fol. 46 v., «sem lhes consentir mudarem os trajos neciamente» etc. As leis sumptuarias de D. Sebastião (que regulavam inclusivè as comidas que cada um devia ter á mesa), as relações coevas de viajantes estrangeiros (nuncio Alessandrino, 1571, embaixadores de Veneza, Tron e Lippomani, 1581), as palavras do illustre historiador de Thou retratam ao vivo os desvarios da nobreza, no meio de um luxo asiatico, emquanto o povo morria á fome.

Fol. 46 v., «e que se não possam antes chamar fraquelezas, como dixe Bras Pereira á do Porto». Este fidalgo, em cuja casa Hollanda se hospedou quando foi á romaria de S. Thiago, com o infante D. Luiz, figura como interlocutor no *Dialogo de tirar pollo natural*. Foi filho de Fernão Brandão, guarda-roupa do infante Fernando, e muito entendido em assumptos d'arte.

Fol. 47, «como dixe El-Rei Dom João o segundo a Garcia de Resende». V. Barbosa Machado e Raczynski ácerca de Resende. Maximiliano I, primo d'el-rei D. João II por ser filho da infanta D. Leonor (irmã de D. Affonso V) protegeu muito A. Dürer.

Fol. 47, «estimou o mestre Jacome». Citado por Hollanda, como

italiano, *Da pintura antiga,* segunda parte, fol. 179 Martinos não vem citado n'esse tratado.

Fol. 47, « estimava meu pai (sem ser pintor) ». Entende-se pintor *a oleo,* cousa que o proprio Hollanda confessa não ter aprendido. (*Da pintura antiga,* fol. 87 v., 143, etc.)

Fol. 47 v., « em um livro que agora tem o filho do Infante (sc. D. Luiz), Senhor Dom Antonio ». É o *Livro de desenhos* do Escurial. O possuidor é o infeliz Prior do Crato, depois pretendente á corôa com Felipe II, e rei de Portugal no exilio, v. sobre a sorte d'este livro a introducção, p. XXIV, Codice D.

Fol. 47 v., « a Muito Serenissima Emperatriz vossa avô ». D. Isabel, filha de D. Manoel e de sua segunda mulher D. Maria, a qual era filha dos reis catholicos. Sendo a mãe de Carlos V, tambem filha dos mesmos reis, vinha a ser a imperatriz D. Isabel, prima direita de seu marido; casou em 1526 e falleceu a 1 de Maio de 1539, v. Andrade, *Chronica,* parte I, cap. LXXXXIII.

Fol. 48 v., « dixe-lhe então o Duque d'Aveiro, não sei que em meu favor ». Já dissemos que toda a relação d'esta scena foi alterada por Hollanda; que elle, depois de cortar uma pagina (ou paginas?) inteiras (fol. 49), ainda emendára a folha substituida em numerosas passagens. (V. retro, p. XII e *Lista das emendas.*) O duque d'Aveiro era D. João de Lencastre que contra o que diz Andrade (*Chronica,* parte III, p. 69), acompanhou o infante D. Luiz a Barcelona. Este mesmo duque foi depois segunda vez a Hespanha para dar a Carlos V, em Toledo, os pezames da morte da imperatriz D. Isabel (Maio de 1539). Sobre os outros fidalgos que acompanharam o infante D. Luiz, v. Andrade. (*Op. cit.,* parte III, p. 70); Goes, *Chronica,* parte I, p. 274 e seg.; Souza, *Hist. geneal. XI,* p. 45.

O imperador partiu a 30 de Maio de 1535 de Barcelona; a 25 de Julho era tomada a Goleta com 300 peças. Ao infante D. Luiz se deve a tomada de Tunes, porque Carlos V queria voltar a Hespanha depois de tomada a Goleta « o que se não fez por o infante o contrariar, por cujo conselho o Emperador passou adiante ». E ainda: na qual (viagem) elle foi causa unica de o Emperador ir sobre Tunes. (Goes, *Chronica,* parte I, p. 274). O infante levava na sua armada de soccorro, commandada por Antonio de Saldanha, o celebre galeão *Botafogo,* que decidiu a victoria da expedição.

Fol. 48 v. « E veio o Senhor Oracio Fernes ». Tio do illustre general de Felipe II, Alexandre Farnese, que foi casado com a infanta D. Maria de Portugal (fallecida em 1577). Oracio foi filho natural de Pietro Luigi,

(creado duque de Parma e Piacenza pelo papa Paulo III, seu pae); casou com Diana de Angouleme, filha natural de Henrique II, de França, e morreu no assedio de Hesdin (1553).

Fol. 49, «outra ao Marques de Gasto (Guasto)». Affonso d'Avalos, sobrinho de Fernando Francesco, marquez de Pescara, que foi marido da celebre Vittoria Colonna, tão fallada nos dialogos do tratado *Da pintura antiga.* O marquez del Guasto (cit. por Andrade III, p. 71), esteve como seu tio no serviço de Carlos V, combatendo na Austria contra os turcos em 1532, e em Tunes. Em 1540 era embaixador em Veneza, e em 1541 governador de Milão. Morreu em 1546. Foi elle que deu logar ao rompimento da tregua negociada em Nizza (a que nos referimos) mandando assassinar por ordem de Carlos V os agentes de Francisco I, Rincon e Fregoso. É provavel que o marquez prestasse serviços a Hollanda na Italia e o recommendasse a sua tia Vittoria Colonna; o pintor diz que foram Messer Blosio, secretario do papa e Messer Lattanzio Tolomei os seus introductores junto de Miguel Angelo. *(Da pintura antiga,* fol. 97), mas quem o recommendou a Tolomei foi a propria marqueza (fol. 97 v.). Se nos lembrarmos das estreitas relações da embaixada de Portugal em Roma com os cardeaes romanos, agentes de D. João III em assumptos religiosos (os chamados cardeaes-protectores de Portugal os dois Pucci, Lorenzo, e Antonio; Alessandro Farnese, Santa Fiore, etc.), e da amizade de alguns d'elles com Miguel Angelo Condivi, p. 51, 52 e 53, ed. Eitelberger; Milanesi *Lettere* di Michelangelo; Vasari, etc.; será facil completar a historia das relações de Hollanda (e da côrte portugueza) com M. Angelo. O cardeal Santiquatro (Antonio Pucci, porque Lorenzo era fallecido em 1531) e D. Pedro de Mascarenhas, embaixador de D. João III, são allegados como testemunhas dos elogios que Miguel Angelo fez ao *Livro de Desenhos,* de Hollanda (fol. 96 v.). Mascarenhas tinha feito positivamente encommendas a M. Angelo para D. João III, descoberta que se deve unicamente a Herculano (tomo III, 1859) (1), contra o que dissemos em outro logar: *Arch. art.,* fasc. IV, p. 167. Outra corrente das relações da côrte com os artistas de Italia eram os legados apostolicos, nuncios e colleitores, além dos Pucci, depois protectores no Sacro Collegio, Marco della Rovere, Riccio (Monte Puliciano) e outros amigos de M. Angelo. Notaremos finalmente que a medalha com o retrato de Paulo III, tirado do natural, que o embaixador D. Pedro Mascarenhas mandou a D. João III

(1) *Hist. de Inquisição,* III, p. 230, nota da 2.ª ed. de 1872.

(Herculano, III, p. 212, *nota)*, era provavelmente obra de Hollanda, que retratou esse pontifice no *Livro* do Escurial, fol. 1 v., logo depois do titulo, Hollanda allude a outra medalha de D. João II, na figura de Alexandre, feita por elle (v. texto, parte segunda, fol. 28 v.). Não eram medalhas no sentido moderno (gravura em metal), mas sim pinturas sobre pergaminho, em fórma oval, para serem fechadas talvez em medalhas. O retrato de Paulo III, no Escurial, é tambem *medalha* (em oval).

Temos ainda a fazer uma observação a uma nota de p. VIII.

A familia dos Hollandas foi mais numerosa do que se julga. Nas *Moradias* da casa real descobrimos mais um irmão de Francisco de Hollanda, ignorado até hoje: Jeronymo de Olanda, no *Rol dos Moradores* do infante D. Duarte, filho de D. Manoel (Souza, *Provas*, vol. II, p. 615), inscripto como *Moço da camera*. Nas moradias de D. João III (*Provas*, vol. VI, p. 597) reapparece no mesmo cargo, com a designação de filho de Antonio de Hollanda. Mais adiante, nas moradias do mesmo rei figura um Antonio de Hollanda como *Passavante*, entre os officiaes da nobreza das armas. É provavel que seja o pae de Francisco. É tudo quanto se póde saber das moradias da casa real, porque as examinámos todas com cuidado.

INSCRIPÇÃO DA PONTE D'ALCANTARA

A fol. 21 e 21 v., do Codice (v. retro, parte I, p. 16, *nota)*, acham-se tres inscripções d'esta ponte, que aqui reproduzimos fielmente. Para a critica d'ellas remettemos o leitor ao *Corpus,* vol. II. *Titvli Pontis Alcantarensis,* p. 89-96. Addenda, p. 696; Avctarivm addendorum XL. Inscript. falsae vel alienae, p. 11 *, 75 *.

As explicações de Hollanda dizem:

a) « Versos da Ponte Dalcantara q̃ estão no *frõ* | tespicio do Templo sobre o Penedo do Tejo ».

b) « Estas letras estão no Arco do meo da Ponte ».

c) « E estas nos Pilares sobr'estas Mãos de metal ».

a)

IMP.CÆSARI.NERVÆ.TRAIANO.AVG.GERMANICO.DACICO.
TEMPLVM.IN RVPETAGI.SVPERIS.ET CÆSARI.PLENVM.
ARS.VBI.MATERIA.VINCITVR.IPSA.SVA.
QVIS.QVALI.DEDERIT.VOTO.FORTASE.REQVIRIT.
CVRA.VIATORVM.QVOS.NOVA.FAMA.IVVAT.
INGENTEM.VASTA.PONTEM.QVI.MOLE.PEREGIT
SACRA.LITATVRO.FECIT.HONORE.LACER.
QVI.PONTEM.FECIT.LACER.ET.NOVA.TEMPLA.DICAVIT.
SILICET.ET.DIVIS.MVNERA.SOLA.LITANT.
PONTEM.PERPETVI.MANSVRVM.IN.SÆCVLA.MVNDI.
FECIT.DIVINA.NOBILIS.ARTE.LACER.
IDEM.ROMVLEIS.TEMPLVM.CVM.CÆSARE.DIVIS.
CONSTITVIT.FOELIX.VTRAQVE.CAVSA.SACRVM.

G IVLLIVS.LACER.H.S.F.ET.DICAVIT.
AMICO. CVRIO. LACONI. ICÆDITANO.

b)

IMP. CÆSARI. DIVI NERVÆ. F. NERVÆ. TRA
IANO.AVG.GERM.DACICO.PONTIF.MAX.TRIB
POTES.VIII.IMP.V.CONS.V.P.P.

c)

MVNICIPIA.PROVINCIÆ
LVSITANIÆ.STIPE.CONLATA
QVÆ.OPVS.PONTIS.FECER.
ICEDITANI.LANCIENS
ES.OPPIDANI.INTER
ANIENSES.COLARNI.
LANCIENSES.TRANSCV
DANI.ARABI.
MEDVBRICENSES.
ARTABRICENSES.
BANIENSES.
PESVRES.

GLOSSARIO [1]

Abes — aves, p. 46 v.
aço vivo, 42 v.
admirabel, 33.
alardos, 45.
alifante, 18.
almatica, 38.
anichilar, 29.
ante — diante, 26.
arcibispo, 45.
arifes — recifes, pl., 45.
artelharia, 46 v.
avessadas (termo de cetraria), 41 v.
bago — báculo, 39.
bataria, 7.
benificio, 18.
bestido, 47.
binignissimo, 49.
caparões (termo de cetraria), 41 v.
casas matas, 43.
Caterina, 12.
cetraria, 41 v.
çintinella — sentinella, 43.
Cointim de Frandes — Quentin Messys.
colores, p. 45 v.
congeiturar, 5 v.
consiguir, 40.
consirar — considerar, 3 v., 8, 24 v.
contrairo, 35 v.
corenta — quarenta, 25 v.
cupioso, 41 v.
custumar, 7 e 8, 43 e 45 v., passim.
custume, 15, 48 v.
daga, 41.
danar — damnificar, 34 v.
Davi — David, 7.
debuxo — debuxar, 36 v.
deferença — differença, 42 v.
dereito, 29.
des — desde, 6 v.
descalça (de calçadas); Lisboa está descalça de calçadas — descalças calçadas que a Lisboa vão e vem, 20.

(1) V. Introd., p. XVI.

descrição — discrição — *(discretio)*, p. 41.
desegno (passim).
devação, 38 v., 39.
Diana (o) — Guadiana, 17.
dibuxo, 41 v.
diliberação, 37 v.
dino, 14 v., 24 v., 43.
dirivar, 19 v., 34 v.
divera — devêra, 7 v.
divída — devída (partic. de dever). 39 v.
dixe, 42, 46 v., 48.
dixesse, 47.
dorsses — doceis (pl. de docél), 39, 41.
edeficio, 5, 5 v., 40 v., 47.
edeficar, 3 v.
embasamento, 24 v.
emitar, 17 v., 23, 24 v., 29 v., 37 v.
emperador, 34 v., 45 v., 47.
emperatriz, 36.
emprender — emprehender, 14 v.
Enbers, 7.
entenção — intenção, 28.
enxaltação — exaltação, 29.
escalavrar (o papa com uma taboa) 35 v.
eycelente, 17 v., 26, 29 v., 36, 37 v. 38 v., 47.
fazimento de graças, 29 v.
fermosentar, 28 v.
Fernes — Farnese (Aless.), 48 v.
fezerão, 19, 20, 20 v., 43.
filosomia — physiognomia, 46.
Fonte Nebleo — Fontainebleau, 15 v., 40 v.
forças — fortalezas, 3 v.
forteleza, 17, 46 v.
Frandes, 7.
fraqueleza — fraqueza (em opp. a fortaleza), p. 46 v.
Gante, 6 v.
genelosia — genealogia, 29.
genolosia — 43.
Genoa — Genova, 7 v., 43 v.
ginita, 41.
ifante, 41, 43, 45, 45 v.
imigo, 7 v.
iminente, 29.
iminentissimo, 7.
impé (im pé) — em pé, 35 v.
incaminhar (com vias e estradas), 28 v.
inda, 37 v. — inda que, 36, 43 v.
indescrição — indiscrição, 8.
indino, 26.
inexpunhavel — 6, 7, 7 v., passim.
insinar, 14 v., 23 v., 46.
insino, 37.
inutel, 26, 36, 37.
invesivel, 40.
isento — soberano, altivo, 35.
istilo, 28 v.
Jacome (mestre J. pintor), 47.
jaezes de motão (termo de cavall.), 41.
labastro — alabastro, 38 v.
lagias — lages, 45.
Lianor, 38 v.
libreos, pl. de libreo, *(leporellus)*, 41 v.
librés, pl. de libré, *(leporellus)*, 46 v.
louçainhas — louçanias, 40 v., 41 v.
Lyonardo de Vince. V. Vince.
macenaria — marcenaria, (esculpt.) 39.
magnificar, 29.
marmos — marmores, 23.

INDICE

ERRATAS

Parte I p. 4, lin. 4, de baixo, erro de transposição—leia-se: em o começo da fortaleza de S. Gião.
» II p. 3, » 15, de cima, dizer alguns Grandes—leia-se: grandes.
» » 5, » 10, de baixo, porque o faço—leia-se: por que o faço.
» » 8, » 12, de baixo, Dom João III—leia-se: Dom João II.
» » 10, » 3, de cima, escolher os ritos—leia-se: esc. os sitios.
» » 10, » 6, de cima, pondo em ritos—leia-se: pondo em sitios.
» » 12, » 7, de cima, para as juntas—leia-se: para as justas.
» » 17, » 12, de baixo, sómente polas pintar—leia-se: sómente pola pintar.
» » 18, » 10, de baixo, como dix—leia-se: como dixe.
» » 19, » 3, de cima, como dix—leia-se: como dixe.
» » 19, » 18, de cima, e excelentissimos—leia-se: e eicelentissimos.
» » 20, » 6, de cima, do Infante Senhor Dom Antonio—leia-se: do Infante, Senhor, etc.
» » 22, » 2, de cima, e mostrou-me—leia-se: e mostrar-me.
Notas—p. VI, » 18, de baixo, pelos vol. III a VIII—leia-se: pelos vol. IV a VIII.